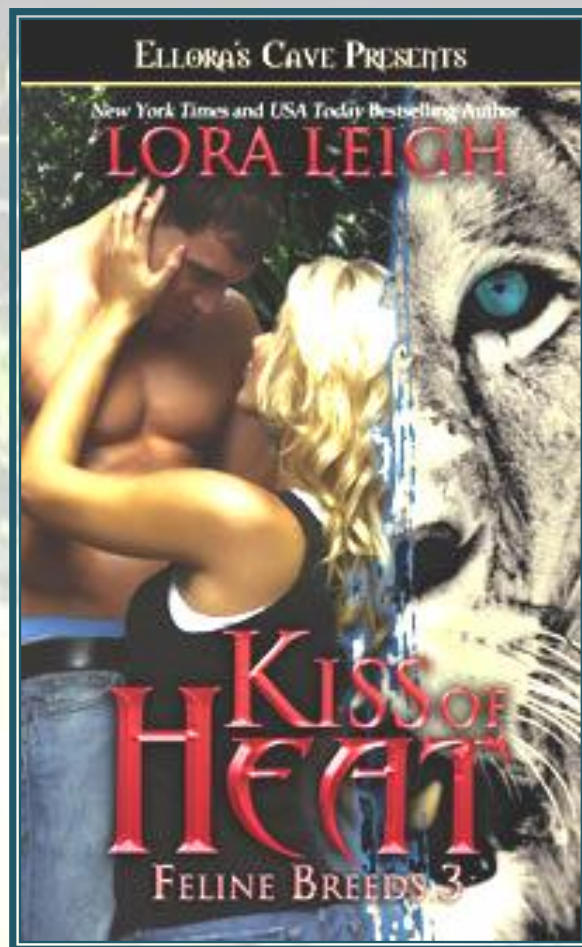




BEIJOS ARDENTES

Lora Leigh

Sherra conheceu a dor, o amor e a traição dentro dos laboratórios do Complexo. Seu desejo de vingança por Kane – o homem que amou e traiu-a é muito forte. Ele prometeu resgata-la, mas não cumpriu sua promessa; ele a amou e desapareceu. Kane, nunca quis trai-la. Ele acreditava que ela estava morta e com essa certeza, tentou manter viva sua memória através do trabalho junto as Raças para assegurar a elas um lugar digno na sociedade, como seres humanos, bem como protegê-los da violência dos Puristas.

Mas agora que Sherra está de volta e eles estão juntos novamente.

Ela não está disposta a confiar Kane!

Ele quer sua a mulher de volta!





Lora Leigh



Disponibilização e Tradução: Denise Ferreira

Revisão: Marivone Pereira

Re-revisão e Formatação: Catia Alencar

Cronologia das Raças

1) Tempting the Beast Callan and Merinus	2013 Felinos
2) The Man Within Taber and Roni	2014 Felinos
3) Elizabeth's Wolf Dash and Elizabeth	2016 Lobos
4) Kiss of Heat Sherra and Kane	2017 Felinos
5) Soul Deep Kiowa and Amanda	2022 Lobos / Coiote
6) The Breed Next Door (in Hot Spell anthology) Tarek and Lyra	2023 Felinos
7) Megan's Mark Braden and Megan	2024 Felinos
8) Harmony's Way Harmony and Lance	2024 Felinos
9) Tanner's Scheme Tanner and Scheme	2024 Felinos
10) Wolfe's Hope Wolfe and Hope	2025 Lobos
11) Jacob's Faith Jacob and Faith	2025 Lobos
12) Aiden's Charity Aiden and Charity	2024 Lobos
13) In a Wolf's Embrace (in Beyond the Dark anthology) Matthais and Grace	2025 Lobos
14) Dawn's Awakening Dawn and Seth	2024 Felinos
15) A Jaguar's Kiss (in Shifter anthology) Saban and Natalie	2024 Felinos
16) Mercury's War Mercury and Ria	2024 Felinos
17) Christmas Heat (The Magical Christmas Cat anthology) Noble and Haley	2025 Felinos

ELLORA'S CAVE PRESENTS

A Criação das Raças

Eles foram criados, eles não foram concebidos.

Eles foram treinados, eles não foram educados.

Ensinarão-lhes a matar, a destruir, e agora eles usarão seu treinamento para assegurar sua liberdade.

Elas são as Raças.

Geneticamente modificados com o DNA dos maiores predadores da terra. O lobo, o coiote, o leão, o puma, o leopardo, o jaguar, o tigre; os animais mais letais e caçadores do mundo. Eles deveriam formar poderosos exércitos de uma sociedade fanática com a intenção de ter seu próprio exército pessoal. Um poderosíssimo exército de homens com extraordinários instintos animais de caçar, matar e sobreviver.

Até que o mundo soube de sua existência.

Até que o Conselho de Genética Mundial perdesse o controle de suas criações, e suas criações começaram a mudar o mundo.

Agora eles são livres.

Com a união das Raças do mundo inteiro eles criaram suas próprias comunidades, sua própria sociedade e sua própria segurança, e a luta para ocultar um segredo que poderia destruí-los.

O segredo do calor de acoplamento.

A substância química, biológica, a reação emocional de uma Raça ao homem ou a mulher, quer dizer que eles se unirão ao seu par para sempre.

Uma reação que une fisicamente.

Uma reação que muda mais que somente as respostas físicas, aumentando a sensualidade.

A natureza converteu o calor de acoplamento no ponto fraco das Raças.

Isto é sua força, e ainda sua debilidade.

E a Mãe Natureza ainda continua jogando. O homem tentou perverter a criação divina da Natureza.

Eles, as Raças eram essas aberrações, criados de animais... Agora a Natureza vai mostrar ao Homem exatamente como Ela pode refiná-los.

Seus homens são fortes.

Eles se dobram, eles nunca se quebram.

Eles são os pináculos de força do nascimento. Construído para lutar, para sobreviver, para proteger. Proteger a suas fêmeas sejam elas amantes, companheiras ou irmãs.

E são suas irmãs que sofreram muito mais que eles. Fêmeas criadas por homens como objetos, assim pouco mais que instrumentos para matar, e satisfazer suas próprias luxúrias covardes, horrorosas. E são estas fêmeas que sofrem a dor mais duradoura. As fêmeas que, agora que a liberdade foi obtida, devem superar os pesadelos para fazerem-se companheiras.

A Mãe Natureza não aceitará nada menos. Em seus corações fluem com o sangue das maiores criaturas assassinas sobre a terra: a loba, a leoa, a puma, o doador de vida, os vigilantes e os caçadores. São estas fêmeas que agora devem confrontar os pesadelos, os medos e as memórias ardentes de dor e sofrimento para encontrar a vida que a Mãe Natureza predestinou a muito tempo para todos eles.

O homem os criou.

Mas Deus os adotou.

E agora a Mãe Natureza se ocupará de sua sobrevivência definitiva.

FELINE BRANDON'S

ELLORA'S CAVE PRESENTS

Prólogo

Sherra estava na sombra do motel em silêncio, observando com cuidado, entrecerrando seus olhos quando os nove homens se separaram e foram às suas respectivas residências. Estavam furiosos, mas só um deles exsudava perigo. Ela os tinha visto no aeroporto depois de deixar Doc na casa de segurança, logo os tinha seguido ao motel e tinha visto como se registraram. Kane não se parecia com Merinus. Ele tinha o cabelo mais escuro, cor quase negra, olhos intensos, frios e azuis. Seu queixo forte e maçãs do rosto altos davam uma pista de sua ascendência nativa americana, seu corpo duro, cheio de graça, insinuava o extenso treinamento militar. Ela conhecia esse olhar, o modo em que o assassino se movia. Ela tinha crescido entre eles, tinha sido violada por eles mais de uma vez. Mas a este, ela o conhecia pessoalmente. Este homem havia trazido seu prazer. Apesar de suas súplicas, apesar de seus desejos do contrário, ele a tinha tomado sob o olho insensível de uma câmara, levando-a de um clímax a outro, sua luxúria igualada pela sua, e a seu por seu toque.

Isto só tinha sido há sete anos? Doce céu, aquela noite a atormentou sempre, inclusive agora, como se tivesse sido no dia anterior. O soldado escuro que tinha jurado ajudá-la e resgatá-la. Ele tinha vindo, sustentando a liberdade em uma mão, seu coração na outra, e tinha passado a noite lhe ensinando os prazeres do corpo. Quando partiu, nunca voltou. Mas os doutores sim. Com o vídeo, vieram as risadas, as brincadeiras das coisas que Kane Tyler lhe tinha feito, o que lhe tinha feito, todo em nome da ciência. A violação não a tinha fecundado. Eles se perguntavam se o prazer o faria.

Suas mãos se apertaram com raiva quando saiu fora de seu quarto, preguiçosamente terminando um cigarro que tinha aceso momentos antes. Ela quis matá-lo agora. Tinha jurado que o mataria se alguma vez o encontrasse. Tinha jurado que ele pagaria cada momento de dor que ela sofreu todos aqueles anos. Tinha jurado que ele pagaria por lhe mentir, e por fazê-lo tão facilmente sem seu conhecimento. Ele a tinha traído, tal como tinha traído a sua irmã.

Sua expressão se endureceu quando a última porta finalmente se fechou e ficou a sós com ela.

— Onde está Merinus? — Sua voz era selvagem, pulsando com uma fúria que enviou uma fresta de inquietação a seu corpo.— E por que demônios não nos encontramos no aeroporto como prometeram?

— Tenho uma pergunta melhor — lhe respondeu da segurança das sombras.— por que um irmão trairia à irmã que ele jura amar?

Ele girou devagar, casualmente, até que a enfrentou. Ela viu a dureza em sua expressão e a surpresa.

— De que diabos está você falando?

— Uma equipe inteira de soldados varreu a casa de Calam. Uma dúzia de homens. Tudo o que sei é que eles não os prenderam. Mas sei que eles a querem. Eles sabem sobre ela.

— Sabem o que, por Deus? — Ele passou seus dedos por seu cabelo, sua voz era tranqüila, mas a um passo da fúria.— por que demônios eles atacariam agora?

— Eles sabem que sua irmã é a companheira de Calam — lhe disse com cuidado.—Tal como você deve sabê-lo.

Sabia ele? Ela olhou sua face pálida alarmada, seus olhos azuis abertos com surpresa.

— Aquele bastardo a tocou? —Mordeu entre dentes.

— Não — falou ela arrastando as palavras. — Ele se acasalou com ela. Certamente você recorda o conceito? E agora o Conselho não se preocupa se ele estiver vivo ou morto. Eles querem à mulher e qualquer criança que ela pudesse levar. Mas você já sabia isso, não senhor Tyler? Por que atacariam eles só umas horas depois de que ela se comunicasse com você?

Ele sacudiu sua cabeça devagar.

— Nunca traí a minha irmã. Não o faria. —Sua voz enviou uma frieza sobre sua espinha dorsal.

Sherra franziu o cenho.

— Vim para matá-lo, Kane Tyler — lhe disse com cuidado.

Ele não pareceu surpreso agora. Sua boca se torceu com uma careta zombadora.

— Talvez você pudesse atrasar seu pequeno intento durante o tempo que leve salvar à tola de minha irmã —ladrou.— O que é essa merda do acoplamento?

— Mais tarde —respondeu Sherra.— Agora não há tempo para explicações. Agora é tempo para que você me diga como soube o Conselho sobre o acoplamento, se Merinus não o disse a você.

E Sherra esteve quase segura de que ele certamente não sabia. Ele era um mentiroso, mas neste caso, dizia a verdade. Seus dons tinham crescido com os anos, com a maturidade e à força de desespero. Ela agora podia cheirar uma mentira como os outros podiam cheirar o lixo.

— Quem é você? — sua voz crepitou.— E você vai ter que aproximar-se mais mulher. Não posso ajudar ao Merinus ou Calam com tão pouca informação.

Suspirando, Sherra deu um passo das sombras. Ela olhou seus olhos aumentando-se quando a reconheceu.

— Não está morta! — Sussurrou, piscando, tentando assegurar-se de que ela estava ali.

A amargura a encheu com uma onda de dor tão intensa, que ameaçou abafando-a.

— Não, amor, não estou morta. Mas isto não significa que tenha muito pelo que viver.

E Sherra confrontou seu passado como nunca o tinha feito antes. Os pesadelos e esperanças rotas se fragmentaram ao redor dela, fazendo entrar sua alma em um vazio triste, escuro do que ela temeu nunca poder escapar. Sentiu a luxúria avançar por seu corpo, a necessidade, tal como Calam e Merinus a sentiam, trovejando através de seu sangue, através de seu mesmo ser. Ante ela se encontrava o homem que a tinha

traído anos atrás. Em um laboratório triste, frio, seu corpo respondendo ainda sem seu consentimento, lançando-a para o prazer apesar de cada barreira que ela apresentou contra isso. Seu companheiro. O pai do criança que ela tinha perdido. Um homem ao que tinha jurado matar.

Capítulo 1

Cinco meses mais tarde.

— Boa tarde, gatinha! — a voz deliberadamente arrastada de Kane enquanto Sherra entrava na cozinha, preparada para a reunião semanal em que Calam insistia, fazia que o cabelo detrás de sua nuca se arrepiasse em defesa instantânea. Essa voz arrastada nunca indicava uma agradável conversação quando Kane estava envolvido.

Não que qualquer conversação entre ela e ele tenha sido sempre agradável, entretanto, recordou-se a si mesmo sarcasticamente. Ele insistia em provocá-la em qualquer oportunidade e geralmente fazia seus melhores intentos para ver simplesmente quão zangada a podia colocar.

Seus olhos azuis eram indiferentes, calculadores, olhando-a com uma mofa divertida que o fazia querer arrancá-la. Essa necessidade estava em conflito direto com o desejo entristecedor de transar com esse tolo. Estava no cio. Odiava isso mas não tinha opção, exceto admiti-lo. Depois de oito longos anos de dor e medo, agora sabia porquê seu corpo a traía, começando com uma entristecedora excitação e terminando com um ermo, quase agonizante dor, antes de diminuir lentamente. Por um mês, cada ano, tinha estado entrando em calor. E tinha sofrido porque seu consorte já a tinha tomado, já tinha programado seu corpo para não aceitar outro toque senão o dele.

Se ele tivesse sido um da Espécie, ela poderia havê-lo entendido. Merinus e Roni tinham sido marcadas por seus consortes, seus corpos condicionados pelos fluidos hormonais que liberavam as glândulas inchadas justo debaixo das línguas dos homens. Mas Sherra sabia que na única noite que ela tinha passado com o Kane suas próprias glândulas hormonais não tinham sido ativadas. E ela sem dúvida alguma não tinha cometido o engano de beijá-lo desde que ele tinha irrompido de volta em sua vida. Não desde que tinha aprendido os sinais do calor copulativo e tinha sabido além de uma sombra de dúvida que Kane era seu consorte.

Ele se apoiava negligentemente contra o mostrador da cozinha, xícara nas mãos, seu corpo alto, esbeltamente musculoso, relaxado e tentador. Suas calças jeans inchadas no alto de suas coxas. Ela tragou o café apertadamente enquanto arrastava

seu olhar sobre ele. Ele estava duro e louco para transar. E só Deus sabia justamente quão perversamente queria que ele viesse a ela. Forte e grosso, seu pênis entrando no seu sexo molhado, até que ela gritasse. Quase tremeu ante o pensamento enquanto sentiu uma corrente de calor fluindo nela.

— Oh, agora há algo interessante — sua voz divertida baixou um tom enquanto ele obviamente notava a traiçoeira cor. — por que o rubor, gatinha? Está com calor?

Separando-se dele rapidamente, ela fingiu indiferença enquanto colocava os arquivos sobre a mesa em preparação para a chegada do resto da Manada.

— Kane, você está começando a me irritar — lhe disse serenamente sem voltar-se. — Seus pequenos e ardilosos comentários me colocam os nervos a flor da pele. Continua, e eu te mostrarei como briga um verdadeiro Felino.

Ele grunhiu, o som cheio de sarcasmo. — Seja boazinha, Sherra, ou mandarei o nosso pequeno anjo sobre você. Ela te morderá, lembra? Cassie realmente lhe tinha grunhido no dia anterior quando Sherra tinha respondido Kane bruscamente a respeito de algo que lhe disse. A garotinha era assombrosamente protetora com ele.

Sherra olhou para o Kane enquanto negava com a cabeça compasivamente. Pobre Cassie. Estava aprendendo tantos maus hábitos dele.

— Prometemos mantê-la afastada de você — lhe disse. Kane não era uma boa influência sobre a criança, isso parecia. — vais transforma-la em um pequeno monstro se continuar colocando-a a perder do jeito que está fazendo.

Ele sorriu com presumida diversão.

— Combate à pequeno punho em que você e Merinus a quereriam converter — replicou ele. — Deixa a criança ser uma criança, diabos. Não é que ela tenha tido muita oportunidade nesses últimos dois anos.

Isso não era mais que a verdade. Segundo as informações do Dash Sinclair, a garotinha tinha vivido um pesadelo de constantes ataques e fugas se desesperadas enquanto sua mãe lutava por mantê-la segura. Ela era a primeira criança da Espécie Lobo conhecida concebida fora de um tubo de ensaio, e o preço sobre sua cabeça devido a isso era astronômico. Mas isso não queria dizer que Kane tinha que converter a uma criança perfeitamente doce em algo como um pequeno *marimacho*.

— Ela é um criança pequena, não um rufião — Sherra se voltou contra ele carrancuda. — Kane, teve-a em uma briga de barro ontem. Não há desculpa para isso a estas alturas do ano.

Ele sorriu. Uma deliberada e lenta curva de seus lábios enquanto seus olhos azuis se enchiam de regozijo.

— Sei. Maldição, a garota tem boa pontaria, não é assim? E não estava frio, fazia calor como o inferno e ela estava passando um bom momento. Isso é tudo o que necessitava.

Kane e Cassie, ambos, estiveram cobertos de barro da cabeça aos dedos dos pés. No momento que Sherra se aproximou da porta, recriminando Kane por causa da massa de terra firme pegajosa tinha salpicado contra um lado de sua cabeça. O pequeno anjo, conhecida como Cassie Colder, tinha-lhe informado muito ferozmente que ela era um lobo e Sherra uma gata e se ela não fosse muito simpática com o Kane então ia mordê-la.

— Ao ritmo que ela está, vou ter que colocá-los a ambos uma correia — disse acaloradamente. — Deixa-a respirar. Ela é simplesmente uma criança.

Em um segundo sua expressão passou de uma risada presumida a uma de intensa e escura sexualidade.

— Uma correia, né? — Sua voz se voltou rouca, aveludada, seu olhar caindo sobre seu seios enquanto eles se elevavam sob a camiseta de algodão que ela levava posta. Ela podia sentir seus mamilos endurecendo-se. — Podemos incluir algemas? Tenho algumas, sabe?

O calor fez erupção entre suas coxas. Maldito ele e suas brincadeiras. Ele só estava alimentando a progressão de seu calor, fazendo mais duro para ela lutar. E ia insistir em piorá-lo. Podia ficar o dia melhor? perguntou-se sarcástica.

— Só se você for o que está nelas — ela retrocedeu de repente, tratando de ignorar a imagem dele encadeado a sua cama, estirado baixo ela enquanto se baixava a si mesmo sobre a rígida longitude de sua ereção. A vista era muita tentadora para permitir-lhe por muito mais tempo.

Infelizmente, suas palavras cáusticas tiveram pouco efeito nele. Seus insultos raramente obtinham mais que um tênue vislumbre de irritação dentro desses olhos escuros. Mas isso lhe trouxe a essência de verão ardente, excitado.

Ela podia cheirar sua luxúria agora, como a rajada de uma tormenta repentina fechando-se de repente em seus sentidos. Seus olhos brilharam intensamente, sua expressão obscurecendo-se com excitação. Se ela olhava mais abaixo, então saberia que a protuberância em suas calças jeans pareceria uma grossa grade dura ansiosa pelo orgasmo.

— Isso poderia arrumar-se — murmurou o em forma cálida, enquanto dava um passo mais perto, seu corpo pesado movendo-se com fluída graça e poder masculino. — Meu quarto ou o teu?

Ela se aproximava do orgasmo só pela pura intensidade de sua voz. Sherra sentiu seu sexo alagar-se com seus sucos, sentiu a dor de seus mamilos sob o tecido de sua camisa e quis murmurar de fúria. Por que não podia a vida, só por um ano, ser amável com ela? perguntou-se abatida. O que tinha feito para merecer isto?

— Só em seus sonhos — ela conseguiu arrastar as palavras zombadoras além de seus lábios.

Ele riu arrogantemente então. O som era baixo, exaltando seus nervos já inflamados enquanto ele se aproximava mais. Ela não estava a ponto de retirar-se. Se o fizesse, então só a seguiria. Se ele a seguisse saberia justamente quão desesperada estava por manter tanta distância como fora possível entre eles.

— Não tem nem idéia, neném. Quer que eu te conte um pouco sobre eles?

Ele fez uma pausa ante ela, seu largo peito a não mais que uns milímetros de seu seios. Ela lutou por manter sua respiração lenta e parceira, mas era consciente do fato de que estava falhando. Tal como sabia que ele sabia. Sua cabeça descendeu enquanto via o peito dela subir mais forte que antes de que ele levantasse suas pestanas, fixando seu olhar na dela de maneira sugerentemente.

— Não — negou com a cabeça, tratando de se separar-se dele. Não necessitava saber de seus sonhos. A tentação de seu toque era muita grande.

— Um de meus favoritos... —ele ignorou sua negativa enquanto movia sua mão, seus nódulos subindo ligeiramente sobre o braço dela — é um onde te tenho estendida sobre meu regaço, voltando seu traseiro de um vibrante vermelho por me chatear por tanto tempo. Você se retorcendo e mendigando por meu pênis cada vez que eu apalpo cada um desses pequenos e arredondados montes. Estaria mais que feliz em mostrar para você — ofereceu com toda a aparência de considerada educação.

Ela deveria estar indignada. Em lugar disso, Sherra ficou sobressaltada e lutou contra a pressão de suas nádegas ao pensar em suas mãos passando sobre elas de tal modo. Oh, sim, ela podia imaginar isso também. Muito bem.

— Muito bem, Kane — inalou pelo nariz com tanta dignidade como pôde reunir em meio da fome entristecedora que ondeava dentro dela.— Pode simplesmente desfrutar de seus pequenas perversões sozinho. Deus deu uma mão ao homem e cinco dedos por uma razão, sabe.

— Humm. Eu sei. E sei justamente quão bem posso fazer esses dedos encaixar em meu favorito e pequeno coñito, também. Vem aqui, neném, me deixe te mostrar.

Perigoso. Uma advertência. Sua voz era como um narcótico viciante alagando seu sistema a pesar da beira de fúria que ela podia ver em seu olhar fixo.

A creme alagou seu *coño*. Ela podia sentir gotejando de sua vagina e suavizando suas pregas labiais com sua espessa essência. Manter o controle não foi fácil de obter. Não quando sua língua literalmente batia por compartilhar sua dor com ele e sua vagina se apertava em assentimento. Maldito fora. Não necessitava isto agora mesmo.

Serviria- bem a ele se lhe desse isso com o que ele seguia tentando-a. A rica potência do hormônio seria um castigo apropriado para os meses de excitação que ele a tinha colocado.

— Kane! Sherra! Não briguem hoje — Calam a salvou de ter que arrastar uma mordaz réplica de sua mente repentinamente vazia quando ele entrou na cozinha, seguido por sua esposa e o resto dos principais da Manada. — nos coloquemos a trabalhar sério e vejamos se podemos conseguir terminar algo desta vez.

As últimas reuniões tinham sido improdutivas. Não era hora para rugas ou brincadeiras. Tinha que manter a firme determinação de assegurar aos da Espécies um lugar na sociedade. Não como umas espécies separadas, mas sim como seres humanos dignos de viver. Esse parecia ser o debate atual empreendido entre os círculos internos de mais de um corpo de governo.

— De acordo, o que temos? —Perguntou Calam quando todos eles se sentaram. — Sherra, obteve essas estimativas?

— Todo — ela empurrou um dos arquivos a seu irmão de Manada. — Farside faz um trabalho de construção excelente, Calam. Indaguei cada ângulo e eles parecem como nossa melhor opção.

— Será? — Kane fez somente o que ela esperava enquanto tomava seu lugar igualmente. Estava em desacordo com tudo o que dizia. — Precisaria de muitos desconhecidos na propriedade imediatamente e criaria um risco que não necessitamos. Isso os faz mais que pouco confiáveis; faz-lhes perigosos.

Sherra chiou seus dentes por segundos longos antes de voltar-se para ele com um grunhido.

-- Construções Farside é uma das mais respeitadas assinaturas de construção na nação. Seus edifícios têm valorações muito altas por seus acabamentos, não contratam a subcontratistas e se asseguram de que o trabalho é de excelente qualidade do princípio ao fim. Dizer que eles são pouco confiáveis poderia ser considerado difamatório, Kane — Sherra terminou furiosamente.

Ele estava outra vez sendo difícil. Por alguma razão pensava que seu trabalho na vida era lhe fazer viver um inferno ainda maior do que já tinha vivido. Dessa maneira, ela ia perder todo controle e terminar por lhe tirar os olhos minutos antes de tratar de transar com o tolo.

A adrenalina bombeava através de suas veias, fazendo suas vísceras tremer, a seu ventre dobrar-se de necessidade. A cólera sempre o piorava. Fazia que o calor se propagasse através de seu corpo como um incêndio que ela não tinha a esperança de controlar.

— Te acalme, Sherra. Ele disse que não confiava eles — Calam lhe recordou enquanto o olhar dela se fechava sobre Kane. — Temos que estar seguros de com quem estamos negociando antes de lhes permitir entrar na propriedade. Especialmente com Cassie aqui.

Como se ela não soubesse isso. Sentia como se murmurasse de pura frustração.

— É uma reunião — argumentou ela, voltando-se para Calam. — Arrebentei meu traseiro para reunir estes arquivos e vir com a melhor opção para o trabalho que tem que ser acabado. Se ele continua derrubando-os a disparos, construiremos as malditas casas nós mesmos.

O que teria mais sentido, neném, — Kane disparou, com seu sempre presente sorriso de sabedoria inclinando seus lábios.

— Não temos suficientes mãos aqui e eles não estão treinados em nada parecido com isso.

— Com que fim desperdiçar dinheiro, assim como também mão de obra, quando não precisamos de nada de fora a não ser os materiais e se podemos fazê-lo nós mesmos? — a irritação começava a espessar a voz do Kane, como se ele estivesse cansando-se da contínua batalha entre eles. O que era uma lástima. Ele começou, seus disparos e comentários zombadores continuamente a atingiam e estava adoecendo-se com isso.

— Porque isso nos afastaria da defesa do mesmo complexo — ela se recuperou rapidamente.

— Estupidez — ele franzia o cenho agora, seus olhos azul escuro resplandecendo. — Esqueces que quem lidera a segurança está aqui, gatinha. Eu. Sei exatamente como defender este complexo em qualquer tempo. Deixa as pessoas fazer o trabalho. Isso fortalecerá um sentido de responsabilidade assim como também se orgulharão de terem tomado parte nisto.

— Parece esquecer o fato de que a maior parte desses homens e essas mulheres de quem falas necessitam uma oportunidade para descansar e recuperar-se, não trabalhar fora como burros todo o dia — ela plantou suas mãos sobre a mesa, grunhindo por volta dele enquanto pensava nos homens de olhos embotados e as mulheres que tinham sido resgatadas de diversos laboratórios nos meses passados.

--Não pode pensar assim, Sherra — ele estava quase em sua face agora enquanto outros observavam com interesse.— Você não vai ajudá-los mimando-os como se tudo fosse estar de agora em diante muito bem. Isso não é assim. O que eles enfrentam não vai ser um inferno muito mais seguro que esses malditos laboratórios onde estavam se não forem cuidadosos. Você não lhes pode deixar pensar que isso será assim.

Sherra podia sentir o sangue repentinamente bombeando através de suas veias, esquentando seus flancos, seu seios formigando em resposta ao enfrentamento entre eles agora. Uma pungente investida de excitação apertou seu ventre, quase tirando sua respiração enquanto a adrenalina corria através de sua corrente sanguínea.

Nada havia tão excitante como uma briga com este homem. Normalmente o evitava a qualquer custo, mas hoje... a frustração era como um animal raivoso ameaçando seu autocontrole. Estava doente por seus ataques velados. Doente de morder sua língua e manter sua boca fechada em vez de empurrá-los a ambos em algo que ela temia que lamentaria.

— Estarei condenada se os usasse como mão de obra escrava, como você sugere — Sherra sorriu com desprezo para ele. — Esta não é a Idade Média e não é algum pequeno tirano tendo permissão de assumir o controle.

Kane se sentou em sua cadeira, seus olhos estreitando-se com raiva enquanto a vigiava. Ela podia sentir seu intencionado olhar fixo, quase como uma carícia sobre sua face, avaliando sua resposta. Vendo muito. Ele fazia isso bastante ultimamente, vigiando-a como um condenado inseto sob o microscópio sempre que estavam no mesmo quarto juntos.

— De modo que lhes pagaremos um salário — finalmente ele falou lentamente e de maneira zombadora.— Ninguém sugeriu que o façam grátis. De todas formas assim nos evitaremos o perigo acrescentado que os outros trarão dentro do complexo.

— Basta, Sherra — Calam conteve as palavras furiosas que estavam preparadas para sair de seus lábios. Ela quis investir ao Kane com um desespero que fazia que seus dedos se curvassem em garras contra a mesa. — Ambos têm um bom argumento, mas temos que chegar a uma decisão esta noite.

— Boa sorte — grunhiu Kane sarcasticamente enquanto a olhava.— A meu ver, a gatinha parece mais determinada a nos ver todos mortos no momento que a ter casas construídas.

Sherra sentiu uma gota de suor formando-se em sua frente enquanto ele sorria burlonamente para ela. Seus olhos estavam escuros, atentos, vigiando-a estreitamente. Podia senti-lo pressionando-a, sabia ele que o estava fazendo e estava indefesa contra o desejo de contra-atacar. Tinha que contra-atacar. Tinha que lhe mostrar que não era frágil, nem tímida.

Na base desse pensamento lhe chegou o conhecimento de que seu calor era o que realmente estava pressionando-a. O instinto. Lhe provar que era bastante forte para submetê-lo, bastante forte para lutar e desafiar sua força, e a necessidade de fazer isso se estava voltando mais forte. Diariamente, ela podia sentir sua própria agressão despertando em seu corpo e isso a aterrorizava.

— Ele é irracional, Calam — ela brigou-se a recostar-se e relaxar-se enquanto percorria com o olhar a cabeça da mesa onde Calam lhes vigiava carrancudo a ambos

— O homem é tão malditamente paranóico que você estará ali atingindo as unhas em lugar de tomar decisões para a Manada logo.

— Deixa-o em paz, Sherra —a voz do Kane estava cheia de impaciência. — Necessito que Calam cuide do Merinus. Você não parece mantê-la separada dos problemas.

Sherra se voltou para ele, incrédula ante a acusação. Repentinamente ela tinha passado de mimar às exaustas Espécies a ser incapaz de proteger ao Merinus?

— Eu? —ela grunhiu, agarrando a mesa com fúria. — Não fui eu que a tirou a motocicleta o outro dia. Esse foi você. Tudo o que fiz foi lhe ajudar a limpar o estúpido armário.

— Ela quase caiu de cabeça, maldição. Disse-te que mantivera a essa mulher fora dos espaços fechados. Ela está em perigo neles, não emprestou atenção?

— Não sou o guardião de seu irmã! — gritou.— Como devo adivinhar o sentido das coisas loucas que ela queira fazer? Ela é sua irmã.

Ela estava de pé agora, seus dedos assinalando através da mesa em acusação enquanto o confrontava. Estava aborrecida de fazer de babá para alguém de oito anos que sabia mais do que deveria, assim como também de uma mulher que não parecia saber como mover seus pés em um armário.

— Infernos, me desculpe, pensei que vocês duas poderiam ter bastante em comum para ao menos poder caminhar e falar com mesmo maldito tempo juntas — ele arrastou as palavras burlonamente. — Deveria tomar lições com ela, Sherra. Estando no calor da forma em que você está, deveria ter o sentido comum para ao menos prestar atenção quando ela se volta do reverso. Você poderia aprender isso.

Ela sentiu que o sangue se ia de seu rosto. A realidade se viu invadida pela escuridão, conhecendo as profundidades de seus olhos e o desafio faiscando ali.

— Está louco —ela tratou de encontrar a fúria de momentos antes, mas em lugar disso quase não podia conseguir respirar depois do sobressalto.

Ele riu entre dentes ligeiramente, embora o som era zombador, cheio de cólera enquanto ele ficava de pé e a confrontava com um sorriso apertado.

— Estou? —disse-lhe. — Ou pensa que pode esconder alguma outra coisa de mim? Sinto muito, neném, não sou tão estúpido como parece pensar. E quer saber de que mais sou consciente? — ele se inclinou aproximando-se mais, suas mãos esmagadas sobre a mesa enquanto se pegava quase nariz com nariz com ela.

Seus sentidos se encheram do perfume dele. O aroma de verão ardente, furioso envolvendo-se ao redor dela, quase asfixiando-a com fome.

— O que pensa que sabe? —ela tratou de grunhir, mas sua voz foi frágil, cautelosa.

Agora ela entendeu o brilho de advertência da cólera que ardia em seus olhos quando ela entrou na cozinha. Kane estava completamente furioso. E essa não era uma coisa boa.

— O que sei —disse com clareza brutal— é que está em cio, Sherra. E sei quem é seu consorte. Sei, porque sou eu — ele se endireitou então, ficando com o olhar fixo nela, parecendo mais zangado por esse conhecimento que por qualquer outra coisa.— Assim como sei do bebê, a esterilização e sua obstinação nos últimos poucos meses. Sei de tudo e certamente me condenariam se te deixasse escapar.

ELLORA'S CAVE PRESENTS

Capítulo 2

Podia parecer muito exagerado dizer que se podia ter ouvido cair um alfinete, mas foi o primeiro que ocorreu a Sherra depois de escutar o furioso anúncio de Kane. Estava de pé frente a ele, observou como se contraía um músculo em seu queixo, as chamas que ardiam em seus olhos, e escutou o absoluto silêncio da residência. Havia outras seis pessoas além deles. Abalados, silenciosos, observando sua completa humilhação com autentica surpresa.

Respirando com dificuldade, enfrentou-se ao homem que tinha esmagado seu coração tantos anos antes, o homem que tinha jurado seria sua presa, para terminar inteirando-se de que seu irmão quase tinha feito isso por ela. Atraiu para si toda a força, o orgulho, a dor e a determinação que a tinham ajudado a sobreviver todos esses anos. Levantou a cabeça até que pôde lhe olhar nos olhos fixamente, assegurando-se de que sua expressão fora unicamente de arrogante indiferença.

— Evidentemente, não pensei que isto fora teu assunto, Kane — disse imediatamente, empurrando as palavras fora de seus lábios, enquanto via como aumentava sua cólera. — Se tivesse acreditado que necessitava saber algo, eu te teria informado. — Dirigiu um olhar significativo a Merinus antes de que seu olhar retornasse a Kane. — Simplesmente não pensei que precisasse sabê-lo.

Era muito consciente de quem, com toda probabilidade, tinha contado todos os segredos que tinha lutado por manter. Merinus queria mais a sua família que a qualquer, à exceção de Calam e seu filho por nascer.

Os lábios do Kane se elevaram por cima de seus dentes com um notório grunhido que teria feito sentir-se orgulhoso a qualquer membro da raça felina. Adivinha de novo, gatinha — disse, mordendo as palavras. — Importa-me um nada o que pense que deveria ou não saber. Dei-te a oportunidade de vir para mim, todo um ano, e em vez disso te escondeste. Agora pode fazer frente às conseqüências.

Sua risada foi breve e zombadora.

— Que faça frente às conseqüências? Sinto muito, Kane, já fiz essa viagem. Foi do pior. Não pagarei outra vez. Agora se me perdoa, tenho melhores coisas que fazer. Calam pode me informar a respeito de Construções Farside. Em realidade me importa um nada como o dirige.

—Te afaste de mim e vai lamentará — sua advertência, pronunciada em voz baixa, deteve o giro que lhe teria permitido fazer justamente isso.

Percorreu-lhe com o olhar, observando a determinação em sua dura expressão, a fúria que rugia em seus escuros olhos azuis. Lhe deu permissão a seus lábios para que se elevassem em um amargo sorriso, deixando que seu olhar lhe percorresse friamente.

— Lamentarei, Kane? Simplesmente tivesse desejado ter feito isto a primeira vez. Teria sido minha melhor aposta.

Depois deixou que seu olhar abrangesse a todos os membros de sua família. Esses com os que ela se criou, e os que tinham entrado como conseqüência de seus

acasalamentos com seus irmãos. Foi consciente de sua incredulidade, sua simpatia e seu choque.

— Boa noite, sócios. Minha cota de entretenimento para a noite terminou. Talvez possa fazê-lo melhor manhã.

A cólera ardeu nela, esquentando suas bochechas, e fazendo-a tremer, farta de que a observassem.

— Acredita que será tão fácil, Sherra? —disse Kane asperamente, batendo em sua voz a luta por manter o controle.— Acredita que, embora seja durante um maldito minuto, deixarei-te escapar disto?

— A verdade, não acredito que tenha outra opção —andou com passo majestoso pelo quarto, mantendo a cabeça em alto.

Não lhe importava nada o que pensasse que podia ou não podia fazer. Tinha agüentado oito anos de inferno físico, de dor emocional, de lutar por tratar de entender por que seu corpo a traía exigindo desesperadamente seu toque e rebelando-se ante o contato de qualquer outro homem.

Entendeu a razão de porque não tinha ajudado sua fortaleza emocional. Mas saber que foi um acasalamento em vez de um desejo, uma necessidade que, até agora, não tinha diminuído, não a tinha servido de nada. Calam estava furioso com ela pelo que lhe tinha contado sobre os problemas físicos que tinha sofrido, e que se atreveu a tentar a esterilização para aliviar a dor. A decepção que lhe tinha provocado a envergonhava mais do que esperava.

Quando deixou a cozinha, escutou a voz de seu irmão brigando com o Kane, enquanto Merinus lhe defendia. Outros, claro está, comentavam-no. Não lhe importava. Não tinham vivido os últimos oito anos em sua pele. Não tinham tido fome sem saber do que, nem tinham ansiado um toque que não estava nunca ali.

Agarrou o corrimão e começou a correr escada acima. A necessidade de escapar batia em suas veias, atingindo em seu coração.

— Sherra — sua voz a alcançou quando chegou ao patamar.

Deteve-se. As janelas de seu nariz lhe arderam quando quase não tomou ar, e apertou os dentes lutando por não ficar a gritar. Girando-se lentamente, olhou para baixo, ao Kane.

Seu corpo tremeu faminto. Sua boca se fez água quando sua língua palpitou, com as glândulas doloridas por soltar a odiado hormônio. Bastante mau era que a voltasse louca, mas sabia malditamente bem e estava segura do que aconteceria Kane a ingeria.

A reação química não tinha sido tão forte em Calam e Taber como o tinha sido em suas companheiras. Se se cumprisse a norma, o sistema do Kane se encontraria pior que se tivesse tomado a super Viagra. Esse pensamento fez que sua vagina chorasse de necessidade. Como se fosse outro ser com mente própria, pareceu como se gritasse em protesto a sua negativa de lhe permitir alívio.

Kane era malditamente atraente, alto e forte, um macho perfeito, com fortes músculos bem trabalhados. Magro e exsudando sexualidade. Com o cabelo escuro muito curto, e umas pestanas que obscureceram suas bochechas quando a observou.

Não lhe respondeu, simplesmente ficou lhe observando friamente, com os lábios famintos.

- Estarei até tarde. Não me faça vir te buscar.

Seu queixo quase atingiu o chão quando ele se deu a volta e voltou a entrar na cozinha. Que não lhe fizesse ir procurá-la? Pensou incrédulamente. Filho de puta, ia matá-lo.

Entrecerrando os olhos se dirigiu rapidamente a sua residência. Trocou-se velozmente, vestindo-se com umas cômodas calças negras e uma camisa esportiva ajustada. colocou-se o cinturão da pistolera no quadril, atou a adaga a sua coxa, recolheu-se o cabelo sob a boina negra de beisebol e saiu furtivamente da casa. Permitiria-lhe que viesse a procurá-la. Ia encontrar um inferno maior que o que esperava.

— Não tem medo de empurrá-la para muito longe? — perguntou Taber vários minutos depois que a família saísse da cozinha e retornasse a suas respectivas residências.

Por uma vez, não se encontrava acompanhado de sua nova companheira e esposa, Roni. E no mais, dedicava-se a vigiar Kane com esses estranhos olhos verdes, com um indício de censura observando-se em suas profundidades.

— Não tem medo de que Roni se negue a aceitar sua decisão de afastar a de sua família? — Kane voltou em si, expressando-se com a mesma educação.— Eu não digo a você como dirigir a sua companheira, Taber. Não trate de me dizer como dirigir à minha.

Os lábios do Taber se elevaram, mostrando os perigosos caninos de sua boca. Kane sorriu cinicamente.

— É mais erótico quando Sherra o faz. Não queira me intimidar, criança -gato. Simplesmente trato de ser suave contigo porque é o suficientemente suscetível para te ofender e não quero perder o tempo necessário para sujar os punhos contigo.

Kane se levantou lentamente da cadeira, recolhendo sua xícara se encaminhou para a cafeteira, esperando ter a paciência necessária para falar com Taber. De todos os machos das espécies, Taber era o mais temperamental. E Kane acreditava que foi precisamente na sorte em que tenha sido ele quem interviesse e lhe recriminasse seu comportamento com Sherra.

— Sair a murros comigo? —grunhiu Taber. — Faz soar como uma sessão de luta. Poderia te arrancar a garganta, Kane.

— Poderia tentar. — Kane se serviu de café e contra-atacou, com o cansaço avançando lentamente em sua mente.

Parecia que estava acordado há meses. A necessidade sexual o despertava todas as noites, lhe mantendo afastado do sonho e lhe consumindo a paciência.

Quando Taber não respondeu, Kane se deu a volta, levantando uma sobrancelha e esperou. Os machos das Espécies podiam ser imprevisíveis no melhor dos dias; embora faziam um trabalho admirável evitando a violência, era consciente de que o potencial estava ali.

Taber trocou de posição, fixando seu olhar durante um segundo, seu espesso e escuro cabelo caiu por sua face antes de que se inclinasse descuidadamente para trás e girasse o corpo para confrontar ao Kane.

Estava ali quando se deu conta de que não ia voltar. Estava ali quando perdeu esse criança e quase morreu — rugiu Taber.— Não foi. Estou cansado de ver-te machucá-la, Kane. Deixa-a.

— Volta com sua companheira e utiliza com ela seus truques de gatinho — replicou Kane, aumentando sua irritação enquanto o outro homem lhe observava.— Acredita que não sei o inferno que atravessou?

O corpo do Taber se moveu perigosamente, seus olhos brilharam intensos com uma fúria que os transformou em jade e um grunhido retumbou em seu peito.

— É um bastardo de mente ágil, Tyler. Se dê por afortunado o fato de ser o cunhado de Calam e o companheiro da Sherra ou te mataria por isso.

Kane bufou.

— Não deixe que isso te impeça de tentá-lo. Estou seguro de que Merinus te perdoaria rapidamente —colocou a xícara na pequena mesa do centro e se virou para brigar. Logo estaria lhe dando patadas no traseiro a essa pantera arrogante que lhe observava nesse mesmo momento.

— Deixa-a, Kane —lhe ordenou de novo.— Não tem que ficar tanto tempo agarrado a seu traseiro.

— Ainda tenho que montar seu traseiro — disse Kane sorrindo entre dentes.— E quando o fizer, não estará convidado a olhar. A diferença de seu outro irmão, não necessito audiência nem ajuda nenhuma.

As práticas sexuais do Tanner estavam descontroladas, mas não mais que o que o estava a libido do Kane. Se não colocava Sherra em uma cama rapidamente, e poeriam lhe dar o certificado de demente.

— Isto não vai dar Tanner — lhe recordou Taber furioso. — trata-se da Sherra. E te advirto...

— Não cometa esse engano — a voz do Kane baixou perigosamente. — Não trate de me fazer uma advertência de merda, Taber, porque então brigaremos. Ela é minha mulher, minha companheira, meu assunto. Se atenha a seus próprios assuntos e se mantenha afastado dos meus.

— Vai matá-la — o grunhido soou mais profundo, mais rude. — Não o deixarei continuar com isto, Kane.

— Desafio a que me detenha — zombou Kane.— Chutarei seu traseiro de gato por toda a cozinha, Taber, se tentar.

— Muito bem, crianças, acabem com este inferno — disse Roni aparecendo pela porta, com as mãos nos curvilíneos quadris, os azuis olhos brilhando com cólera quando percorreu com o olhar a seu companheiro. — Que demônios passa com os dois? Não é momento disto.

— Roni, isto não é teu assunto — advertiu Taber suavemente, enquanto Kane negava com a cabeça, e levava a mão irritado até a ponta de seu nariz.

— Senhor me salve! — murmurou Kane.— Está a fase lunar em um lugar incorreto ou algo assim? Algo parecido a uma estranha síndrome premenstrual que

afeta aos machos Felinos? — perguntou enfrentando-se ao Taber. — Homem, o acasalamento não esfriou nada seu traseiro.

Empurrava ao outro homem e Kane sabia. Sabia e recusava tornar-se atrás. Estava cansado de lhe escutar resmungar, grunhir e o ressentimento geral que recebia dele a maioria das vezes.

— Taber! — gritou Roni agarrando o braço de seu companheiro um segundo antes de que saltasse para o Kane.

Kane mostrou um lento e frio sorriso em seus lábios.

— Lhe deixe Roni. Entregarei-te sua pele mais tarde.

— Maldito seja, Kane, fecha essa endiabrada boca — gritou Roni quando Calam, Merc, Tanner e uns quantos mais entraram na cozinha, detendo-se surpreendidos ante a cena que se encontraram.

— Que diabos passa aqui? — perguntou Calam suavemente, fazendo que sua voz retumbasse, com seu olhar âmbar nada agradável.

— Ouça, Garfield, este teu irmão acredita que pode me ordenar que deixe a minha companheira posto que ele é um feliz. Possivelmente deveria lhe aconselhar de outra maneira — Kane apoiou o quadril contra a pequena mesa, embora observou a furiosa pantera cuidadosamente. — Simplesmente lhe estou dizendo que pode me beijar o maldito traseiro até o inferno ida e volta porque é completamente impossível que a deixe — dirigiu seu nada educado comentário à resmungona pantera em questão.

Roni tinha colocado seu corpo diante de seu companheiro, e sujeitou ainda mais forte seus braços.

— Calam, faça algo — recorreu à líder da Manada quando seu companheiro lhe ordenou em voz baixa que lhe soltasse imediatamente.

Kane observou a seu cunhado pela extremidade do olho, viu a tensão que mostrava a face do outro homem, a indecisão. Tanner negou com a cabeça e resmungou pelo sob algo que fez que Calam lhe lançasse um agudo olhar.

— Kane, deixa-a ir — disse finalmente de maneira significativa. — Simplesmente dê a volta e siga em frente, homem. Por todos nós.

Tinha rendida resignação na voz de Calam, uma tristeza que fez que os instintos do Kane reagissem violentamente.

— Por que? — perguntou Kane suavemente. — Não a deixarei ir, Calam, como você não deixaria ir Merinus...

— Calam não destruiu Merinus — disse Taber com uma primitiva fúria. — Não te observarei destruí-la de novo, Kane. Vai-te ao inferno até que isto seja mais fácil para ela. Agora, antes de que tenhamos que te jogar à força.

Agora foi Kane o que mostrou os dentes.

— Roni, será melhor que você o segure, porque posso ensinar a seu pequeno gato algumas boas maneiras — disse a ela suavemente.

Kane não pôde entender sua fúria mais do que entendia a do Taber, mas foi impossível não observar o assassinato nos olhos do homem quando este deixou de lado a sua esposa e lhe enfrentou.

Girando, Kane trocou imediatamente de posição para lhe enfrentar, enquanto outros saltavam assustados entre eles. Tanner e Merc agarraram Taber, enquanto Roni gritava alarmada e Calam se colocava diante de Kane.

— Basta — não havia cólera na voz de Calam, nem ressentimento. Em lugar disso lhe observava pesaroso. — O derramamento de sangue não arrumará isto, Kane. Brigar não o ajudará..

— Ela é minha—disse Kane mordendo as palavras.

— E por essa razão me mantive afastado, da mesma maneira que Tanner e Dawn o têm feito, enquanto a víamos sofrer desde que chegou — disse.— Para Taber é uma luta mais dura. Para que saiba, foi Taber o que a encontrou sangrando-se quando involuntariamente abortou. Foi Taber que escutou seu pranto e as que teriam sido suas últimas palavras se não houvesse agido tão rapidamente como o fez. Foi a Taber, Kane, que ela rogou que a deixasse morrer porque não poderia viver sem você ou sem seu filho. E foi Taber que jurou vingá-la. Não pode apagar oito anos de dor, fúria e ódio simplesmente porque foi um mal-entendido.

Kane cravou os olhos nele em estado de choque, antes de que seus olhos se virassem para o furioso olhar do Taber que lhe atravessava. Suas mãos se abriram e se fecharam, seu queixo se retesou com agonia.

— A amo — disse, com voz tensa, sentindo uma dor no peito ao dar-se conta de sua afirmação.— Sempre a ameï, e suas ameaças não vão trocar isso. Nem o fará seu ódio. Isso não vai mudar o fato de que não vou e não a deixo. Cada um de vocês tem que ir acostumando a isso.

Saiu da residência, sua própria cólera, sua própria dor, lhe afligindo. Precisava ver a Sherra, para assegurar-se de que ainda vivia lhe levando, lhe empurrando... lhe destruindo...

Capítulo 3

A noite era sua amiga. Sherra se moveu ao longo da montanha sobre a fazenda das Espécies. Ela freqüentemente aproveitava a clara visão que possuía na escuridão. Podia ser tão perfeita como à luz do dia, apesar da falta de iluminação procedente do céu sem lua, encontrava-se cômoda na escuridão. Um lugar para esconder-se e tentar colocar sentido às crescentes demanda de seu corpo.

As exigências que Kane fazia eram cada vez piores. Lutou contra a inexplicável conscientização que crescia dentro dela diariamente. Lutou contra sua necessidade de lhe tocar, não por fome ou luxúria, a não ser somente para assegurar-se a si mesmo que ele estava ali. Que ele vivia. Que ele respirava. Lutava contra isto até o ponto de que temia inclusive o contato mais ligeiro entre eles, porque isto fazia mais difícil cada dia negar o frágil laço que ela podia sentir formando-se dentro de sua alma.

O frio era mais que bem-vindo agora. A beira rangente, afiado da temperatura ajudava a esclarecer sua cabeça, a agarrar-se a suas defesas. Ela podia resistir melhor

as temperaturas que o resto de sua família. Embora não tinha a pele peluda do leopardo de neve, tinha uma tolerância para o clima frio que o resto das Espécies não tinha. Embora o calor que surgia dentro dela podia ter muito que ver.

O calor copulativo estava pior do que inclusive tinha pensado que podia ser. Como se a presença do Kane em certa forma tivesse avivado os fogos mais ardentes dentro dela. Sua língua estava inchada agora; as glândulas nos lados estavam alagadas, pulsando pela necessidade de soltar o rico hormônio contido dentro delas.

Isto a tinha sobressaltado, o conhecimento de que ela estava exteriorizando alguma das características dos varões. Seu consorte não era um das Espécies. O hormônio afrodisíaco propulsaria sua sexualidade mais alta, como o faria com a dela. Fechou seus olhos ante esse pensamento. Doc Martin a tinha advertido que isto seria como encher ao Kane de super Viagra, assegurando-se de que ele podia funcionar o suficientemente freqüentemente para assegurar a concepção.

O pensamento de Kane perpetuamente duro era mais do que ela podia aprofundar. Demônios, ele mantinha uma ereção agora a maioria das vezes. Cada vez que lhe via, seus olhos refulgiam com excitação e a protuberância de suas calças parecia ficar maior. Tentando-a. Oh senhor, como a tentava.

Lambeu-se os lábios enquanto se abria caminho ao longo da montanha. Recordou claramente a dureza de aço que crescia entre suas coxas. A forma e o longo, a espessura da carne, a percepção dele. Ela quis gemer de necessidade ante a lembrança de seu sabor quando se correu pulsando através de sua língua e sob sua garganta. Ou a percepção dele empurrando entre suas coxas. Seu coño chorou ao pensar naquilo.

Sherra apertou seus dentes e se manteve em movimento. Estaria condenada se cedesse nisto. Ela podia ver Kane, tão dominante e autoritário como qualquer dos membros das Espécies. Ele se converteria no mesmo tipo de monstro que Calam e Taber.

Ela bufou. Como se pudesse sobreviver estando encerrada nessa casa enquanto o perigo crescia ao redor deles. Nas passadas duas semanas ali houve três intentos de quebrar os perímetros exteriores da perto de segurança que corria ao redor da montanha. Eles ainda tinham que prender a quem quer que tivesse tratado de quebrar a segurança, entretanto. Sherra não se podia imaginar escondendo-se dentro dos limites da fazenda durante tanto tempo. Calam e Taber tinham perdido ambos suas mentes em seus intentos por proteger Merinus e Roni. Isto a tornaria louca.

Ela não podia deter seu lamento por não poder conceber, sua dor pela perda da criança que uma vez tinha levado. Seu ventre se flexionou como advertência, um prelúdio para os duros espasmos que sabia chegariam logo... a exigência de seu corpo para que uma nova vida fora criada, que a concepção fora permitida. Ela tinha destruído qualquer oportunidade disso em seus anos anteriores de ignorância. E ela se estava cansando de lutar com Kane e contra o calor que crescia dentro dela.

Ele era seu companheiro. Ela soube isto desde que reconheceu a profundidade da verdadeira união entre o Merinus e Calam. Isto não fez a situação mais fácil para dirigi-la. Para saber que ele era o único homem ao que ela poderia lhe permitir tocá-la, abraçá-la, não poderia ser de bom agouro para seu futuro.

— Pode ser mais teimosa, Sherra? — A voz rota do Kane no enlace de comunicação em sua orelha a fez retesar-se enquanto fazia uma pausa em seu caminho montanha acima.

Com uma silenciosa maldição ela colocou os prismáticos da parte superior de sua cabeça sobre seus olhos e ativou o preciso localizador. Ela rezou para que ele estivesse no edifício de comunicações em vez de capitaneando acima na montanha. Maldição. Aí estava ele. Observou seu único localizador enquanto este se movia firmemente mais perto dela. O outro membro das Espécies que patrulhava estava retrocedendo, lhe dando via livre enquanto ele ia diretamente para ela.

-- Provavelmente poderia — grunhiu ela pela frustração.

Ela podia sentir a antecipação aumentando nela agora. Como se sua voz tivesse ativado um interruptor que fazia que seu corpo soubesse que ele se aproximava. Seu seios estiveram repentinamente sensibilizados, inflamados outra vez, os mamilos empurravam contra o material de seu corpete enquanto para uma pausa e se sentava em uma rocha redonda, grande, musgosa. Não serviria de nada fugir dele. Era assombrosamente persistente.

Sherra tomou ar profundamente, prendendo o frágil rastro de seu perfume enquanto ele se aproximava dela. Seus olhos se fecharam em resposta à corrente de sangue que começou a resfolegar com fúria através de suas veias. Ele cheirava delicioso, escuro e excitante, sua luxúria transbordando perigosamente por seu aroma acalorado.

Ele seria duro, pensou com um suspiro. Seu sexo pressionaria apertado contra suas calças jeans, lhe desafiando a que o soltasse, para que tomasse como ela o que necessitava. Sacudiu a cabeça ante este pensamento. Seu autocontrole fraquejava. A falta de sonho e o crescente calor começavam a tomar-se seu preço nela.

Sherra separou o microfone do alcance do comunicador de sua face, isolando a outros de algo que ela dissesse. Os aparelhos de surdez estavam ainda em posição, entretanto, e ela era capaz de manter-se em contato com os outros guardas assim como também com o centro de comunicações. Tirou-se de cima os óculos enquanto via a marca do Kane no localizador aproximando-se firmemente. Ele sabia onde estava ela. O receptor pequeno grampeado na parte de atrás de suas calças jeans lhe permitia ser rastreada facilmente pelos óculos computadorizados que a força de segurança das Espécies usava. Ela colocou seus óculos no bolso de seu cinturão e esperou por Kane. A noite de inverno se encheu repentinamente de um calor abafado, evocativo que lhe penetrou até os ossos e lhe fez querer relaxar-se no toque que ela sabia que Kane estaria ansioso por lhe dar. Ele poderia estar mais louco que o inferno, mas quando ele se introduziu a área onde estava a rocha grande e redonda em que ela se sentava, sua luxúria se enrolou em seus sentidos como uma onda de lava ardente de fome.

— Não te tomei por uma covarde, Sherra — As primeiras palavras que saíram de sua boca colocaram o cabelo detrás de seu pescoço arrepiado pela fúria. Ela foi incapaz de conter o sob grunhido de cólera que vibrou em seu peito.

— Há uma diferença entre a covardia e a indiferença, Kane — mordeu ela enquanto cruzava os braços sobre seu peito, observando enquanto ele se aproximava.

— Não te tenho o menor medo. Por que me seguiu até aqui em cima? Algo que tenha que me dizer pode ser passado através do comando.

— De verdade? — grunhiu ele enquanto se detinha centímetros dela.— De verdade quer que o resto da equipe me escute enquanto te digo simplesmente que tenho a intenção de atingir seu traseiro por ir assim? E até onde tenho a intenção de ter meu enterrada em seu canal escorregadio enquanto?

Ela se sentiria insultada se a imagem repentina que aconteceu um relâmpago por sua cabeça não tivesse aumentado o pulso em seu canal em resposta. Pulsando? Infernos, palpitava como uma ferida aberta e crua, implorando ser cheia. Mas isso não queria dizer que ela tinha que lhe deixar saber isso.

— Oh, não é valente? — ela levantou uma sobrancelha desdenhosamente. Estaria condenada se não se tomava a moléstia de zangar-se realmente. Como se necessitasse que o sangue se apressasse mais duro em seus clitóris, levando os vestígios frágeis do hormônio que escapava das glândulas em sua língua para o resto de seu corpo rapidamente. — Sabe, Kane, poderia arranhar seus olhos facilmente. Sou um Felino. Recorda?

Ele grunhiu sarcasticamente.

— Pretenderei ser seu lobo e te comerei então—ele disparou. — te abra.

Seu braço se moveu antes de que ela pudesse pensar, sua mão se dirigiu a sua face. Incrivelmente, ele a prendeu um segundo antes do impacto.

— Está fora de linha — ela explodiu furiosa.— Estou farta de te ouvir grunhir e de seus velados insultos, Kane.

— E eu estou malditamente farto e cansado de ser atacado física e emocionalmente por uma gata do inferno que não tem o sentido comum de cuidar-se — ele grunhiu em resposta.— Pensa que não aprendi o que aconteceste todos estes anos, Sherra? O mau que faz o calor e sua duração embora você te empenhe em negá-lo? Poderia ter me encontrado em qualquer momento.

A raiva brilhava intensamente em seus olhos agora. O azul profundo resplandecia com fúria enquanto seus lábios se apertavam. Isto a excitou, enfureceu-a.

— Oh, sim, realmente ia fazer isso — ela sacudiu com força seu braço para trás, seu corpo zumbindo, seu coração doendo ainda por esse toque. — Ir chorando até você por exemplo, acreditando que você tinha me traído, para começar. Ia simplesmente chegar até seu porta e te pedir docemente que transasse comigo. Até se tivesse sabido o que era o calor, não havia nenhuma oportunidade que isso acontecesse — manter sua voz baixa, conservar a fúria moderada detrás de um rude grunhido foi uma das coisas mais duras que ela alguma vez tinha feito em sua vida. Ela precisava gritar, enfurecer-se, atingir e lhe machucar tanto como ela tinha sido ferida quando ela acreditou que ele a tinha abandonado.

— Sabia que eu simplesmente não me afastaria de você, Sherra — ele não se voltava. Estava diretamente frente a seu rosto, o calor de sua cólera e sua luxúria enrolando-se ao redor dela como correntes invisíveis enquanto suas mãos agarravam seus braços.

Sua carne ardeu. Ela pôde sentir cada um de seus dedos, cada célula quando eles entraram em contato com seu corpo e se voltou desproporcionalmente sensibilizada. Ela obrigou-se a inalar suficiente ar para clarear sua cabeça, reforçar

seu autocontrole, mas tudo o que ela podia cheirar era Kane e sua quente luxúria masculina.

Sherra cravou os olhos nele, aspirando o perfume dele, intoxicada pela repentina necessidade, entristecedora de lhe tocar. Isso a fazia tremer, deu-se conta. Olhava-a fixamente de maneira que ela pensou que queria sacudi-la até deixá-la sem sentido. Seus olhos se estreitaram, obscureceram-se e apertaram suas bochechas, seus lábios usualmente sensualmente e cheios se contraíram em uma linha fina de cólera. E ela quis seu beijo.

Sua língua bateu enquanto se esforçava por afastar-se dele. Ela poderia saborear o hormônio enchendo sua boca enquanto as glândulas alagadas começaram a encher e requerer ser compartilhadas.

— Se afaste de mim — ela tratou de lhe empurrar para trás, negar a necessidade e a fome que varria tudo através dela e a fúria que se atrasava justo sob a superfície. — Se te tivesse importado então me teria levado contigo quando lhe roguei isso, Kane, mas em vez disso me deixou.

— Meu Deus, pensa que não me odeio o suficientemente mesmo por isso, Sherra? — seus olhos eram tristes, cheios com sua própria dor, seu próprio arrependimento. — Pensa que não rezei literalmente por voltar atrás e agir de modo diferente? Por me assegurar de que saía dali?

Ele a soltou, como se não pudesse agüentar tocá-la mais. Suas mãos se abriram caminho entre os curtos fios de seu grosso cabelo enquanto ele soltava a respiração. Ele lutava por controlar-se tanto como ela.

— Olhe, Kane — Sherra se moveu para trás, lutando por respirar através das emoções que a rasgavam. — É muito tarde para voltar atrás, e aconteceu muito para seguir adiante...

— E um inferno que aconteceu muito — grunhiu ele olhando-a fixa e implacavelmente. Pensa que procurei todos estes anos, Sherra, arriscando minha vida e a de minha família e me conduzi mesmo para a loucura para que assim você me pudesse afastar como se nada disto fora malditamente importante? — uma aguda risada ecoou através da noite. — Não acredito, neném. E acredito que você também sabe que isso não vai ocorrer. De outra maneira, você não estaria correndo como um pequeno gato assustado na direção oposta cada vez que me aproximo.

Sua voz tinha aumentado, mas ainda mais, ele se tinha movido. Sherra se afastou, dando-se conta de que se estava retirando um segundo antes de que se topassse com uma rocha grande detrás dela.

— Trato de ser sensata — ela mordeu. — Algo que você não é, Kane. Não tem nem idéia do que poderia ocorrer. Não sabe como isto te poderia afetar...

— Sei como me afetas. — ele grunhiu. — Sei que meu órgão está como o aço em minhas calças noventa por cento do tempo, estou ardendo por entrar em você. Sei que cada vez que vejo um arranhão em sua pele quero matar alguém. Um machucado me coloca raivoso. Lembrança de cada coisa que ocorreu aquela noite nesse laboratório. Nunca superei, Sherra. Nunca o esqueci. E, Por Deus, nunca me rendi. Você te rendeu.

Eu o aceitei — áspera, rouca, sua voz refletiu toda a dor e a fúria dos anos passados.— E agora é seu turno, Kane. É hora de aceitar que terminou. acabou-se a noite em que esses bastardos me violaram... Oh, Deus — ela pressionou sua mão sobre sua boca quando lhe observou empalidecer, observou a dor que cruzava sua face. Separando-se-se violentamente da rocha grande, afastou-se o suficiente dele para evitar seu toque, para aspirar o ar abafado da noite.

Ela quase não recordava essa noite. Tinha sido nebulosa, brumosa. As drogas tinham reagido com os hormônios que surgiam através de seu sistema. Os cientistas não tinham nem idéia do engano que tinham cometido até que ela começou a convulsionar-se sob o bastardo que a violava.

— Sherra. Teria dado minha vida para ter te salvado disso — ele murmurou detrás dela. — E essa é a verdade absoluta.

Ela negou com a cabeça com um sentido de fatalidade.

— Não, Kane. Quase deu sua vida, de qualquer maneira, e nunca soubemos. Não foi sua culpa. Não te culpo por isso. — Simplesmente aceitava.— Não sou a garota que você amou então. A garota que te amou não existe mais. Ela morreu com o criança que perdeu. Tudo o que restou foi a assassina — ela se virou para ele, vendo escurecer-se sua face, a amargura em seu olhar.— Sou uma das Espécies, Kane. Nada mais. Nada menos. E estou em cio. É físico. É biológico. E não temos idéia de como isto te poderia afetar. Não estou disposta a correr o risco.

Uma risada curta, sarcástica escapou dele.

— Deve me tomar por um imbecil, Sherra — disse movendo a cabeça, assombrando-a com o toque de diversão que notou em sua voz. — É boa, neném. Tão boa, que acredito que inclusive enganou a você mesma. Mas não me enganou. Pensa nisso, Sherra. E começa a contar os dias. Porque estarei condenado se te deixo fugir muito mais tempo.

Capítulo 4

Como se ela tivesse alguma intenção de obedecer qualquer ordem que desse Kane Tyler, pensou Sherra, ainda mais que furiosa mais tarde essa noite indo unir-se às patrulhas de montanha que vigiavam a propriedade.

Não lhe tinha ordenado sua volta a casa. Não teria obedecido e ele era o suficientemente inteligente para não fazê-lo. Dava graças a Deus por isso. Seu corpo se amotinava, e o fato de que agora sabia que ele era consciente de sua excitação física somente servia para piorar a situação.

Muitos anos em celibato, esse era o problema, tentava convencer-se enquanto se movia entre as árvores, consciente do silêncio da noite, da calma que acariciava seus sentidos. Isto recordava ao Kane. Todo recordava ao Kane.

- Me toque, Sherra. Sua voz a tinha acariciado como a brisa mais suave quando sua mão agarrou sua ereção, fazendo estremecer sua carne com o prazer. Ele tinha estado duro, quente e grosso. Um pênis que teria agradado à mulher mais exigente. E esteve mais que agradada com ele.

Ela tremeu, seu sexo se umedecia só de pensar quão bem a tinha agradado nos laboratórios. Movendo-se dentro dela, seu corpo o tinha apertado com o esforço por controlar a necessidade de precipitar-se em sua própria liberação, enquanto ele a conduzia mais alto cada vez.

Detenha, ordenou-se a si mesmo suspirando. Recordar somente a faria mais frágil, mais faminta. Não podia permitir-se estar mais faminta.

— Sherra temos movimento não identificado que se dirige para a você, pelo este. Está segura?

Tamber Mason, uma tímida e pequena membro da Espécie Leoa, falou pelo canal de comunicação com uma voz cheia de tensão, enquanto Sherra se tranqüilizava contra a ampla base de uma árvore.

— Como de perto?—sussurrou Sherra enquanto comprovava seu relógio. Fazia pouco mais de uma hora que se escapou da ameaça do Kane.

— A menos de meio quilômetro, movendo-se em diagonal às três em ponto de onde está agora. Um percurso que seguindo seu atual curso lhe conduz diretamente para as portas traseiras do complexo principal — o intercomunicador fez clique várias vezes, enquanto o canal seguia emitindo, para assegurar a privacidade enquanto Tamber falava.

Sherra tirou sua arma facilmente da cintura e, comprovando o percussor, deslocou-se silenciosamente. Seu corpo felino estava inteligente para qualquer tipo de ameaça que se encontrasse. Rapidamente começou a mover-se à posição indicada.

— Me mantenha informada do rumo e a distância — murmurou no microfone. Colocou os óculos de visão noturna sobre os olhos e percorreu com a tela do radar o lugar.

Dois pequenos pontos cintilaram imediatamente em um pequeno mapa na periferia de seu olho direito. O seu próprio em azul e a fonte desconhecida em cor vermelha. Ela se deslocou ao longo da montanha, mantendo-se inclinada, caminhando entre a densa e espessa folhagem, enquanto se dirigia para ver o que fazia o intruso.

Em segredo Tamber tinha comprovado cada enlace e posição das Espécies que estavam em seus postos na montanha. Havia um ponto de mais em movimento de que deveria haver, sem confirmação por parte dos guardas que tinha comprovado antes de consultar com a Sherra.

—Tudo o que recolho agora é uma anomalia — disse Tamber silenciosamente enquanto Sherra se movia aproximando-se, olhando cautelosamente a sombra verde fluorescente dos óculos que agora protegiam a parte superior de seu rosto. — Mas isto apareceu de um nada. Um minuto não havia nada, ao seguinte estava ali.

Confiando na outra mulher para que guardasse suas costas, Sherra advertiu vários pontos azuis movendo-se também em outras posições. Rodeando um montículo de altas rochas redondas e grandes, continuou avançando fazia a anomalia, vigiando cuidadosamente com um olho o pequeno ponto vermelho que se deslizava com o passar do mapa, aproximando-se cada vez mais à porta que conduzia ao complexo principal. Isso tampouco tinha sentido, era algo incoerente. Teria sido mais fácil para um intruso, entrar por muitos outros pontos antes que pela porta traseira.

Tão suavemente como a brisa, deslizou-se inclinando-se entre a espessa folhagem, esquivando facilmente os ramos superiores que teriam alertado a um rastreador com experiência que estava sendo espreitado.

Do Conselho ou um fanático, isso não importava, só seguiam tentando-o. As tentativas para poder entrar no complexo pareciam piorar com cada notícia que se emitia por televisão. Algumas das insinuações naqueles chamados informem eram mais que insultantes, eram categoricamente perigosas. Manter-se à corrente de todos eles era quase impossível e rebatê-los vinha sendo cada dia mais difícil.

E eles seguiam tentando-o. As tentativas de matar as novas espécies humanas pareciam ser diárias. Avançando lentamente aproximando-se, Sherra passou facilmente entre uns pinheiros jovens e se moveu devagar atrás do intruso. Quando o teve à vista, o terror se abateu de um golpe duro e pesado em seu coração.

— Eu não o faria — ela apontou sua arma automática quando ele se dispunha a levantar o lança míssil, um tubo longo e cilíndrico, a seu ombro.

Ele se congelou durante um segundo longo. Ela cheirou o medo que irradiava de seu corpo e podia sentir sua determinação para assassinar.

— Um só movimento e te abro a cabeça —lhe ladrou ela. — Tamber, alerta à casa, merda. Temos um lança míssil.

Não tinha nem idéia se poderia derrubá-lo antes de que ele lançasse o míssil. Sua mão estava no gatilho, a arma apontava a um lugar que atingiria diretamente na casa.

— Evacuar, Tamber. Evacuar — Sherra deu a ordem de esvaziar a casa, escutando de fundo o caos que fez erupção na sala de controle.

— Vale a pena morrer por isso? — perguntou-lhe ao atacante, vendo como sua mão se fechava sobre o gatilho —Posso ajudá-lo, companheiro, se baixar a arma agora.

— Maldição ...—Sua mão se apertou.

Sherra disparou imediatamente, mas antes de que ele caísse apertou o gatilho, causando o lançamento do míssil.

—Lançado! Lançado!—gritou.— Por Deus, saiam da casa agora! Agora!

Ela sabia que não tinham tido tempo para evacuar a casa, nenhum modo de conseguir que todo mundo estivesse a salvo. O homem estava caído, consciente de que não estava completamente morto. Sentando-se em um instante colocou-o sobre suas costas, não fez caso do sangue que molhava seu ombro e o grito de dor, quando segurou seus punhos com umas algemas de aço antes de ficar rapidamente em pé.

— Levem esse bastardo — gritou a dois dos homens enquanto ouvia ao longe a explosão montanha abaixo. — O resto de vocês, venham comigo.

—Tamber, informa —gritou pelo intercomunicador, enquanto corria montanha abaixo. — Por Deus, informa!

Podia ouvir os gritos de fundo quando as ordens foram transmitidas, mas não ao Tamber.

— Nenhum ferido —de repente uma voz gritou em sua orelha, fazendo que quase tropeçasse ladeira abaixo, tendo já a casa à vista. — Não temos nenhum ferido. Nenhum ferido. Míssil abortado.

Algo o tinha abortado. A montanha povoada com excesso de árvores tinha salvado suas peles. Dois velhos carvalhos com séculos de antigüidade e grossos troncos ardiam na base da montanha, o impacto tinha detonado os explosivos do míssil. As Espécies se apressavam ao redor dos pátios, jogando água com mangueiras que estavam localizadas na periferia da propriedade, para apagar as chamas antes de que prendessem fogo à montanha inteira.

— Diga como estão todos — gritou Sherra pelo intercomunicador, enquanto dava meia volta e se apressava, desfazendo o caminho por onde tinha vindo.

Mataria o bastardo.

Quando se aproximou dos das Espécies que arrastavam à figura que chiava montanha abaixo, permitiu-se um grunhido felino, a fúria escapou entre seus dentes. Eles se detiveram, deixando cair sua carga e ficando de pé um pouco se separados, enquanto ela se aproximava.

Ele soluçava. Como um criança preso em alguma indiscrição que sabia que traria um castigo. O bastardo não estava arrependido ainda, só aterrorizado. — Olá — sussurrou a palavra com um perigoso grunhido, era como um predador enquanto se encurvava ajoelhando-se para olhar fixamente a face pálida. — O que temos aqui? Um pequeno bocado de meia-noite? — Mostrou seus dentes, vendo como seus olhos se fixavam nas agudas presas de ambos os lados da dentadura. Ela era um dos raros casos com duas fileiras cheias de afiadas armas. Conservar as largas presas escondidas detrás de pequenos sorrisos e o pretexto do acanhamento não tinha sido fácil, vivendo em uma pequena cidade do leste de Kentucky, em que antes tinham estado escondendo-se.

Não havia nenhuma necessidade de esconder-se agora. Retirou para trás seus óculos, consciente de que agora seus olhos brilhavam surpreendentemente a luz da lua cheia que brilhava no alto.

Ele gritou um segundo antes de que seus olhos girassem, jogando a cabeça atrás e perdesse o conhecimento. Sherra grunho friamente.

— Arrasta-o às celas — se levantou enquanto dava a ordem cortante aos dois guardas. — Estou segura que Kane e Calam lhe estão esperando.

Mísseis, agora. Sacudiu a cabeça enquanto lutava por respirar através das palpitações de seu coração. Como diabos tinha conseguido acontecer os alarmes externos e chegar tão longe montanha abaixo, antes de que o radar o detectasse?

— Necessito duas unidades mais aqui fora. Precisamos comprovar as cercas externas, assim como os alarmes de segurança—gritou Sherra no intercomunicador para estar segura de que era ouvida por cima do alvoroço na sala de comunicações.

— Esteja a caminho — a voz de Calam cheia de fúria trovejou pelo microfone.—Traz seu traseiro aqui agora. Necessito-te aqui. Temos feridos.

— Quem? — o medo se abateu de repente sobre seu coração pensando em sua família enquanto começava a baixar a montanha a passo rápido.

— A metralha causada pela explosão atingiu a vários guardas e Merinus está enlouquecida por você estar aí fora. Retorna aqui e apazigua-a. Não necessito que tenha o bebê antes do devido.

O que significava que Merinus estava mais que zangada. O que significava que era alguém próximo ao Merinus...

—Onde está Kane?—ela respirou duramente.

Fez-se o silêncio.

—Oh, Deus — seus joelhos se dobraram devido o medo. Reunindo sua força, Sherra correu o resto da montanha, até a porta aberta que a esperava.

Ela não podia pensar, não podia respirar. Rechaçou reconhecer a dor abrasadora que se instalou em seu peito e que fez que queria uivar pelo sofrimento. Ignorou o desespero, não fez caso ao medo e correu tudo o que podia para retornar a casa e a seu companheiro.

Capítulo 5

— Demônios do inferno, se não deixar de pinçar em mim vou quebrar-te os dedos — lançou Kane ao Doc Martín quando lhe arrancava uma larga lasca de seu ombro, estancando o sangue com uma gaze grossa.

A carne do ombro estava toda rasgada e emanando sangue, enquanto Doc trabalhava para limpar a área.

Sherra se parou dentro da bem equipada sala médica e contemplou as feridas cheia de horror. O músculo liso, perfeito, apertou-se dolorosamente quando o Doutor inseriu outra injeção de anestésico para amortecer a dor antes de tirar mais lascas de madeira da carne.

Feridas nunca a tinham afetado em particular. Tinha estado ajudando ao Doutor durante anos com as de Calam e freqüentemente também com o Taber. Mas vendo Kane, sua perfeita carne rasgada e tratada tão brutalmente, sentiu ameaçadoras náuseas no estômago.

— Sherra, necessito mais ataduras — lhe gritou Doc quando ela fez uma pausa detrás dele. —tive quase que sedar Merinus quando viu isto e todos outros estão ocupados.

Apressando-se a ir à pia, Sherra rapidamente lavou as mãos e os braços, os enxaguando e secando antes de voltar depressa para a maca. Ficando frente de Kane, preparou as gazes, olhando fixamente os utensílios e o pequeno cubo de metal cheio de fragmentos de madeira.

— Maldito Dr. Jekyll — resmungou Kane com uma careta de desgosto quando a exploração começou de novo.

Ele conservava sua cabeça inclinada, encurvando o ombro como pela dor, embora ela soubesse que a área deveria estar corretamente intumescida naquele ponto.

— Não é tão ruim. Só necessitará uns pontos — murmurou o Doutor. — Teve sorte, filho. Estas lascas voadoras poderiam ter perfurado um pulmão.

Sherra lutou por controlar a sensação de horror ante o pensamento. Seu estômago se contraiu quando tragou fortemente e preparou as suturas que o doutor necessitaria.

— Está bem? — perguntou-lhe Kane, em um murmúrio, sua cabeça ainda inclinada.

— Muito bem — disse ela com uma voz espessa. Ainda não podia acreditar que ele estivesse sentado ali, que o ataque quase o tivesse matado. O fato de que estava consciente e relativamente ileso a assombrava. — E outros? — seus olhos se levantaram para olhar ao doutor.

Doc Martín grunhiu com irritação enquanto tirava outra lasca. — Danos menores. Limb agarrou a um deles. O outro foi arrojado dentro de um edifício. É o que se levou a pior parte. Se sobrevive poderia conseguir lhe tirar as malditas lascas antes de na próxima semana.

Kane se tinha movido outra vez, girando ligeiramente mais longe da Sherra. Ela olhou carrancuda sua cabeça inclinada. Estava mais ferido do que tinha deixado ver? Ele estava agindo tão inusualmente que ela se moveu até encontrar-se cara a cara com ele, inclinando-se sobre seu peito nu para inspecionar suas feridas.

Ela se congelou de horror enquanto ele finalmente levantava a cabeça e lançava um suspiro de resignação. As cicatrizes eram horrendas. Grandes linhas cortadas irregularmente entre a carne se estendiam de um lado a outro de seu escuro peito. Algumas corria sobre um pequeno mamilo masculino, as outras entrecruzavam a pele como um mapa louco de violência. Ele não tinha tido aquelas cicatrizes nos laboratórios. E ela sabia sobre cicatrizes; aquelas eram velhas.

Dayan disse que ele atacou ao Kane aquela noite. Que ele deveria estar morto. Agora sei por que ele estava tão mal todos esses meses que esteve no hospital, Sherra. Eles não me deixaram vê-lo então. Mas as feridas eram terríveis. Sherra recordou ao Merinus contando o mal que fez Dayan quando tentou matá-la junto à criança recém concebido com Calam.

O olhar fixo do Kane era dura quando ele a olhou.

— Também vai desmaiar?—pergunto-lhe cautelosamente. — Com Merinus já tive suficiente. Não acredito que meu ombro possa suportar outra fêmea desmaiando agora mesmo.

Sua expressão era selvagem. Seus olhos brilhavam intensamente com dor e fúria.

— Sherra, preciso daquela gaze — gritou o Doutor. — Deixa de comer com os olhos este peito e me dê isso

Ela avançou aos tropeções, consciente de que Kane lentamente se endireitava tanto como lhe permitia o Doutor. Lhe deu a gaze. Sua mente era uma confusão só. Nunca tinha esperado ver semelhantes cicatrizes no homem que tinha acreditado invencível durante os meses passados. Além de sua própria cólera e emoções confusas, sabia que nunca tinha imaginado um tempo em que pudesse conceber que ninguém machucasse Kane seriamente. Não tinha acreditado completamente em Merinus até agora. Estava de pé ali, incrédula, ajudando ao Doutor, automaticamente lhe dando o que necessitava quando o pedia, lutando contra a culpa e a raiva que a enchia cada vez que os músculos dele se contraíam. Ele não gemia ou se estremecia; suportava a dor como se só fora uma pequena irritação.

— Não necessita muitos pontos, mas esta ferida é um tanto irregular — disse o Doutor quando aplicou o último ponto. — Deve descansar durante um momento. Trocarei a bandagem diariamente, darei uma injeção para lhe acalmar a dor nesta

noite e vigia-o. Se isto se infeccionar, teremos dificuldades. E não queremos que isto ocorra.

Kane só grunhiu. Sherra se levantou silenciosamente quando Doc lhe colocou uma injeção para a dor e logo enfaixou o ombro.

— Pode levá-lo para casa? — perguntou a Sherra. — Todos outros correm de um lado a outro como frangos que lhes tenham cortado a cabeça.

— Encarregarei-me disso—disse assentindo com a cabeça firmemente, encontrando-se com o sorriso satisfeito do Kane, quando levantou sua cabeça. Maldito fora, até ferido tinha que ser um asno zombador.

— Estará bastante aturdido até que durma. Fica com ele. — o olhar dela voou para o doutor enquanto começava a preparar desculpas.

Estava louco? Ficar com Kane? Ele era bem consciente do efeito que estar juntos lhes causava. Sabia condenadamente bem que o mesmo passaria em sua residência.

— Não me olhe assim, moça—lhe disse o Doutor. —Alguém tem que ficar com ele e não fica ninguém mais. Agora tira-o daqui.

— Vamos, gatinha — a voz do Kane soava cansada quando ele se levantou para ficar de pé, enquanto que com a outra mão se agarrava o braço ferido. — Vem me mimar toda agradável e tranqüila e deixarei que vá pacificamente.

— Fica com ele—voltou a dizer o Doc quando terminou Kane de falar — Sem discussão.

O mundo estava contra ela, decidiu Sherra quando se colocou ao lado do Kane, passando seu braço ao redor de sua nua cintura.

— Quero um banho. — lhe informou rigidamente enquanto saíam da residência. — Não vou tocar minha cama tal e como estou.

Ela suspirou. Sim, o mundo estava contra ela. Rezou para que alguém, qualquer, um estivesse disponível para lhe ajudar. Entraram no elevador e apertou o botão para subir até o piso principal onde Kane morava. Por sorte, as portas não se abriam muito longe de seu quarto.

—Agarrou o bastardo?—perguntou-lhe ele quando entraram no elevador.

—Sim. Grunhi-lhe e lhe mostrei alguns dentes. Passo mais medo que se tivesse estado no inferno. Desejaria que ao menos enviassem a alguém mais inteiro. Estas joaninhas se desmaiam se lhes sorri de maneira equivocada.

Kane grunhiu. Ele se apoiava pesadamente contra ela enquanto se abriam as portas, o que era uma indicação de que o analgésico começava a afetá-lo.

— Vou deitar-lhe.

— Primeiro o banho — lhe recordou respirando profundamente. —Juro Por Deus que este dia foi um inferno.

Era um novo dia, mas ela não ia indicar se o eram pouco mais das duas da manhã e a alvorada não estava longe. Ela sabia que ele se levantava antes das cinco cada manhã e geralmente ainda estava acordado à meia-noite. Trabalhava tão duro, se não mais, que qualquer um de sua família.

— Bem, um banho — O que podia fazer? Ela o meteria na banheira, lavaria suas costas e se asseguraria de estar ali quando estivesse pronto para sair. Nada mais.

Ela conhecia as drogas do Doutor. Aturdiriam-no um pouco, mas poderia ficar de pé se por acaso precisasse.

Ela não antecipou o que viria.

Ele não podia desabotoar seu jeans muito ajustados. Seu braço era inútil. Tragando fortemente, ela os desabotoou com dedos trêmulos, mais que consciente da grossa protuberância. Cuidando de manter seus olhos longe da sua virilha, os deslizou junto com as cueca por suas poderosas pernas antes de que ele se sentasse na pequena cadeira ao lado da banheira para lhe deixar que soltasse suas botas.

Finalmente, gloriosamente nu e com movimentos lentos, ele foi capaz de entrar na banheira e apoiar com muito esforço suas costas contra o espaldar. Sua cabeça descansava jogada para trás, enquanto seus olhos lhe fechavam.

— Não pode dormir, Kane — ela estremeceu enquanto observava a cabeça de seu pênis oscilar acima e abaixo ao longo de seu abdômen bronzeado. Só Kane podia ficar duro estando meio morto. Simplesmente era sua sorte.

— Estou acordado — resmungou ele. — Só me dê um minuto.

Ele levantou seu braço bom, seus dedos esfregavam preguiçosamente seu peito cheio de cicatrizes. Ela seguiu a ação, seus olhos olhando fixamente as finas cicatrizes, seu coração encolhendo-se de dor ao pensar o que ele teve que sofrer.

— Ele me atacou fora do edifício do laboratório—disse Kane suavemente, provocando que ela levantasse sua cabeça, encontrando seu olhar.

Seus olhos estavam agora dilatados e adormecidos.

— Sinto muito. — Ela não sabia que dizer. Não sabia que sentir.

— O bastardo pensou que podia me enterrar e logo dar meia volta e partir—disse suavemente embora sua voz palpitava de cólera e dor. — Consegui sair eu mesmo e engatinhar através do mato. Finalmente uma excursionistas me encontraram. Meio morto e febril. Conseguiram me levar a um hospital, mas eu já parecia um desastre. Passaram semanas antes de que eles fossem capazes de averiguar quem era eu. Meses antes de que eu estivesse lúcido. Quando fui capaz de lhe ajudar... — o tragou com força, — os laboratórios já não existiam. Eles disseram que todos tinham mortos. Que nada tinha ficado.

Ele fechou seus olhos outra vez.

Ela pensava que ele simplesmente tinha abandonado-a à sua própria sorte. Ela cobriu a face com as mãos. Até depois de que Calam e Merinus lhe haviam dito o que Dayan fazia, ela ainda não acreditava. Não completamente. Não em seu coração. Não até agora.

— Sinto — murmurou ela outra vez.

Ele negou lentamente com a cabeça.

— Esqueça. Me ajude a tirar esta imundície de meu corpo, Sherra, então possivelmente possa dormir um momento. Falaremos do resto amanhã.

Sherra sentiu palpar seu coração dentro de seu peito. Seu canal estava gritando pela vitória. Suas mãos quase vibravam pensando no prazer de acariciar sua pele, até com a barreira de uma esponja em meio. Devagar, ajoelhou-se ao lado da banheira e levantou a pequena esponja da cesta que pendurava à beira. Molhando-a na água passou-a no sabonete.

— O cabelo — resmungou ele, sentando-se devagar e baixando sua cabeça.— Só usa o sabão. Eu o faço.

Ela lavou seu cabelo com cuidado, depois de colocar uma toalha sobre a bandagem. Começou a lhe lavar rapidamente, desesperada para terminar logo e conseguir levá-lo para cama com a esperança de que pudesse dormir. Sentia-se tentada e também desesperada. Passava de um extremo ao outro velozmente.

Sua face ardeu quando ele tomou a esponja e lavou seu duro pênis molhado e o escroto. Sua face se torceu com uma careta de prazer, a carne dura aumentando-se entusiasta sob seu toque.

— Já é o suficiente — sua voz soou estrangulada quando ela tomou o tecido de sua mão e a escorreu. Sustentou uma toalha. — Está completamente limpo e eu estou cansada de bancar a babá.

Um sorriso sonolento, sensual cruzou seus lábios enquanto a observava através de suas pálpebras entrecerradas.

— E o faz tão bem—sussurrou ele, mas se obrigou a levantar-se.

A água escorregou por seu corpo bronzeado enquanto se levantava diante dela, olhando-a fixamente, desafiando-a enquanto seu pênis crescia e enchia a visão dela. Estava molhado e a água se deslizava como riachos da cabeça com forma de cogumelo e o pesado e robusto queixo. Sherra lambeu seus lábios, recordando muito bem quão bem sabia, como seus gemidos de prazer acariciaram seus sentidos enquanto a boca dela o tinha envolto. Ela tragou fortemente e rapidamente pigarreou, limpando a garganta antes de levantar-se para o ajudar a sair da banheira e lhe dar a toalha para que pudesse secar-se.

Ela pensou que era o suficientemente forte para fazê-lo. Pensou que podia controlar a fome e a necessidade o tempo suficiente para secá-lo e levá-lo para a cama. Mas quando viu outra vez a grossa ereção, só podia choramingar ante sua derrota.

As mãos dele se enredaram em seu cabelo enquanto ela se ajoelhava ante ele. Sujeitou-a quieta, embora não havia razão para isso. Seus lábios se abriram enquanto a aveludada cabeça de sem membro pulsante se introduzia entre eles, abertos e permitindo tomar sua boca.

—meu deus. Sherra—sua voz enviou tremores que se estendiam em cascata sobre sua pele quando sua grossa e palpitante franga a encheu, com cada carícia de sua língua aumentava o movimento de seus quadris, magreándolo quando ele empurrou entre seus lábios com um gemido estrangulado.

Ela gemeu, fechando seus olhos enquanto se sujeitava a suas coxas com as mãos e começava a sugar o engordado eixo. Justo como lhe tinha ensinado fazia uma vida, sua boca fechada nele, sua língua acariciando-o e chupando a sensível ponta devagar.

Suas mãos se agarraram a seu cabelo, retesando seu corpo enquanto um gemido enrabietado enchia os ouvidos dela e sentia seu quente preeyaculación gotejar em sua língua. Era salgado, rico, fazendo que se precavesse de quão desesperada tinha estado por degustá-lo. Ela queria todo isso, queria sentir que os jorros quentes de seu sêmen enchendo sua boca, recubriendo sua língua e atormentando-a enquanto ele encontrava sua liberação nela.

— Sherra, neném — sua voz soava rouca enquanto ele transava seus lábios lentamente. — Neném, isto é tão bom que poderia morrer, mas vou cair no chão a qualquer momento.

Para demonstrar suas palavras ele quase tropeçou, uma risada abafada, torturada enchendo o ar quando ela devagar o liberou. Elevando a vista lentamente, seu fôlego ficou preso na fome que aparecia em seu olhar.

— Filha de puta, finalmente consigo colocar meu pênis nesta doce boca outra vez e não posso me ter em pé o tempo suficiente para desfrutar disso.

Sherra estava tremendo enquanto se separava duramente, mantendo os lábios firmemente fechados enquanto olhava fixamente a úmida longitude de carne masculina. Deus querido, o que estava fazendo? Tinha perdido a cabeça completamente.

— Demônios — disse ele enquanto se escorava contra a parede para manter-se em pé. — Suponho que posso me esquecer da liberação, não? Posso ao menos ter algo de ajuda para ir à cama?

Ela sacudiu a cabeça lentamente. Ele a olhava com uma apaixonada intensidade e uma fome sexual que fazia flamejar seu corpo conscientemente. Isto era uma loucura, disse ela ferozmente. Ela sabia do que que isto não aliviaria sua fome por ele. Não fazia mais que piorar as coisas. — Maldição — ela caminhou para ele, colocando seu braço ao redor de sua cintura e conduzindo-o do banheiro à sua cama.

— Sim, os dois estamos perdidos — grunhiu ele enquanto ela separava os lençóis da cama e ele se sentava lentamente. — Não vai haver maneira de poder dormir com esta ereção, Sherra.

— Já a tinha antes de que te tocasse — disse franzindo o cenho enquanto ele a olhava em suave acusação.

— Por você — grunhiu ele. — está duro desde a noite em que saiu dentre as sombras da Sandy Hook. Maldição, não posso estar muito longe de minha gata.

Ela quase perdeu o equilíbrio com o protesto quase não expresso. Logo o perdeu realmente, quando a a puxou para a cama a seu lado. Recostando-se contra ele, ficou olhando-o fixamente, o alarme passando como um raio por seu sistema. Muito perto. Ele estava agora muito perto para que ela pudesse manter qualquer tipo de controle.

— Precisa dormir—Por favor dorme pensou ela, Oh Deus, faz-o dormir.

Mas ela não podia resistir a tocar a incipiente barba ao longo de sua bochecha, seus dedos acariciando, as sensíveis pontas estremecendo-se com a áspera sensação. Ele a olhava, relaxado para variar. Ela nunca o tinha visto tão controlado, lhe sorrindo tranqüilamente, com seus olhos escuros cheios de calor.

— Precisa transar comigo — ele sorriu abertamente, provocativamente, seus olhos dilatados quase negros enquanto a olhava. —Venha, uma única vez. Prometo que não ficarei dormido sobre você —a enrolou com uma voz aveludada, rouca, que enviava labaredas elétricas de paixão através de seu corpo.

Como se supunha que ela poderia lutar contra este novo e repentinamente gentil Kane?

Capítulo 6

Sherra ficou olhando-o em estado de choque. Estava brincando com ela? Nunca antes o tinha feito. Lhe tinha respondido bruscamente ou lhe havia dito algo impossivelmente arrogante com a única intenção de enfurecê-la.

Lhe tinha grunhido, zombado dela, a tinha chamado por formosos diminutivos carinhosos e, em geral, fez todo o possível por converter sua vida em um inferno. Mas nunca tinha brincado de maneira tão amável. Tão docemente.

O tempo que tinham compartilhado juntos nos laboratórios não tinha dado lugar a nenhuma oportunidade para a risada ou para brincar. A vida e a morte eram a luta diária, dia a dia. Cada minuto de suas vidas tinha sido uma lição na morte. Como obtê-la, já fora de forma rápida e pouco chamativa, ou cheia da máxima dor. Sherra supôs que ela conhecia mais forma de matar a um homem que a maioria de assassinos que passeavam a seu redor agora. Mas nunca tinha sabido como brincar.

— Sherra — ternura na sua voz matando-a literalmente.

Cavalheiristicamente. Ele podia ser tão suave, tão terno. O pensamento de passar a noite sozinha a rasgava por dentro. Não queria recordar os horrores quando ele a deixou sozinha. Ela necessitava desesperadamente esquecer aquela noite. Recordá-la a fazia frágil, a fazia ansiar todas as coisas que se negou a si mesmo.

— Sabe que não posso — murmurou, sobressaltou-se quando ele prendeu sua mão, vigiando-a estreitamente.

Seus dedos cheios de duros calos, acariciaram sua mão, muito mais suave, criando uma fricção de calor que converteu sua respiração em um suave ofegar. Amava seu toque. O calor e força de sua carne sempre a assombravam, como o faziam as chamas ardentes de fome que cresciam em seu ventre.

— Sempre retrocede tremendo, quando te toco — lhe disse com pesar, seu olhar fix e sombrio. — Acaso tem medo que te machuque? — Seu olhar era muito escuro, arrependido — Te machuquei, Sherra, machuquei-te quando fiz amor contigo pela primeira vez?

A respiração da Sherra aumentou quando ele se levou seus dedos a seus lábios. Lhe fazer mal? Ele tinha destroçado seu coração, mas fisicamente lhe tinha dado o prazer maior que tivesse conhecido alguma vez em sua vida.

Ela negou com a cabeça lentamente, seus olhos ampliando-se enquanto ele acariciava com a ponta de seu dedo indicador seus lábios entreabertos. A sensação a atravessou como uma lança diretamente lançada contra seus clitóris e, dali, a seu sexo dolorido. Seus lábios eram firmes e picantes, cheios de promessa sexual.

— Está molhada? — Perguntou-lhe com um sorriso raro em seus lábios — Espero que esteja ao menos tão molhada como eu duro, neném. Não seria justo de outra maneira.

Sua língua lambeu seu dedo, lhe causando uma forte sacudida pela sensação. Molhada, suave, ela podia facilmente recordar como ele tinha sulcado seus clitóris com ela, como lhe manteve suas coxas abertas enquanto chupava a pequena pérola que não deixava de agitar-se. Esse nó cego de carne se inchou e bateu no pensamento enquanto ela contra-atacava com um gemido.

Sem respirar apenas, ela lambeu seus lábios secos, lutando por manter os olhos abertos, assegurar-se de que via cada movimento que ele fazia. Não poderia resistir muito mais tempo. Não tendo seu toque atormentador sobre ela. Um prazer atormentador contra o que logo estaria indefeso, sabia.

— Temos que parar. — falar estava se tornando em algo próximo ao impossível. Ela quase não podia respirar.

A fome a atacou, enchendo-a da dor agriçoce da luxúria que ela sabia que nunca poderia culminar. Tinha cometido um engano, certamente sem sabê-lo, tinha condenado a seu organismo a uma dor sem remissão. Não faria o mesmo com Kane. Ele se tinha angustiado já sobradamente em seu atrevimento por tratar de salvá-la.

— Compartilha a cama comigo, Sherra — lhe pediu, sua voz baixa e rouca, vibrando pela necessidade. — me deixe te ajudar a agüentá-lo. Estou muito fraco para te impor qualquer outra coisa à força agora mesmo.

Ele não teria que fazê-lo. Seu olhar se arrastou por seus fortes peitorais até seu abdômen apertado e o longo e rígido caule de seu sexo levantando-se. Ela lambeu os lábios nervosamente. Era tão frágil. Enquanto ele tinha estado zangado com ela, lhe disparando dardos de ódio por sua negativa para ele, ela tinha podido esconder-se, mantê-lo suficientemente longe para manter sua determinação. Mas este Kane, mais suave, mais amável aumentava sua fome até um nível muito mais profundo.

Kane gemeu.

— Caramba, carinho. Quero esse gasto de sua língua todo para mim, não sobre seus lábios. Me deixe lambe seus lábios — ele atirou de sua mão, atirando-a para baixo antes de que a intenção de seu perigoso movimento penetrasse em sua mente, e ela avançou dando tombos para trás.

— Não. Não posso — sua língua palpitava, as glândulas inchadas e se desesperadas agora.

Seu seios lhe doíam, seus mamilos endurecidos formando picos firmes que raspavam quase dolorosamente em contra do ataque ajustado de seu corpete.

— Claro que pode. — Seus olhos brilhavam quentes, mostravam uma fome escura quando ele cravou os olhos na carne de seu seios que se elevavam e quase transbordavam de seu corpete. — Vamos, Carinho. me deixe te beijar outra vez. Sei o necessita. Como está inchado seu preciosa grelinho. Vamos, Sherra, nada vai ser mais intensa que o que já estou sentindo.

Ele a atirou para baixo. Sua cabeça não gritava. Mas, em troca, cada célula de seu corpo chorava por ele. Ela podia saborear a mescla suave de chuva e a doçura em sua boca enquanto ela tremia do medo repentino e se sacudia por força que ele transmitia outra vez, inconscientemente se tragou o sabor potente do hormônio.

Ela tremeu ante o conhecimento do rapidamente que o calor progredia esta vez. Ela deveria ter mais tempo antes de que as glândulas comesçassem a marcar novos rumos e derramar sua especiaria em seu sistema. Mais tempo para preparar-se e assegurar-se que ela poderia escapar o suficientemente longe dele, até sabendo o inferno que ela ainda tinha que resistir.

Ela se moveu para trás da cama precipitadamente.

— Tenho que ir.

— Não — ele se apoiou na parte superior da cama, seu olhar fixo aguçando-se, sua expressão endurecendo-se. — Não fuja de mim, Sherra. Me deixe compartilhar isto contigo, se não desejar nada mais.

— Você não entende. — ela forçou as palavras a sair de seus lábios, enquanto o sabor enriquecedor do hormônio e o desejo regava suas glândulas. — Não sabe, Kane. Não pode entendê-lo.

— Entendo que arreberto de vontades por você, e foi assim durante oito anos — lhe disse suavemente. — Pensa? — disse-lhe apenas, — pensa que não analisei tudo o que podia me ocorrer, o que me ia fazer para mim mesmo quando vi o que tinha experiente Merinus? Pensa realmente que é pior que estar completamente duro, sem trégua? Poderia transar durante semanas e não ter bastante de você. O pequeno hormônio que se está apagando em você não vai há fazê-lo pior.

Ele não tinha nem idéia do quanto pior podia chegar a ser realmente.

— Está louco — ela elevou a voz apenas, sua voz rouca. — Pensa que não pode ficar pior, Kane? Pensa que o desejo não pode converter-se em uma tortura tão dolorosa que gostosamente morreria em vez de resisti-la durante mais tempo? — ela fixou o olhar nele refletindo a amargura do conhecimento. — Pode piorar. O inferno dentro de você não seria pior. Estará tão mal que seus quadris não se acalmarão enquanto não transar. Tão profundo e doloroso que gritará de agonia e transaria com qualquer uma, entretanto, sem poder agüentar o toque de outra pessoa tocando sua carne. Ficarão tão debilitado que será um zero à esquerda em combate, porque que tudo o que querará fazer é transar.

Seus olhos se obscureceram nesse momento, ampliando-se em estado de choque enquanto ela descrevia o que tinha padecido. Suas bochechas se ruborizaram tomando uma cor avermelhada e ela quase podia ver sua luxúria aumentando rapidamente ao pensar em tal desafogo.

— Então traz seu traseiro aqui e transemos — grunhiu quase violentamente. — Sabe o que fazê-lo é o único modo de aliviá-lo, Sherra.

— Nada o alivia, Kane — ela quis gritar fora de si, furiosa. — Não entende? Calam transava com Merinus cada vez que o hormônio a fazia ovular. Seu corpo a estava preparando e deu a ela bastante tempo para ver se a concepção ocorreria antes de forçar sua fome outra vez. Não posso conceber. Não conceberei. Recorda?

— Poderia prescindir de uma dissertação da vida sexual de minha irmã — lhe informou arrastando as palavras. — E não sabe se o que diz é certo ou não. Tudo o que tem é uma hipótese.

— E tudo o que você tem é uma ereção — zombou ela. — Pode ajudar a você mesmo. Pelo menos você pode encontrar algum alívio nisso, Kane. Não encontrará satisfação em meu corpo.

— Acredito que não, gatinha — murmurou com os dentes apertados quando caiu na cama, ao tropeçar um segundo como se seus pés tivessem decidido lhe trair.

Sherra o olhou, com os olhos muito abertos, enquanto seus pés de macho furioso e acordado fazia uma pausa como se estivesse turbado. Seu sexo estava escuro e cheio, a umidade anterior, multiplicada sem prévio aviso, gotejou de seu corpo. Ele cambaleou sobre seus pés, as drogas afetavam agora a sua coordenação. Ele se deteve,

ficou com o olhar fixo neles um minuto, logo avançou para ela outra vez e rapidamente tropeçou de novo.

— Filho de puta. Odeio essas as drogas — amaldiçoou.

Instintivamente, Sherra se moveu mais perto dele, vendo a frustração e a determinação que provavelmente foram fazer que ele terminasse sobre seu traseiro. Não é que ela não pensasse que ele merecia cair sobre seu traseiro, mas se ele se abria os pontos, então Doc teria que lhe costurar de novo.

Esse foi seu primeiro engano.

Seus braços a rodearam, uma malvada risada abafada soando em sua orelha, e antes de que lhe pudesse deter, atirava-a para trás na cama.

— Demônios — amaldiçoou ele dolorosamente quando caiu sobre ela, deixou cair seu peso no ombro bom, embora ele fez uma careta de dor ante uma sacudida do ombro ferido.

Sherra ficou com o olhar fixo nele com cenho franzido. Maldito homem teimoso. Estava convencido de seguir seu próprio caminho, embora não soubesse nada disso, e se negava a escutar o sentido comum.

— Kane, está louco?—ela não lutou contra ele quando se situou entre suas coxas, seu inchado pênis contra o montículo de seu sexo enquanto sua respiração crescia junto a sua fome.

Os olhos do Kane se fecharam por um segundo. Justo o tempo suficiente para que ela observasse o prazer ardente que veteaba através de sua expressão.

— Agora o que, grande menino?—perguntou-lhe burlonamente. Suas roupas os separavam e ela sabia malditamente bem que ele ia se apagar como uma luz antes de que pudesse cumprir seu objetivo completamente.

— Deus, sente-se tão bem que poderia morrer aqui mesmo, agora, e sabendo que nada pode ser melhor que esta sensação — sua voz estava rouca e grossa tanto pela luxúria como pelo cansaço da droga.

As palavras se estrelaram contra seu coração. Os olhos da Sherra se fecharam enquanto ela brigava para evitar que seu rosto mostrasse a felicidade destrutiva que sentia. Seus olhos se estreitaram como pontas de alfinete de cor escura quando ele pressionou seus quadris no berço de suas coxas. A larga e dura carne picante pressionava firmemente contra seus clitóris cheio, fazendo-a ofegar em seu crescente êxtase.

— Sente o bom que é, carinho — murmurou quando sua cabeça baixou, sua língua acariciando a carne úmida de seu sexo. — Recorda-se, Sherra? Que tão quente e bom foi a primeira vez? Observar a meu sexo afundar-se em seu doce canal pequeno foi a coisa mais erótica que alguma vez vi em minha vida.

A percepção de seus lábios movendo-se contra sua pele foi o céu e o inferno. O prazer foi tão delicioso que seu sexo se contraiu, pulsou, derramando seus sucos em um rastro sedoso sobre o fino tecido que a separava, do pênis ansioso de Kane. Sua língua bateu com um ritmo que palpitava de necessidade, derramando a especiaria doce do hormônio em sua boca e enviando-a a acelerar-se através de seu sistema.

Oh, isto estava mau, pensou, enquanto seus quadris se sacudiam com força contra os dele por reflexo. Isto era muito mau.

Suas mãos agarraram sua carne nua, sustentando-se em sua cintura firme, seus musculosos quadris, enquanto ele movia seu eixo quente contra sua sensível fenda.

— Kane — seu nome foi um suspiro de desejo que não pôde controlar.

Muitos anos sofrendo os efeitos atormentadores do calor e não conhecer a calma. Tantas noites perdidas em desejar justamente isso, ansiando a percepção de seu corpo firme cobrindo-a, seus braços sujeitando-a, tal como ele fazia nesse momento.

— Shhh, neném — ele lambeu o topo de seu seios por cima de seu corpete.— Sente o bom que é. Me deixe te acariciar, Sherra. Todo liso e suave e quente contra mim. Um sexo tão pequeno e bonito.

Apesar da febre que aumentava, da luxúria fluindo em seu sangue, Sherra bufou divertida. — perdeste o julgamento — gemeu quando sentiu o rastro de seus dedos sob as tiras de seu corpete e o puxão que deu para tirar o de seu ombro.

— Mmm. Olhe o que encontrei — ele se aproximou do decote e o baixou com seu queixo, revelando o mamilo duro, cheio, que se elevou suplicantemente para ele. — Um bago bastante pequeno, toda amadurecida e doce feita para mim. Sua língua se fristou ao redor da mesma antes dela pudesse fortalecer-se ante a ação. Arqueou-se involuntariamente, empurrando-se mais perto de seus lábios, um gemido desigual de fome ressonou ao redor deles quando ela se estremeceu violentamente em seus braços. Kane gemeu então lenta, pesadamente, derrubando-se contra ela.

— Kane?—Sherra tragou enquanto sentia a pressão da cabeça do Kane descansando sobre seu ombro, seu corpo grande quase esmagando o dela com toda a pressão de seu peso em cima dela. Era consolador, mas realmente pesado.

— Kane?—ela atingiu seu ombro forte.

Sua respiração era pequena e relaxada. Ele pesava mais a cada segundo.

— Maldito seja, Kane. — Ela não soube se ria ou chorava quando começou a lutar contra seu corpo, empurrou-o sobre seu lado ileso até que finalmente, compasivamente, conseguiu tirar o de em cima dela.

— Louco — resmungou ela. — Está desequilibrado, Kane. Completamente louco. Deveria estar preso.

E ele ainda estava completamente duro. Ela grunhiu frustrada enquanto rodava da cama e atirava a manta sobre ele com um murmúrio de repugnância. Salva pelas drogas do Doc? Sacudiu sua cabeça cansadamente. Era a primeira vez que ela soube que os analgésicos do Doc tinham colocado fora de combate a alguém. Ele era tão agarrado com as drogas como um avaro com seu dinheiro. E agora Kane dormia profundamente e sem dor enquanto ela caminhava de cima abaixo pelo quarto, chutando-se a si mesma para sua falta de controle.

Lançou-se na cadeira ao lado de sua cama e ficou com o olhar fixo em sua forma inconsciente. Não deveria haver-se deixado ferir para começar, bufou silenciosamente. Se ele a tivesse deixado só no inferno, ele não se teria desacordado a duas segundos da chegada à meta devido às drogas injetadas para a ferida.

— Um caso de falta de parafuso — resmungou. — É um perigo para você mesmo.

Passou seus dedos cansadamente por seu cabelo enquanto se passava da cadeira ao sofá.

— Não lhe deixe só, Sherra — zombou do doutor odiosamente. — Ele poderia machucar-se, Sherra. Até ferido, ele tinha conseguido manipular os acontecimentos para seu próprio benefício antes que qualquer outro.

Ela se espreguiçou no sofá, ficou com o olhar fixo no céu e orou por paciência. Tinha a sensação de que ia precisar no que dizia respeito a Kane Tyler.

Capítulo 7

Ela não pode controlá-lo. Essa é a única coisa sobre as fêmeas que comprovei. Seus corpos simplesmente não podem evitar o toque de seu companheiro, sem importar nada, sem importar quando ou onde. Até que se da concepção, ou, no caso da Sherra, suspeito que até que o calor diminua, como aconteceu antes.

Kane não tinha esquecido essa pequena pérola de informação que Doc Martin lhe tinha dado em uma reunião anterior, mas ele era suficientemente homem para admitir que queria que Sherra viesse a ele por si mesmo, e não porque seu corpo não lhe deixasse outra opção. Essa foi a mais virulenta objeção que teve inicialmente contra a relação de Calam e Merinus. Sempre se havia sentido como se sua irmã não tivesse tido escolha no assunto, inclusive embora parecesse ser delirantemente feliz. Mas enquanto abria passo através da fazenda, encontrou-se repentinamente a si mesmo vendo o tema de uma perspectiva diferente. Sua perspectiva, admitiu, mas, ao menos, uma diferente. Ela era sua mulher. Esquecendo o acasalamento, esquecendo o calor, o fato simples e plano do tema era que ela era dele, quisesse-o ela admitir ou não. Se o calor não fora um fator a ter em conta, o inferno teria se congelado antes que ele a tratasse com tanta consideração. Não tocá-la, reservando seus entendimentos com ela os mordazes e afiados comentários que freqüentemente tinham machucado a ele tanto como a ela, não tinha sido fácil. Lhe tinha permitido correr cada vez que ela o tinha necessitado, e em lugar de ir caçar a, tinha-lhe dado liberdade. Porque ele não tinha querido forçar nela algo que era tão natural no corpo da Sherra como respirar: a necessidade de estar com seu companheiro. Atirou com força da pequena rádio de seu cinturão e a aproximou da boca.

— Sherra, onde está?

Estava cansado de esperar a que ela tomasse sua decisão. O fato de que ela estivesse disposta a enfrentar as agonias físicas que tinha sofrido antes que ir a ele tinha ferido seu orgulho, inclusive embora algo cálido enchesse seu peito ante o pensamento de que ela estava tentando lhe proteger de algo desconhecido. Sorriu entre dentes. Desconhecido-o podia ser condenadamente excitante às vezes.

— No abrigo das munições — sua voz soou brusca, distraída. — O que acontece?

Kane girou automaticamente para o baixo e extenso abrigo de aço que guardava as armas e as munições. Desenhado e construído segundo as especificações da Sherra. As armas que se supunha que iriam chegar logo se encarregaram segundo as recomendações dela. A mulher sabia tanto como ele, se não mais, sobre as armas. Mas não era sobre pistolas ou rifles do que queria falar com ela.

— Estarei aí em um minuto. Temos que falar—respondeu, tenso. Não estava disposto a entrar no tema em um canal aberto.

Despertou essa manhã com uma ereção que tivesse podido lhe fazer cravar as unhas em um carvalho sólido, de tão dura que tinha sido. Sua excitação tinha diminuído um pouco ao longo da manhã. Se o que Doc Martin tinha encontrado era certo, então a união física entre a Sherra e ele tinha estado ali desde aquela primeira noite que tinham estado juntos. Como tinha passado, ele não se preocupava com isso. Tudo o que sabia era a fome que sentia por ela, e uma necessidade multiplicada por dez de estar dentro de seu corpo. Empurrou a porta para abrir o abrigo de armas e entrou nos limites frescos e bem iluminados do edifício. E ali estava ela. Kane a olhou enquanto fechava a porta, apertando os dentes antes os sinais de estresse na expressão dela. Seus olhos estavam obscurecidos pela insônia, seus lábios apertados pelo esforço de lutar contra o calor que se estendia por seu corpo.

— Acredita que pode lutar contra isto por sempre, Sherra?

Ela se sobressaltou. Se havia algo que lhe deixava louco, era ver esse traiçoeiro tremor de dor quando ela se via obrigada a enfrentar-se a algo que não queria confrontar.

— Maldição, Kane—ela se ergueu frente às caixas que tinha estado ordenando. — Tenho trabalho que fazer aqui. Não tenho tempo para isto.

Ele se aproximou mais, mantendo seus passos lentos, sem ameaçá-la de momento.

— Mordendo e murmurando como sempre — disse, permitindo a seus lábios inclinar-se nesse sorriso sarcástico que sabia que ela odiava. — Prefiro esse doce ronronar que você faz quando te toco.

Queria-a fora de seu casulo. Queria sacudir esse controle que ela tratava de manter entre eles.

— Eu não ronro — ela pareceu aterrorizada ante o pensamento.

— Oh, sim, faz-o — ele olhou sua instintiva necessidade de retirar-se, ocultando seu sorriso quando ela se conteve, lutando por permanecer ante ele, para lhe superar. — Faz o mais doce ronronar quando te toco, Sherra. Recordo-o. Baixo e suave, ressonando com prazer.

Seu sexo se endureceu, totalmente ereto, mais duro do que ele recordava que tenha estado. Nunca se aproximava o suficiente para cheirar a essência de mulher dela, para ver o desejo que ela tratava de esconder brilhando em seus olhos verdes.

— Está louco — bufou ela, dando-a volta, com suas mãos tremendo enquanto se inclinava para a caixa, procurando desordenadamente na palha enquanto agarrava outro rifle automático das profundidades e o deixava junto a outros em um carro a seu lado.

— Estou? — ele a empurrou para que o confrontasse, sentindo o calor febril de sua pele enquanto ela tratava de separar-se.

— Vou te dar uma patada no traseiro caso não me deixe ir — ela ofegava.

Kane podia ver o fino filme de transpiração deslizando-se sobre sua frente, o rubor em suas bochechas, a fome que rugia em seus olhos.

— Não poderia me chutar o traseiro nem que quisesse agora mesmo — replicou, tensamente. — Se olhe, Sherra. Está frágil, exausta de lutar contra o calor e quase tremendo de luxúria. Quanto tempo pode lutar contra isso?

— Lutei antes — ela se retorceu, enquanto ele a empurrava contra a prateleira baixa de metal detrás dela, mantendo-a sujeita com seu corpo, sua própria fome carnal batendo em seu cérebro com uma força que ele estava começando a temer.

— Algo como isto, não — grunhiu ele, agarrando seus quadris enquanto as mãos dela brigavam contra seu peito. Ela flexionou seus dedos, raspando as unhas através do algodão de sua camisa, acariciando a marca em seu peito com prazer devastador. — Acredita que está só, Sherra? Acredita por um só maldito minuto que está sofrendo sem mim?

Ele atirou de sua camisa para abri-la, os botões saltaram enquanto ela me separava suas mãos.

— Olhe, maldita seja — uma mão emaranhou seu cabelo enquanto a forçava a olhar a marca a uma polegada em seu plano e duro mamilo masculino. — Olhe o que deixou em mim, Sherra. Olhe o bem que me marcou. Acredita por um só ferrado minuto que esse maldito hormônio pode fazer isto mais duro em mim?

Sua voz era dura. Ele não sabia se poderia controlar-se, se podia *fodê-la* agora sem fazer machucar a ambos.

Escutou o pequeno som de agonia que surgiu das profundidades da garganta dela enquanto abria seus olhos com dor e horror. Sua face empalideceu, seus dedos se aproximaram para tocar de novo a marca avermelhada.

Kane sorriu pelo prazer, quente e destrutivo, que correu direito para seu pênis. Inchou-se, bateu enquanto sentia gotejar a pre-ejaculação do pequeno e escorregadio olho no centro da protuberante cabeça.

Com uma profunda respiração, prendeu os dedos dela contra seu peito, aquietando-os.

— Sinto-o tanto—murmurou ela, com um gemido de necessidade e negação que quebrou o coração dele.

— Sente-o? — perguntou ele suavemente. — Oh, não, neném. Não quero ouvir que o sente. Quero te ouvir ronronar enquanto minha língua *fode* tão profunda e duramente sua apertada e pequena conchinha que grita por isso. E depois de que tenha satisfeito minha necessidade de você, então quero sentir essas afiadas unhas arranhando minhas costas enquanto te encho com cada dura e dolorida polegada de meu pênis. Isso é o que quero ouvir, Sherra.

Seus olhos se abriram ainda mais, com o estupor brilhando intensamente em seu olhar enquanto elevava a cabeça, com a língua aparecendo entre seus lábios.

— Uh, uh — ele sacudiu a cabeça, aplicando um pouco mais de pressão na dela enquanto a pressionava contra seu peito. — Não lamba esses preciosos lábios, neném. Lambe a marca que deixou em mim. Me saboreie, Sherra, antes de que faça algo que os dois lamentemos.

Seu controle estava no ponto mais baixo. Seu corpo estava cheio de uma desordem assustadora. Seu sexo doía como uma ferida aberta e a marca de seu peito ardia como uma chama.

— Kane. — Ela apoiou sua frente nele, com a respiração murmurando sobre a sensível marca.

As mãos dela se fecharam em sua cintura, aproximando-se mais apertadamente a ele enquanto lutava por respirar. Seu pequeno corpo tremia, quase se sacudia enquanto lutava contra a fome que trovejava entre eles.

Kane apertou seu agarre sobre os sedosos fios de seu cabelo na parte posterior de sua cabeça antes de abrir a palma de sua mão, apertando de novo.

— Agora—grunhiu ele. — Sabe o que necessito, Sherra. Dê-me isso antes de que agarre algo que não está preparada para me dar.

O suave e desesperado gemido que ressonou no peito dela fez que ele se retesasse, esperando. Não era um som de protesto nem de medo, mas sim de fome. Um segundo depois, seu próprio gemido masculino, mais duro, ressonou sobre eles quando a língua dela apareceu, atingindo devagar sobre a marca, fazendo que o áspero e dilacerador toque percorresse suas terminações nervosas e levando cada músculo de seu corpo a um ponto morto enquanto sua cabeça caía, fazendo caretas pela agonia de sensações.

Tão delicadamente como um gatinho ela provou o sabor de sua carne, tentando o controle que ele estava exercendo sobre a esfomeada necessidade que estava crescendo dentro dele. Lambeu a pequena marca quente com uma sensualidade que lhe destruiu enquanto provava sua pele; cada carícia fazia que ela se movesse para ele com maior demanda, acrescentando o calor entre eles.

Seu jeans eram uma restrição que ele não podia suportar mais. Com uma mão em sua cabeça, a outra se moveu entre seus corpos, seus dedos brigando desesperadamente com seu cinturão enquanto lutava por liberar sua agonizante carne.

— Oh, Deus! Kane, por favor... — suas mãos apertavam sua cintura, sua voz fina com negação e protesto apesar dos famintos lamentos contra sua carne.

— Sherra, neném. — Ele tirou sua camiseta das calças antes de voltar para sua luta com o cinturão. — Deus, me toque. Estou-me queimando vivo.

O cinturão se soltou e um segundo depois as mãos dela estavam ali com a dele, brigando para abrir o fechamento de seu jeans enquanto ele brigava por liberar seu pênis. Os lábios dela cobriram a marca que tinha feito tantos anos antes, sugando com vacilação, com a língua lambendo provocativamente agora apesar dos lamentos de protesto que vibravam contra a pele dele.

Um segundo depois, estava livre. O áspero grito de prazer de Kane surpreendeu inclusive a ele enquanto a mão de Sherra tentava enrolar-se ao redor do grosso caule de carne. As feridas de seu ombro foram esquecidas. Em realidade, não existiam mais. Kane podia sentir o sangue bombeando dura e pesadamente através de suas veias enquanto o prazer se convertia em uma tormenta de fogo, chamuscando cada célula em seu despertar.

A mão dela se moveu sobre a sua sensível carne, flexionando, acariciando, lhe deixando louco com as sensações enquanto lutava por voltar a controlar-se. Não podia jogá-la ao chão e amá-la como um animal que podia sentir crescendo em seu interior. Mas queria fazê-lo. Que Deus lhe ajudasse, queria saborear o doce suco que

sabia que fluía de seu sexo. e logo queria possuí-la. Tão profundamente, tão malditamente duro que nunca voltaria a negar-se a ele de novo.

— Shhhh ... — ele murmurou em voz alta a palavra quando sentiu que ela se movia para baixo, sua respiração úmida e quente enquanto sondava procurando cada suada zona de sensibilidade. Através de seu peito, sob seu abdômen. Seu pênis bateu ansiosamente. Mais abaixo... se ele não conseguia introduzir a proeminente cabeça de sua ereção na boca dela ia se voltar louco. E se conseguia colocá-la, então se voltaria louco.

Gemeu profundamente quando a língua dela lhe tocou. Pôde senti-la, abrasadoramente quente e tão malditamente boa que ele com muita dificuldade pôde conter a liberação que podia sentir em ebulição em suas bolas.

— Maldita seja — ofegou, perdido na neblina de luxúria que lhe enchia, agarrando com uma mão a base de seu pênis e apertando com a outra o cabelo dela. — Chupa-o, Sherra. Envolve seu boca ao redor de meu sexo antes que perca a cabeça.

Mas ele estava perdido de qualquer maneira. Ouviu o pequeno e estrangulado gemido procedente da garganta dela, sentiu-o enquanto atravessava, duro e pesado, seus lábios. Abriu os olhos enquanto olhava desesperado as fileiras de armas no muro frente a ele. Não podia olhar para baixo. Não podia tentar seu controle...

As mãos de lhe rodearam, apertando seu pênis, ordenhando-o enquanto seus lábios, avermelhados e cheios, desdobravam-se ao redor da inflamada cabeça. Sua língua deu um golpe pequeno sobre a escura carne, enquanto seus gemidos aumentavam ao sentir uma pequena quantidade de líquido seminal ejaculada no interior de sua quente boca.

Ele estava perto, tão perto, e ela estava lhe empurrando ao precipício. O se estremeceu ante a tormenta que sacudia seu corpo, a luxúria, a emoção, a necessidade e a dor que fora crescendo ao longo dos anos. E sabia, sem importar a exigência de seu corpo, que isto nunca seria suficiente. Poderia sair de sua boca para sempre e ainda estaria duro, furiosamente ereto e morrendo pelo quente líquido escondido no seu interior.

Suas mãos eram duras, possivelmente muito duras, temeu ele enquanto empurrava para trás, puxando-a para ele. Elevou-a sobre a prateleira de tal maneira que colocou a doce entrada de seu corpo em linha direta com sua carne quente e dura como uma rocha e que doía por afundar-se nela.

— Kane, não... — ela murmurou as palavras, mas estava fraca em seus braços, sua cabeça caindo para trás enquanto os lábios dele se moviam por seu pescoço. — Não faça isto. Por favor.

— Que se dane!! — grunhiu ele, emoldurando a cabeça dela com suas mãos, centrando seu olhar fixo nos lábios dela. — me beije, Sherra. dê-me isso neném. Agora.

As mãos dela agarraram seus punhos; seus lábios tremeram.

— Não posso — gritou ela fracamente. — Sabe que não posso.

Os olhos dela estavam quase negros pela luxúria agora, com a fome selvagem devorando-a, destruindo o controle dele.

— Negá-lo é matar aos dois, Sherra — mordeu ele, com a luxúria e a raiva desdobrando-se no interior de sua mente até que não soube se queria amá-la ou

atingi-la primeiro. — Negar meu direito a isto, a seus beijos. Negar que sou seu companheiro, maldita seja.

Ela abriu a boca, se para negar ou lhe dar a razão, ele nunca soube. Tudo o que sabia era a fome, a raiva, a necessidade enviando agulhas de agonizante demanda através de suas bolas e ao eixo atormentado de seu sexo.

Ele cobriu seus lábios com os seus, introduzindo profundamente sua língua na boca dela. Sua mulher. Por Deus, sua companheira.

Capítulo 8

O beijo a destruiu. Os gritos silenciosos de protesto, de medo, ricochetearam através de sua mente, mas por seu corpo, sua carne, ignorou cada rogo demandante de parar. A língua dele se introduziu em sua boca, um alívio refrescante contra a feroz dor da sua, tão tentadora, tão tranquilizadora que ela esteve perdida.

Não foi como nada que ela houvesse sentido antes; inclusive esse primeiro beijo que tinham compartilhado fazia tanto tempo foi só uma fraca variante deste. Debilitou-a, fez que seus sentidos gritassem com o crescente calor que corria através de seu corpo, estalando em seu ventre e crescendo inclusive mais brilhante.

Uma guerra cresceu dentro dela quando seus lábios e língua se combinaram para torná-la louca pela faminta sensualidade que açoitou seu corpo. Ela não podia opor-se a ele tanto como a si mesmo. Não enquanto seus lábios cobrissem os dela. Sua língua tentava e acariciava, enlouquecendo-a com a necessidade de sentir seus lábios retorcendo-se sobre os dela, chegando à carne inflamada da língua, aliviando a do hormônio que agora pulsava e batia dentro de suas glândulas inchadas.

Anos de necessidade, de exigência brutal causada pela natureza mesma do que ela era subiram à superfície. A batalha pela supremacia começou então. Sua língua se enredou com a sua, mas não era o que ela necessitava. Acariciou e esfriou a carne de seu próprio ardor, mas, de novo, ela necessitava mais. Lutou para empurrá-lo, para ganhar o controle, para alcançar a vitória de encerrar seus lábios, chupando-o com sua boca, aliviando as glândulas tortuosamente inchadas que pareciam encher-se ainda mais.

Suas mãos se apertaram em seu cabelo, sustentando-a contra ele, entretanto havia algo mais, não qualquer necessidade. Seus braços trancados ao redor de seu pescoço, lhe sujeitando perto, suas unhas metendo-se em seu cabelo com a prudência escorregando ainda mais e mais longe. Seu desejo por ele cresceu. Seu sabor, seu toque converteu-se em uma tempestade poderosa, separando-se os temores, as objeções e a razão, enquanto o calor incandescente estalava através de seu corpo. Com um grito vitorioso, ela empurrou sua língua dentro de seus lábios e se dissolveu. Instantaneamente Kane estava ali. Seus lábios a prenderam, sua boca atraindo-a. O hormônio preso dentro das glândulas inflamadas se verteu livremente enquanto seus quadris avançavam, seu pênis empurrando forte e insistentemente contra o úmido tecido de suas calças, a protuberante cabeça dividindo os lábios de sua vagina enquanto pressionava em seu interior tão profundamente como o material permitia. Sherra tratava de esfregar-se agora contra seu corpo. O encantado prazer que se

espalhava através dela enquanto Kane amamentava sua língua estava conduzindo-a quase além do que ela poderia resistir. Seu canal derramou sua grossa essência contra a cabeça de seu pênis. Suas mãos o aproximaram dela, sua cabeça caindo para trás enquanto ele lutava por obter cada gota do afrodisíaco dela. No profundo de sua mente ela sabia que o terror viria mais tarde. O medo por Kane e seu enviaria a ela cada medo que alguma vez tinha conhecido. por agora, entretanto, só existia seu beijo, seus grunhidos de crescente excitação masculina, seu sexo endurecido pressionando contra sua vagina, suas mãos se separando seu corpete, a dor aliviando-se em sua língua mas crescendo em seu ventre. Seus olhos lutaram por abrirem-se quando ele se separou dela. Um gemido escapou dela, o medo aparecendo ante o calor que crescia entre eles. A face dele estava avermelhada, pesada agora com luxúria, seus olhos quase negros, dilatados pelo efeito instantâneo do hormônio absorvendo-se em seu sistema.

— Kane — ela murmurou seu nome com desespero enquanto ele a obrigava a baixar os braços e logo atirava do corpete sobre seus ombros. O elástico material se estirou apertado, obstaculizando seus movimentos enquanto seu seios apareciam pela beira do tecido sintético.

— Não fale — suas mãos levantaram os montículos inflamados. — Cada vez que falas pensa. Não pense Sherra, só senta.

— O que tem feito, Kane? — ela se estremeceu enquanto sua língua atingia um duro e extremamente sensível mamilo.

— O que deveria ter feito seis meses atrás — ele grunhiu, assombrando-a com a cólera escondida detrás de suas palavras, a necessidade vibrando em sua voz.— Maldita seja, Sherra. Como sobreviveu a isto só, neném? Doce neném... Se não te tenho Morrerei agora mesmo.

Ela gritou enquanto a fome se voltava voraz. Seus lábios rodearam seu mamilo, agarrando-se a ele forte e profundamente enquanto suas mãos se dirigiram à cintura de suas calças ajustadas. Seu pênis batia, a cabeça literalmente pulsando enquanto tratava de enterrar-se mais profundo em sua vagina, de vencer ao material de suas calças entre eles, ameaçando rasgando o tecido enquanto seu sexo se esquentava destrutivamente.

O hormônio. Sherra choramingou enquanto o prazer gritava através de seu corpo. Sua boca agarrou seu mamilo, seus dentes raspando, a língua lambendo, enquanto um punho brutal de sensações retesava seu ventre. Como funcionaria ele? Como o faria ela? O calor era proporcionalmente mais forte nela que o que tinha sido no Merinus. A agonizante dor logo se rasgaria através de seu ventre enquanto seu corpo batalhava por conceber. Era um vão inútil, e não importava quão fértil o hormônio queria fazê-la, nunca poderia sustentar nova vida. Entretanto, o pensamento da nova vida que ela nunca poderia ajudar a criar foi destruído por seu toque. Ele estava descontrolado. Eles estavam descontrolados. Suas mãos foram duras enquanto brigava por deslizar suas calças sobre seus quadris enquanto a mantinha apertada contra ele, um forte e feroz grunhido saindo de sua garganta. Kane a manteve segura, sua boca, seus dentes e sua língua atormentando a carne dura que ele tinha cativa. Seu mamilo estava voltando-se tão sensível, tão inflamando que o prazer era quase uma dor, empurrando-a mais alto enquanto a sobressaltava.

Ela podia sentir seu coração correndo a velocidade, o sangue fervendo através de suas veias enquanto seus dentes raspavam sobre a crista erguida antes de agarrá-la amavelmente, mantendo-a cativa enquanto sua língua dava um golpezinho sobre ela em uma exigência faminta. Sherra se contorceu em seus braços. Ela precisava estar mais perto. Podia sentir a massa lhe redemoinhem de sensações crescendo em seu ventre, pulsando com uma exigência que não podia negar. Não por mais tempo. Seus braços estavam amarrados junto ao corpo pelo tecido tenso das mangas de seu corpete, mas sua mão alcançou escapar, agarrando os musculosos antebraços do Kane enquanto ele consumia seus seios.

Ele introduziu a dura ponta mais profundamente em sua boca, sugando com movimentos fortes, famintos enquanto sua língua continuava atormentando-a. Ela podia sentir cada golpe rápido de sua língua levando-a mais perto da inconsciência. Estava indefesa para lutar contra isso. Indefesa contra isso.

— Por favor... — ela choramingou, mas não soube se a súplica era para que ele parasse ou tomasse mais profundo.

Sua cabeça retrocedeu enquanto ela ofegava por respirar, estremecendo-se enquanto seus dentes raspavam a ponta terna, enviando alvas e quentes labaredas desde seu peito até seu ventre até que se convulsionou em um quente e agonizante êxtase. Seus gritos ressonaram ao redor dela enquanto ela se retesava, estremecia-se, cravando suas unhas nos fortes braços que sujeitava enquanto sinos e sereias começavam a uivar a seu redor. Sereias?

A boca do Kane liberou seu mamilo com uma sensação de suave deslizamento enquanto levantava a cabeça, um grunhido saindo de seus lábios enquanto Sherra repentinamente se dava conta de que as sereias vinham do exterior. Advertindo, estridente, o sistema de alarme uivou através do recinto, ressonando ao redor deles enquanto as vozes que se elevavam fora do abrigo finalmente penetravam na neblina de luxúria que os envolvia. O olhar dela voou para ele, suas mãos tratando de lhe alcançar enquanto seu cérebro reconhecia o fato que agora existia perigo rodeando-os. Perigo para os ocupantes da casa, Cassie, Merinus e Roni e seus bebês. A mente dela brigou para aceitar a repentina interrupção, a necessidade de proteger em vez de transar, a necessidade de lutar em vez de tocar. O último pensamento foi como uma facada em sua alma enquanto Kane repentinamente separava os suspensórios do corpete de seus inchados seios para seus ombros e ela se ajustava o decote. Ele lutava por controlar-se a si mesmo. Ela o podia ver na emoção brilhando intensamente em seus olhos dilatados, a careta de desgosto que retesava sua avermelhada face enquanto a fúria começava a lhe envolver.

— Matarei esses bastardos! — furioso, Kane forçou seu sexo de volta à suas calças. Rapidamente, colocou o cinturão e agarrou um dos rifles da parede junto com um carregador.

Ele colocou de um golpe as munições em seu lugar, comprovou-o e se separou rapidamente dela.

— Kane — agarrando seu cinturão e sua arma embainhada da prateleira, Sherra saltou ao piso e se apressou detrás dele.

— Quieta — ele se voltou para ela, seus olhos resplandecendo. — depois de matar a qualquer um que se atreveu a disparar essas sereias, estará ferrada, Sherra. Esteja preparada para isso. Porque não vou esperar muito mais.

Sherra ficou quieta, assombrada, enquanto lhe via desaparecer depois da porta. Perdeu preciosos segundos enquanto brigava por tentar encontrar sentido ao que tinha acontecido e à repentina fúria do Kane. O hormônio.

Um grito se rasgou em sua garganta enquanto saía à carreira atrás dele, tirando seu revólver de sua capa enquanto alcançava a porta a tempo de ver o Jipe girando na pequena zona de estacionamento frente ao abrigo. Agarrou fortemente a unidade de comunicação de seu cinturão e a ajustou a sua orelha enquanto corria para outro Jipe.

— Relatório! — ela gritou no microfone quando o colocou em seus lábios.

— Temos intrusos — Tamber manteve o controle enquanto informava a Sherra.—A brecha foi nas portas principais. Repito, temos uma brecha. Todas as unidades disponíveis ao recinto principal. Temos uma brecha.

As sereias estalavam enquanto as Espécies foram saindo dos barracões e corriam a pé ou em Jipes para as portas principais onde uma larga, negra e estirada limusine tinha conseguido quebrar a barreira.

— Que alguém detenha Kane!—gritou Sherra no microfone. — Calam, onde diabos está?

Ela estava quase à beira das lágrimas enquanto atingia o Jipe para que parasse, a quase um acre de onde a limusine estava rodeada.

— Calam, maldito seja. Agarra Kane. Agora. Não é racional. Calam, onde está?

Ela percorreu a distância enquanto as vozes se elevavam e se foram tomando posições rodeando o veículo.

— Sherra, fique abaixada! — Calam ordenou repentinamente, sua voz dura através do microfone. — Mantente atrás. Kane está controlado. Vai até à casa com o Cassie. Necessitamos do Merc aqui fora.

Ela se deteve ante o tom de advertência na voz de Calam. Seu peito se retesou com medo. Merc era o mais forte das Espécies. Seis pés e meio, seu corpo circundado de músculos. Ele era também o atirador mais fino no recinto. Adestrado como um assassino, até agora ninguém podia atingir seu objetivo. Que diabos ocorria que necessitavam ao Merc?

Ela trocou de direção para a casa, encontrando ao Merc enquanto ele saía dela, com o rifle na mão.

— Merc — ela parou, ficando lhe olhando fixamente, aterrorizada. — Kane...

— Entra com o Cassie, Sherra. Kane pode cuidar-se — ele se apressou atrás dela, correndo para a torre em meio do pátio.

O ninho do franco-atirador. Sherra chiou seus dentes furiosamente enquanto entrava correndo na casa, só para ser recebida pelo inconsolável pranto do Cassie enquanto gemia pedindo a sua mãe nos braços de Merinus.

Vários dos mais jovens das Espécies permaneciam dentro do recinto lotando o vestíbulo, cravando os olhos nela, procurando diretrizes.

Ela trocou o canal na equipe de comunicações rapidamente, indo diretamente a uma linha privada com o Tamber. O acesso à linha era só para os que tinham os mais altos níveis de segurança.

— Tamber, que demônios vê? — a colocação do Tamber dentro do abrigo de comunicações lhe colocava em condições de ver tudo.

— Temos a limusine rodeada sem nenhum movimento até agora — informou.

Sherra se postou a uma das largas janelas diante da porta, observando cuidadosamente a atividade fora. Estavam muitos longe das portas principais para ver exatamente o que ocorria, mas com mais de cem Espécies rodeando o veículo, não foram longe. Eram brancos fáclimos para a fúria do Kane.

— Obtenha para mim uma linha direta com Calam — ordenou. — Isto é prioritário, Tamber. Tenho que falar com ele agora!

O controle do Kane tinha sido inexistente quando saiu do abrigo. O hormônio tinha feito estragos em sua lógica. Normalmente temperado, seu controle tinha estado fora de vista quando ele a deixou.

— A linha direta... Tamber respondeu enquanto o sob zumbido indicava a mudança.

— Calam, está aí? — não podia agüentar o medo crescendo dentro dela.

— Rápido, Sherra — ele deu uma resposta clara o bastante para prender sua atenção por valiosos segundos.

Ela girou no quarto, respirando rudamente, a fúria e a violência brilhando através de seu sistema.

— Ele me beijou, Calam — lhe disse rapidamente. — Ele não estava bem quando deixou o abrigo. Possivelmente não está agora. Tem que tirá-lo dali.

O silêncio era pesado, discordante com o zumbido mecânico da unidade enquanto ela esperava.

— Filho da puta se sua oportunidade não empestear... — ele amaldiçoou.

Sherra não podia estar mais de acordo. Mas Kane nunca tinha agido como qualquer um...

— Estou de acordo — ela lançou. — Agora tire ele dali.

Um segundo mais tarde, Sherra se retesou, seus olhos ampliando-se enquanto disparavam tiros e um inferno se soltava dentro e fora.

— Cassie, não! — o grito assustado do Merinus precedeu a um molho pequeno de determinada energia quando ela se separou dos braços do Merinus e foi para a porta.

O uivo de um lobo jovem enfurecido ecoou através da casa um instante antes que ela evadisse e agarresse em Sherra.

Capítulo 9

Horas mais tarde, Kane ainda podia sentir o assustador terror que tinha sentido quando ouviu os gritos de que Cassie tinha escapado da casa. Ao mesmo tempo, um dos jovens das Espécies entrou o pânico e enviou uma rajada de balas enquanto a

porta da limusine começava a abrir-se. Uma garotinha, e mais de cem pseudoanimalísticos guerreiros endurecidos na batalha não tinham podido agarrá-la antes de que se metesse no escuro interior do carro um segundo antes de que a porta se fechasse de repente.

Kane estava sentado a sós agora, a cena repetindo-se em sua mente enquanto as próximas conseqüências das ações dela atingiam seu cérebro. Ela poderia ter morrido. Ali mesmo, diante de seus olhos, esse precioso molho de energia podia ter morrido. Ficou de pé com uma onda de energia, restringida, vibrando com violência enquanto colocava seus punhos nos bolsos dos jeans, ignorando o relâmpago de dor em seu inflamado sexo.

Primeiro, tinha falhado ao proteger a seu próprio filho não nascido e agora quase tinha falhado com Cassie.

— Cassie ainda está chorando — Merinus saiu ao alpendre, sua voz suave na crescente escuridão enquanto Kane se voltava para ela.

Kane encurvou seus ombros contra a culpabilidade que o devorava vivo.

— Ao menos está viva para chorar — finalmente respondeu, tão zangado consigo mesmo, com Sherra e com uma criança inocente que apenas podia dar-se conta do que acontecia. Ele ainda podia vê-la correndo, sua face cheia de lágrimas, o medo contorsionando sua expressão em uma careta enquanto se lançava contra os homens e as mulheres que tentavam detê-la antes de que desaparecesse no que podiam ter sido os braços do inimigo.

— Ela se está ficando doente, Kane — lhe disse Merinus enquanto se aproximava mais dele, inclinando seu grávido corpo contra seu flanco. — Não é mais que uma criança pequena. Uma que acredita em si mesmo tanto como para fazer o que sente que está bem. Sabia que não havia perigo...

— Não, maldita seja — amaldiçoou ele rudamente. — Ela não sabia nada disso, Merinus. Podia ter morrido... — falou, sacudindo sua cabeça enquanto se separava dela. — Demônios. Antevi mortes quando Sherra nos alertou de que estava fora. As balas rasgavam ao redor como se fora uma maldita zona de guerra e ela se lança dentro de um veículo desconhecido.

Ele se separou dela. Tinha surrado Cassie. Sacudiu a cabeça contra ao se lembrar. Quando a teve de volta em seus braços a tinha levado direto à sua residência, a tinha colocado de pé e a tinha surrado duas vezes antes de lhe ordenar que fosse direto para a cama. Logo tinha gritado a Sherra. Duras, amargas palavras que tinham saído de seu peito enquanto via como os olhos dela se voltavam alvos de assombro.

Supunha-se que tinha que mantê-la contida. Malditos demônios, havia quatro de vós vigiando-a. Será que um de nós não podia mantê-la contida durante dez minutos? Tinha-lhe arrojado as palavras furiosamente.

— Sou um bastardo. Não sou só um estúpido, Merinus. Sou o pior bastardo que alguma vez existiu. Alguém deveria disparar em mim.

Ela suspirou pesadamente detrás dele.

— És humano — disse finalmente suavemente. — Sei que compartilhou um beijo com a Sherra. Posso imaginar o que está passando sem a carga de proteger a todos que colocaste sobre seus ombros, Kane. Você sozinho não pode nos proteger, Kane. A merda passa. Isso é o que estava acostumado a me dizer a mim. Tudo o que

pode fazer é estar tão preparado como é possível quando se descarregar e passar através da peste da melhor maneira que possa.

Ele grunhiu ante isso. Era um arrogante asno autoritário, dava a impressão. Olhou fixamente para o escurecido pátio, para a alta perto que se estendia sob a linha do bosque, os guardas vigiando a área. Era como uma campo armado, não muito melhor em suas restrições que o que tinham sido os laboratórios do Conselho.

No mais longínquo do complexo principal, as luzes brilhavam em uma das pequenas casas de hóspedes. Seth Lawrence, seu pai e seu condutor estavam agora sob estreita vigilância enquanto Taber e Dawn tentavam convencer Seth e Aaron Lawrence de que agora mesmo, Roni não lhe diria quem eram ou por que estavam ali.

Não era tanto porque Seth Lawrence não fizesse caso a todas suas exigências de esperar antes de forçar esse encontro. Eram os malditos cabelos da nuca do Kane. Arrepiaram-se em advertência, fazendo que sua nuca sofresse uma coceira que não se ia. Estava de acordo com os medos do Taber sobre não permitir ainda esse encontro. A saúde física do Roni tinha sido precária a primeira vez que chegou ao complexo.

A maioria do tempo ela tinha confrontado o calor copulativo junto com o cansaço extenuante, e os excessos sexuais e a resultante gravidez a tinham esgotado. Mas não era essa a única preocupação do Kane sobre os Lawrence. A oportunidade estava acabada. Duas mulheres companheiras grávidas, a única criança da Espécie dos Lobos viva que se conhecia ali com eles, e agora isto.

— Droga. Vi Cassie correr para esse carro e sabe o que aconteceu em minha mente, Merinus? — perguntou dolorosamente.

Merinus suspirou profundamente.

— Que tinha falhado — surpreendeu com essa resposta. — Não pôde proteger ao seu, e agora não tinha protegido tampouco Cassie.

Ele se voltou lentamente para ela.

— Sim — disse, respirando com dificuldade. — Mas como sabia?

— Isso é muito fácil de imaginar — disse gentilmente enquanto o abraçava amorosamente.

Ela era a esposa agora. Levava a um criança, seria mãe e enfrentaria outros perigos, ele pôde visualizar. Mas ela era ainda a garotinha a que ele tinha subornado com chocolate. A jovem mulher a que havia segurado nos braços quando chorava pela perda da mãe de ambos. A mesma que lhe tinha chamado imbecil a maior parte de sua vida. Lutou para não apertá-la muito forte enquanto seus braços a rodeavam.

Ele sentiu o aroma de pó de bebê e chocolate durante um momento. Os aromas que tinham sido únicos em Merinus quando era criança. Um precoce molho de energia que se colocou em mais problemas do que sete homens tinham podido mantê-la afastada.

Ele beijou sua frente amavelmente antes de empurrá-la para a porta.

— Vai para dentro. Precisa descansar ou aterrorizar Calam. Não ficar aqui fora analisando minha cabeça.

Ela não riu como ele esperava, e tampouco se foi para a casa.

— Estou assustada, Kane — disse suavemente enquanto o olhava preocupada, e as suas mãos descansando protetoramente sobre o monte de seu estômago. — Estou assustada por você. Não pode seguir assim, e tampouco pode Sherra. Quero que nosso

filho esteja a salvo; que nossas vidas tenham algo de paz. Até que esta coisa entre você e Sherra resolva, isso não vai passar.

— Dê tempo ao tempo, Merinus — disse ele gentilmente. — Vai para dentro. Preciso me encarregar de algumas coisas antes de ir para cama eu também. Estou acabado.

Entretanto, dormir era a última coisa em sua mente.

— Boa noite, Kane — disse Merinus suavemente. — Se tiver a oportunidade, vai ver Cassie logo. Está destrozada pela idéia de que esteja zangada com ela. Está convencida de que salvou vistas. E só é uma criança pequena.

Ela possivelmente tinha salvado vidas: a dele e a do Lawrence. Se não tivesse sido pelo alerta de que Cassie estava correndo para eles, ele tivesse estado na linha de fogo quando as balas começaram a voar... Só a alerta e sua intenção de interceptar a garotinha tinham salvado sua própria vida.

— Irei ver a logo — prometeu, endurecendo-se ela mesmo contra as lágrimas que sabia que veria nos olhos da pequena criança e seu choro por sua mãe.

— Merc e Tanner irão pela manhã para a posição do Dash e Elizabeth. Colocarei Cassie com o Dawn se estiver bem. Acredito que ficarão bem juntas — lhe disse Merinus suavemente.

A ausência do Merc e Tanner deixaria uma debilidade dentro do grupo como um todo; ele só podia esperar que a situação na Califórnia resolvesse logo.

— Dawn é uma boa opção. — Felizmente não teremos mais visitantes surpresa para provocar em Cassie reações como a de hoje. Ainda não posso imaginar por que se meteu em uma situação tão louca.

— Porque sua fada o disse — disse Merinus com preocupação. — Ela está cada dia mais se encolhendo, ficando cada vez mais para dentro de si.

— Discutirei isso com o Dash também — prometeu Kane. — Verei Cassie logo.

Ele viu como Merinus entrava na casa, uma sombra escura, pesada pelo criança e rica pela vida. Sacudiu a cabeça antes de segui-la e subir rapidamente as escadas para a residência de Cassie. Adiá-lo não o faria mais fácil.

Ele abriu a porta do dormitório da criança, encolhendo-se o coração ante a vista dela dobrada na metade da grande cama, seus olhos azuis cativos enquanto lhe olhava fixamente, com lágrimas caindo por sua face.

— Hey, cachorra — saudou suavemente enquanto se movia e se sentava na beira da cama. — Quer que vá?

Ela sacudiu sua cabeça com força.

— Sinto muito, Kane — sua respiração estava entrecortada pelas lágrimas. — Tinha que lhe dizer isso Pode me surrar todo o tempo, mas tinha que fazê-lo.

Maldição, ela ia ser todo um elemento quando crescesse, pensou ele, teimosa como o inferno.

— Sinto te haver surrado — ele a olhou fixamente, com o coração quebrado ao pensar na surra que lhe tinha dado a seu traseiro. — Aterrorizou-me, Cassie. Não sei se tivesse podido seguir com minha vida se tivesse te acontecido algo.

Ela assentiu lentamente. — Sei, Kane. Mas isso é o mesmo eu penso. Estaria sempre chorando se você fosse ferido. E Sherra também choraria. Ela chora muito. Quase tanto como eu faço todas as noites.

Ele a olhou surpreso.

— Como sabe?

— Porque a posso ouvir quando toda a casa está em silêncio e ela sai fora a seu balcão — sussurrou ela. — Às vezes, tem pesadelos como se lhe doesse horrivelmente, também, Kane. Acredito que seu coração está quebrado, como o meu quando pensei que minha mãe não poderia me salvar desse homem mau.

As residências estavam sem som na maior parte do tempo, cortesia do Conselho. Mas Cassie gostava de abrir a porta até onde permitiam os ferrolhos de segurança. Se Sherra estava em seu balcão, algumas residências mais à frente, era fácil para Cassie ouvi-la.

— Acredito que deveria lhe dizer que já não está mais zangado com ela, Kane — a pequena criança disse, solenemente. — Feriu seus sentimentos muito.

Ele tinha ferido muito mais que seus sentimentos, e sabia.

— Vem aqui e me dê um abraço. Assegurarei-me de que Dawn te dê uma bolacha amanhã. Mas isso é todo. Uma. Tem quebrado as normas.

Ela saltou a seus braços, lhe abraçando fortemente e plantando um sonoro beijo em sua bochecha.

— Minha mãe acabará tudo logo — sussurrou ela em sua orelha. — E meu pai Dash necessitará que eu vá com ele realmente rápido, para que mãe esteja feliz. Tem que se arrumar com a Sherra, Kane. Não quero que esteja só quando for. Minha fada se preocupa com você.

Ficou rígido, vendo como ela se aconchegava de novo sob as mantas, o olhando com olhos que eram muito sábios, muito conhecedores.

— Cassie, sobre essa fada — disse com cuidado.

— Você tem também seu fada, Kane — lhe disse ela, sua voz infantil contradizendo o conhecimento em seus olhos. — Às vezes a vejo. Tem todo esse precioso cabelo negro que parece uma nuvem ao redor de sua face. É como o cabelo de Merinus. E tem olhos azuis, e cheira realmente a rosas. Não como o perfume. O aroma real.

Kane estacou. Apesar da febre que o fazia correr para Sherra, do perigo que podia sentir aproximando-se e suas próprias preocupações sobre Cassie, não pôde deter o assombro que encheu seu sistema. Sua mãe cheirava a rosas. O aroma real das rosas. As que ela amava tanto que ainda enchiam o pátio dianteiro da casa de seu pai.

— Rosas, né? — perguntou, suavemente.

— Ela te falará se deixar — disse Cassie com suavidade, seus olhos fechando-se pelo sono agora. — Porque ela te ama. Igual a minha fada me ama ...

Kane ficou de pé, sacudindo sua cabeça confusamente. Demônios, essa criança poderia destruir exércitos se o quisesse. Respirou profundamente, pôs os lençóis ao redor dela e saiu da residência.

Tinha uma entrevista com sua companheira.

Sherra pôde atrasar a dor até tarde essa noite. Embora ela soubesse que viria. Tinha suficiente experiência com os sintomas do calor de acasalamento para saber o que passaria.

Depois do explosivo episódio no abrigo de armas, o resto do dia esteve tão ocupado, tão cheio com a luta por sobreviver que ela foi capaz de dirigir todos seus sentidos a seu trabalho, em vez de à incrementada excitação que começou a formar-se. Mas quando caiu a escuridão e o esgotamento atirava de seu corpo, pegou-lhe mais duro que nunca. Seu útero se contraía dolorosamente. Vida. Ela podia sentir seu corpo gritando pelo pulso de vida do sêmen do Kane derramando-se nela, seu pênis batendo, inchando-se dentro dela, jorrando dentro dela. Ela não queria seus dedos, queria sua grossa ereção. Ela queria tudo dele, vindo sobre ela, sujeitando-a, tomando-a com erótica fúria. Ela gemeu enquanto passeava por sua residência; sua carne estava quase eletrificada, muito sensível e necessitada de seu toque. Ela tinha tirado o uniforme mais cedo, tomou banho e vestiu com o suave, ligeiro algodão de uma das largas batas que ela preferia usar. O material estilo túnica caía até seus pés, com largas aberturas que chegavam até seus joelhos e lhe davam liberdade de movimento. O corpete flutuava sobre seus seios, roçando seus mamilos gentilmente enquanto os pequenos suspensórios sobre seus ombros o mantinham em seu lugar. Entre suas coxas, seus sucros empapavam as pequenas calcinhas que ela vestia. Quase as fazendo inúteis. Sua vagina estava tão escorregadia que ela sabia que engoliria o pênis de Kane até suas profundidades em segundos. Ela fechou os olhos enquanto se deitava na poltrona de sua sala de estar, sua cabeça acomodada no grosso braço, suas coxas apertadas. Seus seios estavam torturados, duras curvas de calor radiante tinham a seus mamilos quase saltando através do material da escura bata.

Sua língua estava palpitando, inchada e com frequência ela podia sentir e provar o pulso da odiado hormônio em sua boca. Cuspi-la não ajudava; ela o tinha tentado antes. Não havia nada que ela podia fazer exceto sofrer pelas noites e manter-se tão longe de Kane tanto quanto possível quando voltava tão intenso.

Deveria ter se mantido afastada dele naquela noite e fugido rápido esta tarde. A lembrança de seu pênis entrando em sua boca, palpitando contra sua língua, tão dura e quente, fez com que soltasse um gemido de fome entristecedora. O teria chupado até terminar se ele não tivesse estado tão frágil.

Tinha estado possuída, tão faminta pelo sabor de sua semente jorrando em sua boca que tinha perdido sua prudência. Em seu lugar, tinha perdido o controle. Não tinha sido forte esta tarde.

Odiava isto. Envolveu seus braços através de seus seios, colocando seu corpo em uma posição fetal enquanto lutava contra a necessidade de ir para ele. Ele era seu companheiro, sua mente gritava em protesto por sua negação. Vá a ele. Sacudiu sua cabeça. Não o faria. Não podia. O calor durava um mês para ela; não tinha idéia de quanto tempo afetaria Kane, o que faria a ele. Ele quase tinha morrido por ela uma vez. Colocava sua vida em risco pela família dela diariamente. Não podia enfrentar a idéia de que ele poderia ser ferido novamente, de forma que ela não podia antecipar. Sentando-se com um grunhido, passou seus dedos por seu cabelo úmido e lutou por afastar sua mente dos pensamentos libidinosos — os bronzeados contornos de seu

musculoso corpo, a grossa longitude de seu membro, seus lábios enquanto sussurravam sobre os dela e sua ereção empurrando dentro de seu sexo faminto. Suas mãos, sustentando-a enquanto a tocava tão profundo.

— Oh demônios... — sussurrou, amaldiçoando sua fome quando um curto e abrupto toque soou na porta.

Levantando sua cabeça olhou com resignação quando a porta se abriu e Kane entrou. Seus olhos se aumentaram com alarme enquanto olhava o cicatrizado peito, depois mais abaixo aos ondulados músculos de seu abdômen e a tensa longitude de sua ereção levantando nas calças de ginástica que ele usava. Ele fechou a porta, colocando o ferrolho em seu lugar.

— Deus, não me faça isto — ela sacudiu sua cabeça desesperadamente enquanto ele empurrava as calças cinzas sobre a carne pulsante e sob suas poderosas coxas.

— Ver você sofrer então? — ele perguntou meigamente.

— Melhor apenas eu, que nós dois—choramingou. — Por favor, Kane.

— Tire a bata — ele avançou para ela.

Ela não podia respirar pela excitação. Ele se via selvagem, determinado.

— Não posso, ela gemeu enquanto ele se aproximava frente a ela, seu sexo brilhando com o sêmen gotejando na ponta.

Sherra lambeu os lábios com fome.

— O que alivia a dor, Sherra?—lhe perguntou. — O que a faz sentir-se melhor?

Ela sacudiu sua cabeça. Nada a aliviava, mas ela não podia tirar seus olhos da brilhante cabeça com forma de cogumelo de seu pênis entumecido.

— O sêmen de seu companheiro a alivia — lhe disse suavemente. —A descarga sexual e minha semente derramando-se dentro de você. Posso te dar isso, Sherra — ele se aproximou enquanto os lábios dela se abriam involuntariamente.

— Não posso te forçar — disse suavemente. — Não vou te forçar, mas juro que farei que esteja tão quente que não poderá caminhar direito se não o fizer voluntariamente. Não vou te deixar escapar. Tire a bata, Sherra. Me deixe te dar cada gota do que necessita.

O que ela precisava era do seu pênis atingindo duro e profundo dentro dela, bombeando nela em um orgasmo devastador, sua semente enchendo sua faminta matriz com rico, potente calor.

— Kane...— ela gemeu desesperadamente enquanto sua língua percorria seus lábios, umedecendo-os um segundo antes de que a ponta da ereção dele os roçasse.

Com um grito torturado ela se inclinou para diante e envolveu a cabeça com sua boca, sugando-a, provando a salgada doçura de seu sêmen em sua língua enquanto se mesclava com o potente condimento do hormônio que se liberava em sua boca.

Ah, Deus. Ela moveu sua língua sobre a dura carne, ambiciosa por cada lambida agora, cada sabor, cada esmigalhado gemido da boca dele enquanto ela começava a consumir cada centímetro que pressionava para sua garganta. Ela queria mais. Queria tudo. Suas mãos agarraram os quadris dele enquanto o sugava com força, enchendo sua boca mas sem conseguir tomar toda a longitude.

— Sherra, neném — as mãos de lhe agarraram o cabelo. — Oh sim, gatinha, chupa. Come-a toda, neném.

As palavras explícitas incendiaram sua mente. Antes, durante a noite nos laboratórios, ele se tinha reprimido. Ela o havia sentido reprimir-se tanto em suas necessidades como em suas palavras. Não se estava reprimindo agora. Estava-a tomando, lhe mostrando o homem que era e a necessidade vibrando em seu corpo.

Sherra tomou a ampla cabeça profundamente em sua boca, sua língua trabalhando no sensível lado inferior enquanto tratava de abrir sua garganta para ele. Ele estava empurrando dentro e fora com longos, controlados impulsos, sua respiração dura e pesada, áspera entre os sons desconhecidos, suspirantes de úmida fome que saíam dos lábios dela.

— Ah sim. — seu pênis estava palpitando com força, pulsando contra o fundo da garganta dela com cada entrada. — Ordenha minha vara com essa linda boca. Vamos, neném, toma-a. Toma-o todo, coração.

Ele se movia mais rápido agora, mais duro, sua carne inchando-se na língua enquanto ela chupava e lambia com ambicioso abandono até que sentiu o primeiro pulso quente de fluido cremoso fazer erupção em sua garganta.

As mãos dele estavam enredadas no cabelo dela agora, sustentando-a perto, deslizando seu sexo tão profundo como era possível em sua garganta enquanto lhe soltava o jorro quente do líquido sedoso.

Quando ele retrocedeu de seus ainda succionantes lábios, inclinou-se. Tomou o corpete de sua bata com ambas as mãos e o arrancou de seu corpo.

— Kane... — seu protesto estava cheio de medo enquanto ele se ajoelhava, as mãos tomando as coxas dela e devorando seus quadris para a poltrona.

Ele olhou para a carne nua de seu montículo, seus lábios inchados com paixão, seus olhos obscurecendo-se com luxúria.

— Quero te provar — ele sussurrou. — Como o fiz antes, minha boca enterrada em sua vagina, minha língua te levando a orgasmo.

Ele a consumiria. O pânico se expandiu dentro dela. Ela estava tão úmida, extremamente succulenta por sua necessidade. Esse fluido continha o mesmo hormônio que secretavam as glândulas de sua língua, só que menos potente.

— Não — ela tratou de fazer-se para frente, uma última frágil protesto antes de que ele pudesse inclinar-se para ela.

Os olhos dele se estreitaram por segundos longos, obscurecendo-se mais enquanto ela olhava a zangada determinação surgir em sua expressão. Ele a empurrou até que ela se reclinou de novo, aproximando-se dela, seu sexo apontando a entrada de sua gruta de prazer.

— Por agora. Só isto por agora — sua voz estava consumida com a luxúria. — Não estou tomando — ele ofegou pesadamente. — Estou dando. Olhe, gatinha, me olhe dar.

Os olhos dela desceram para suas coxas abertas, aumentando-se quando a cabeça de seu pênis abriu os succulentos lábios de sua vagina.

— Kane... — ela levantou seus quadris, subindo seus pés até que descansaram no braço da poltrona, abrindo-se mais, Sherra tragou desesperadamente, saboreando-

o em sua língua, em sua boca, lhe permitindo olhar enquanto ele começava a afundar-se nas ardentes profundidades de seu coño.

— Olhe que bonito — os polegares dele abriram os rosados pregas até que ela pôde sentir a cabeça de sua ereção estreitando a pequena entrada de sua vagina enquanto ele começava a empurrar dentro dela. — O mais ajustado, mais quente pequeno em que estive, Sherra. Me diga até onde possa chegar.

Ela se agarrou os tornozelos com uma sujeição desesperada. Ela não podia tocá-lo, não podia permitir-se essa debilidade. Sua cabeça se girou para o respaldo da poltrona, seus quadris agitando-se quando ele começou a entrar nela.

— Mais — ela estava ofegando enquanto ele se movia lentamente, fazendo-a sentir cada centímetro abrir-se ao redor da larga cabeça.

Ela podia sentir o protesto dos músculos não usados dando passo à amplitude dura como o aço. A ambiciosa capa de fluido facilitou o caminho dentro dela, o pulso da acetinada cabeça enquanto entrava no estreito canal.

— Não — ele estava respirando pesadamente, tomando-a tão devagar que ela estava tremendo, seus quadris sacudindo-se enquanto as mãos dele sustentavam as dela, as mantendo em seus tornozelos. — Não quer me beijar, não me deixa lamber seu grelhinho, assim agora vou fazer assim. — Sua voz era seca, tão áspera que acariciava os sentidos dela como uma amante mão firme.

Ele a estava matando. Estreitando-a pouco a pouco, fazendo que as paredes de sua vagina tivessem espasmos e se flexionassem com cobiça enlevada enquanto ele trabalhava devagar para dentro.

— Maldição, gatinha, é tão bonita — seus olhos estavam brilhantes, seu rosto empapado de suor, suas largas pestanas eram picos úmidos enquanto ele a olhava. — Não há nada mais sexy que ver seu doce sexo me tomar inteiro. Recorda isso, Sherra? Recorda o quanto foi sexy a primeira vez? É ainda mais quente agora. Juro, acredito que está mais estreita que nunca.

O suor corria em sulcos lentos pelos lados de sua face, ao longo das cicatrizes de seu peito quando ele de repente entrou nela até o punho. Sherra saltou contra ele, lutando por respirar enquanto sua vagina se ajustava ao redor da pouco familiar largura.

Ela o olhou, choramingando por quão profundo ele a enchia, necessitando que ele tomasse violentamente, que atingisse sua carne tão forte e profundo dentro dela como fora possível.

— Por favor — ela quase chorava pela necessidade.

Ele sorriu tensamente.

— Sei como o necessita, Sherra. Sei o que necessita. Renda-se mim e o terá agora. Negue-me isso e esperará até que eu não possa agüentar para o ter.

Seus olhos se aumentaram

— O que? — ela choramingou, seus quadris atirando, lutando pela fricção que ela necessitava enquanto ele movia seus quadris em círculos ajustados.

— Só um beijo — lhe cantarolou suavemente enquanto se estreitava dentro dela. — me dê seu beijo, Sherra, e te *foderei* até que esteja gritando sem saber se é de prazer ou dor.

Seu beijo, sua destruição.

— Kane, não me faça isto — ela podia sentir as lágrimas amontoando-se em seus olhos, seu corpo fora de controle, seu canal contraindo-se ao redor de seu sexo enquanto ele se deslizava devagar para a entrada de novo antes de retornar devagar, abrindo-a toda de novo. — Por favor, dói, dói tanto — ela estava chorando e impotente para detê-lo. Os toques em seu útero a estavam matando. Quanto mais a provocava, mais duros se faziam.

Os olhos dele baixaram a seu abdômen, olhando as duras convulsões dos músculos a cada estocada.

— Sinto — ela gritou, a emoção e o medo afligindo-a. — Sinto muito, Kane. Não posso. Não posso te dar o que quer. Não posso...

Ele amaldiçoou. Um baixo, horrível som de aceitação desolada antes de que ele saísse de seu corpo. Antes que ela pudesse gritar em protesto ele a empurrou para diante, girou-a, sustentou-a contra a poltrona e investiu até o fundo.

As costas dela se arquearam enquanto um grito saía de sua garganta. Agora seu pênis era uma longitude de êxtase dura como o ferro arremetendo nela. Suas mãos agarraram os quadris dela, quase machucando com sua força enquanto ele a *fodia* tão duro e rápido que ela jurou que ele chocaria contra seu útero. E ainda necessitava mais. Ela chiou com necessidade enquanto empurrava para trás em cada golpe, levando-o mais duro, mais profundo, sentindo seu orgasmo estreitar-se com cada impulso.

— Maldita seja. — se inclinou sobre ela, seus dedos metendo-se entre suas coxas. Localizando o duro e inchado casulo de seus clitoris, ele começou a esfregá-lo com carícias firmes e destruidoras enquanto entrava e saía de dentro dela.

Ela estava morrendo. Sherra sentiu seu corpo retesar-se, sentiu o fogo fazer erupção, e então explodir tão duro e rápido que ela não pôde fazer nada a não ser uivar dentro da tormenta que a estava enrolando.

— Sim. *Foder*, sim. Sherra. Goze por mim, neném. Sim. Oh neném... — ele a estava enchendo. Jorrando dentro dela enquanto continuava cavalgando-a através de seu orgasmo, cada lance enviando-o até as mesmas profundidades de sua vagina enquanto ele disparava um rio de espessa semente quente à boca de seu útero antes de retroceder e retornar para diante por outro.

O corpo dela o estava absorvendo. Seu orgasmo a atravessou, sacudindo seus ossos e deixando-a frágil, exausta, enquanto jazia nas almofadas da poltrona. Os músculos de sua vagina se flexionaram, ordenharam a carne dele enquanto se mantinha no profundo para um último jorro de descarga e se paralisava sobre ela.

— Isto não funcionará por muito — advertiu ele. — Você sabe que não, Sherra. Necessita mais que só meu sexo e a semente quente. Seu corpo e seu mente necessitam mais. Não o pode negar por sempre.

Ela sacudiu sua cabeça, tremendo ante a verdade de suas palavras. Ela faria que fosse suficiente. Se isto era tudo o que ela teria, então seria suficiente.

Ele se retirou dela devagar, sua carne abrandada saindo da sujeição dela enquanto ele soltava o ar com dificuldade.

— Está bem agora? — sua mão passou suave sobre as curvas do traseiro dela.

Ela assentiu rapidamente. Tinha que afastar-se dele. Tinha que ter um minuto para entender exatamente o que tinha acontecido e onde ela tinha perdido cada medida de sentido comum que possuía.

— Necessita mais? — ela podia sentir a fome que palpitava em sua voz. Seu sexo gritava que sim. Sua cabeça rogava que não. Ela sacudiu sua cabeça, seus dedos cravados nas almofadas da poltrona.

— Bem — sua voz era, desolada. — Vá à consulta do doutor amanhã a primeira hora. Lá te verei. Pode te esconder de mim tudo o que queira, mas maldita seja sua saúde sofre por isso.

Ele estava se vestindo. Ela podia escutá-lo detrás dela enquanto ela permitia a seu corpo acomodar-se contra o chão, sua cabeça descansando na poltrona longe dele. Não podia olhá-lo, não podia enfrentar o que acabava de permitir que acontecesse.

— Maldita seja por ser tão néscia — ele finalmente amaldiçoou. — Se precisar de mim, Sherra, sabe onde me encontrar — disse com uma mescla de sarcasmo e fúria.

Ela de propósito não havia realmente pressionado Kane nos seis meses anteriores. Tinha-o deixado fazer seus comentários inteligentes, tinha-o deixado atormentá-la com sua presença e suas frases continuamente zangadas. Mas não tinha respondido. Não lhe tinha respondido porque sabia que, quando o fizesse, ela acabaria com a dominância que ele tinha tão estreitamente controlada. A dominância que ela acabava de mostrar com sua negativa em compartilhar o seu calor com ele. Com sua negativa a ceder às necessidades que se rebelavam através de seu corpo.

A porta da residência se fechou atrás dele quando se foi, deixando-a nua, os farrapos de sua bata pendurando de um ombro, a semente dele escorrendo de seu corpo. Mas a dor se foi. Ao menos, por agora.

Capítulo 11

Sherra esperneou nos laboratórios do porão no final da manhã seguinte depois do intenso exame e do processo ritual de extração de sangue que tinha feito Martin. O homem tinha que ser um vampiro para necessitar de todo esse sangue. Prescindindo do elevador, subiu rapidamente o curto trecho das escadas, saindo justo além da ampla entrada e diretamente através da cozinha.

— Prometeu-me — escutou a grave e angustiada voz de Cassie.

— Sei que prometi, menina — Kane disse com suavidade, sua voz ecoando no corredor. — Mas Dash e a mãe tiveram que sair do lugar onde estavam de novo. Vão nos chamar tão logo se acomodem. Garanto que tudo está bem, mas precisamos nos assegurar de que estarão seguros também.

— Mas preciso da minha mãe — Cassie disse com lógica irrefutável. — A fada sente falta dela.

Sherra suspirou suavemente. Cassie jogava a culpa de toda à fada, até sua tola fuga por volta do perigo no dia anterior.

— E a fada tem boas razões para ter saudades — Kane disse gentilmente, sua normalmente áspera voz, suave como o veludo. — De qualquer forma, se dirigirão a casa em um dia mais ou menos. Enviei Merc e Tanner só para ajudar Dash cuidar de seu mãe. Disse-lhes, não importa o que acontecer, ficarão diante da mãe de Cassie, e eles disseram que o fariam. Pensa que deixariam que lhe acontecesse algo?

Sherra inclinou sua cabeça, seus olhos fechando-se enquanto a voz dele tranquilizava até seus desgastados nervos.

— Não — disse Cassie vacilante. — Merc e Tanner e Dash a protegerão. Mas eu sou sua garotinha, Kane. Ela deve me agasalhar. E me dizer quando posso comer meu chocolate para que não me doa a barriga... — os olhos da Sherra se abriram de repente, seu coração encolhendo-se com o som das incipientes lágrimas.

— Desculpa? — Kane adotou um tom de falsa ofensa. — tiveste alguma dor de barriga?

Sherra sacudiu sua cabeça. Eles tinham mantido o chocolate estritamente fora de seu alcance.

— Bom, não...

— E não consegue bastante chocolate? — lhe perguntou então, fazendo com que os olhos da Sherra se estreitassem em advertência.

— Sim. Essas aerados são as melhores, Kane. Chocolate duplo — o suspiro de felicidade fez que Sherra olhasse para a porta surpreendida. Certamente Kane não estava passando chocolate a essa criança. Ele não o faria.

— Boa criança. Então, qual é seu veneno? Leite?

— Sim, por favor. E quatro bolachas esta vez — a garotinha respondeu.

— Quatro? — sua voz se encheu de risada. — Chocolate duplo? Não acredito, minha criança. Dois duplos ou quatro normais. Você decide. E não me recorde que supostamente não deve comer mais de uma hoje. Poderia sentir que preciso seguir praticando como dizer não às pequenas crianças ardilosas.

— Poderia chorar — a ameaça da pequena criança se encontrou com o silêncio.

— Poderia chorar mais forte quando não houver bolachas — ele grunhiu. — Não tente me chantagear, pequena estelionatária — Cassie soltou um risinho ante seu tom brusco. — Ajudei a criar Merinus. Não pode me sair com uma ameaça que ela não tenha inventado antes. Essa mulher era um terror com duas pernas. Só pode aspirar a alcançar sua astúcia.

— Posso fazê-lo melhor, mas eu gosto. Embora tenha me esforçado. Isso não é treinamento de pai, Kane — a garotinha riu. — Está bem, quatro normais agora. Dois duplos depois.

— Quem disse algo a respeito de depois? Limite de seis ao dia, pequena. Já comeu dois. E se esconde de Dawn quando vier te buscar, cortarei-te o mantimento de raiz. Negar a você os chocolates poderia não ser treinamento de pai, mas a disciplina entra em alguma parte.

— Nossa! É tão duro com uma mãe. Está seguro de que não é já um pai, Kane? — as palavras da garotinha partiram o coração da Sherra.

— Não, neném, não sou um pai — seu tom suave e arrependido destruiu sua alma. — Vamos, tempo de bolachas antes que Merrie chegue. Ela acabará com nossos traseiros se não formos cuidadosos.

— Amo-te, Kane — a garotinha suspirou. — Mas se não falar com minha mãe logo, não vais ter o suficiente chocolate para me subornar. As crianças pequenas precisam de suas mães.

— Sim, neném, precisam — concordou suavemente. — Mais que nada, as crianças pequenas necessitam das suas mães.

Sherra inclinou a cabeça, sua mão tampando a boca enquanto se virava e se apressava ao pátio atrás da casa e ao ar do final da manhã. As lágrimas oprimiram seu peito, congestionaram sua garganta. Um golpe afiado de agonia partiu sua alma enquanto seu ventre pulsava com pena.

Se não puder proteger o filho de outro, como pode esperar proteger o teu? As furiosas palavras dele depois da quase morte de Cassie ainda tinham o poder de atravessar sua alma. Ele estava correto. Ela deveria estar preparada para algo que Cassie tramasse. Todos sabiam quão perfeito era seu ouvido; ela devia ter pensado, devia ter prendido a criança antes que ela atravessasse a porta.

Ele tinha estado furioso, tão aterrorizado como ela estava quando Cassie lhe escapou. Sherra sabia que suas palavras não tinham intenção de ser tão duras como o tinham sido, nem de que as lembranças surgissem nela tão desoladoras e negros como tinha acontecido.

Seu filho. Ela se deteve à sombra de um dos velhos carvalhos, suas mãos pressionando seu plano abdômen enquanto sua matriz se convulsionava pela necessidade. O calor estava crescendo de novo. Ela não podia conceber, nunca conceberia devido a sua própria estupidez. Acaso era o pagamento desdenhoso do destino por não ter protegido a criança que ela tinha levado a primeira vez? Ela acreditava firmemente no destino, no pagamento por cada um dos crimes contra a natureza. E tal e como agora o mundo estava pagando, tal e como a natureza demandava a sobrevivência das espécies que a ciência tinha criado, estava o destino cobrando seu próprio pagamento porque ela não tinha protegido a vida que lhe tinha sido dada?

— Sherra, você está bem? — a voz de Calam chegou através da unidade de comunicação que ela colocou na cabeça antes de deixar seu dormitório.

Ela inspirou profundamente. Se ele estava vendo os pontos nos monitores dentro da sala de comunicações, ele saberia onde estava e se preocuparia porque ela não se estivesse dirigindo à junta como ele tinha programado.

— Estou bem — lutou por manter sua voz clara, manter sua respiração calma. — Estou a caminho.

— Estaremos lhe esperando, então — lhe respondeu calmamente, embora ela soubesse que não o tinha enganado.

Demônios, Doc provavelmente lhe contou a respeito dos resultados das provas, o que só faria pior as coisas. O implante do hormônio em seu sistema era dramático. Muito em breve, ela não seria capaz de brigar; estaria de joelhos rogando ao Kane que a possuísse.

Os hormônios no sistema do Kane, embora implantados, não pareciam afetá-lo tão drasticamente como a ela. Ainda mais preocupam-se era a estranha sensibilidade ao redor de seu ventre, um ligeiro inchaço na área das trompas de Falópio que se tornaram mais sensíveis. O calor rugia como uma fera nesta fase. Ela deveria ter tido

duas semanas mais, antes de entrar na fase completa, e até então, nunca tinha sido como isto. Isto ia mais à frente da dor.

Mais à frente da fome. Era um fogo dentro dela que só a descarga do Kane tinha apagado, e então, só por um momento.

Ela tomou fôlego com firmeza e continuou para a sala de comunicações e a junta que Calam tinha solicitado. O ataque de mísseis, seguido tão perto pela chegada do Seth Lawrence, estava preocupando-o igual à Kane. A informação obtida do atacante do míssil tinha sido todo menos reconfortante. O saber que alguma pessoa ou grupo desconhecido estavam contratando assassinos para entrar em complexo e matar Merinus, Roni e a criança era francamente aterrador. Aumentava as apostas em um jogo perigoso.

Kane acendeu de novo as luzes e olhou as expressões nas quatro pessoas reunidas no escritório improvisado depois de um resumo sobre o assassino que tinha atacado dias antes e de Aaron e Seth Lawrence.

O assassino era uma irritação. Um inepto dom ninguém que tinha encontrado as cavernas que se abriam do outro lado da montanha e chegavam ao território das Espécies. Isso se teria que resolver. Aaron e Seth eram um assunto maior. O filho, Kane se inclinava a confiar nele. O pai era outro assunto totalmente distinto. Sua opinião pública sobre as Espécies era bem conhecida, sua opinião de que deveriam ser presos de novo e bem vigiados tinha sido dito publicamente várias vezes.

— Dobra o número de guardas nos bosques — disse Calam, sua voz vibrando com um grunhido furioso. — Mande uma unidade procurar outras cavernas na propriedade, outras entradas das não que sejamos aparentes. Qualquer um que ataque, terá que atravessar nosso perímetro de segurança antes de atacar a casa. Nos asseguremos de que não passará de novo. Coloque guardas extras na casa de hóspedes também. Te assegure de que a comitiva do Lawrence fique quieta.

— Seth não machucaria a sua irmã — Dawn surpreendeu a todos quando falou.

Sua voz era firme, e levava um fio de aço que se desenvolveu lentamente depois da morte do Dayan. Seus olhos âmbar os olharam a todos, as sombras do passado ainda girando nas profundidades, embora já não evitava os olhos deles.

— O que te faz dizer isso? — Perguntou Kane; sua voz, embora interrogante, tampouco rechaçou imediatamente sua opinião.

Ela empurrou para trás a franja do suave cabelo cor de café claro que caía sobre sua frente.

— Não posso explicá-lo — Dawn sacudiu sua cabeça. — Posso sentir o cheiro da verdade tão fácil como da mentira. Ele não está mentindo, Kane.

— Ele não é o único aqui, tampouco — Kane lhe recordou. — O que tem que os outros não?

Ela parecia surpreendida de que lhe perguntasse sua opinião.

— Não sei a respeito dos outros, disse finalmente nervosa — Algumas pessoas são mais fáceis de ler que outras.

Ele assentiu rapidamente

—Está bem, então você será a sombra do filho, colocarei aos outros sobre o pai e o chofer. me faça saber o que sente, Dawn. Estamos todos juntos nisto. Combinamos nossas fortalezas e debilidades. Assim é como sobreviveremos.

Ele era consciente do sobressalto de surpresa do Dawn, a lenta confiança que se ergueu em seu olhar enquanto o via atentamente. Mas o olhar da Sherra era uma carícia física.

Ela estava alucinando pela forma em que ele tratou ao Dawn, mas Kane não estava de acordo com os outros e com sua intenção de proteger a de todas e cada uma as penúrias da vida. Tinha sido machucada muito duro e muito frequentemente no passado. Proteger a só faria mal à mulher que lentamente emergia de sua concha.

— Isso é todo—Disse Kane com decisão enquanto todos ficavam de pé. Seu olhar se estreitou sobre sua parceira.—Exceto para você—dirigiu a Sherra um sorriso zombador, sardônica apesar da excitação crescente que retesava seu corpo. — Ainda preciso falar contigo.

Ela levantou uma sobrancelha. Não lhe tinha falado da noite anterior, mas tinha notado seu nervosismo e irritação enquanto a reunião da junta progredia. Ela estava tão quente que quase resplandecia.

Ele a olhou agora, seu olhar tocando seus inchados seios, seus mamilos que se espremiavam contra o escuro tecido de seu uniforme, a forma do seu olhar, quando tocou o dele, voltou-se faminta. Embora não mais faminta que ele, estava seguro.

Ele estava faminto pelo sabor dela. Sua própria luxúria só aumentou desde que a tinha tomado na noite anterior; a necessidade pelo único, escuro sabor de seu beijo o estava deixando louco.

— Não brigue com ela, Kane — Falou Calam enquanto se moveu para a porta com os outros. — Está nos custando muito tratar com ela.

Sherra apertou os dentes enquanto olhava a sua líder de manada.

— Isso não é certo — saltou.

Calam respirou fundo.

— Diga-lhe a alguém que não tenha cicatrizes por estar brigando contigo, irmãzinha. Poderia acreditar.

Um pequeno grunhido de advertência foi sua única resposta enquanto Calam riu baixo e saindo da residência, deixando Kane a sós com ela. Ele tinha visto a interação entre irmãos, vendo o afeto, o laço familiar entre eles. Como o que ele compartilhava com Merinus.

— O que quer? — Sherra estava condenadamente irritável, pensou, justo como Calam tinha advertido. Ele também sabia que a irritabilidade era um dos sinais que acompanhavam a seu crescente calor.

— Bom, essa é uma pergunta de peso — Kane sorriu lentamente enquanto a considerava. —Quer uma resposta por escrito ou tem tempo para uma verbal? Poderia me colocar bastante descritivo verbalmente.

Ela se ruborizou. Uma corrente de suave rosa cobriu sua face enquanto cruzava seus braços sobre seus obviamente sensíveis seios e o olhava com precaução. Ela era em partes iguais, inocência e sedução. Ficava louco vendo a fluida sensualidade em cada movimento, embora também a completa inocência do endemoniadamente sexy que estava, enquanto o olhava com essa cautelosa surpresa.

Tinha feito amor com ela na noite anterior até que ela se levantou e correu, gritando nas almofadas da poltrona enquanto seu estreito canal se apertava em seu sexo flamejante. Ele não a tinha beijado. Não tinha provado o calor líquido que corria entre as coxas dela e agora ele estava faminto por isso. Não esperaria muito mais.

Capítulo 12

— Não necessita uma inteligente resposta, né? — Perguntou Kane com pena enquanto ela continuava olhando-o com uma chama de fúria. — Bem. Minha principal queixa são seus hábitos noturnos, que até agora não foram um problema. Mas quero que comece a ficar mais perto da casa durante a noite em vez de te aventurar pela montanha.

— Por que? — Sherra se moveu incômoda.

Kane podia ver a negação crescendo em seus desconfiados olhos verdes, a necessidade de escapar que estava crescendo em seu corpo. Ele não podia permiti-lo. Quase tinha tido um ataque sabendo que ela se estava enfrentando ao bastardo lançador de mísseis. E segundo Merinus, Calam estava mais que preocupado com o incremento do calor, preocupado de que diminuía sua precaução, sua habilidade para rastrear e brigar efetivamente.

— Isso deveria ser bastante óbvio — grunhiu enquanto se aproximava dela. — Se houver problemas, necessito que evacue Merinus, Roni e Cassie. Além disso, precisamos nos assegurar de que a manada principal se mantém intacta sem importar como. Isso significa que você também, minha ervilha de aroma.

Sherra fez uma careta ante o apelido.

— Kane, economize o palavreado — saltou, provocando que ele a olhasse com divertida surpresa. — Quer-me aqui para sua conveniência, nada mais. Continua esperando que, se estiver o suficientemente perto, será mais difícil para mim me negar a sua sessão calculada de transar.

Ele estava rezando porque ela o fizesse. Perguntou-se se deveria lhe explicar a diferença entre uma esperança e uma reza. Então decidiu que talvez seria melhor, considerando o lento aumento de fúria em sua expressão, que se calasse.

Ele inclinou sua cabeça, olhando-a com curiosidade

— Boa essa consideração, companheira — ele arrastou as palavras.

— Alguma vez consideraste o fato de que talvez as fêmeas não se acasalem realmente? — finalmente lhe perguntou ela sardônica. — Talvez qualquer homem sirva, quando necessário. Quero dizer, há tão poucas mulheres, e tantos homens nesta etapa. Talvez tenhamos que trasar com todos vocês.

Ele se deteve. Podia sentir a fúria pulsando em suas veias só pensar nisso. Se outro homem sequer tentasse tocá-la, ele perderia toda semelhança de controle e trataria de matá-lo.

— Não acredito — disse com os dentes fechados enquanto o pensava. — Se esse fosse o caso, teria transando com qualquer um que tivesse uma ereção. Em vez disso, está tão úmida por mim que quase não pode caminhar sem escorrer teus sucos.

Ela levantou sua cabeça, olhando-o friamente.

— Está se superestimando.

— E você, está subestimando minha inteligência — ele sibilou. — Não cometa esse engano, Sherra. Se tiver o cérebro que sei que está funcionando nessa quente cabecinha, então saberá que já revisei cada ângulo sobre este tema. Sei de quem necessita. Sei que esse pequeno hormônio flutuando em meu corpo que nos une está aí por uma razão. Não me pressione nisto.

Ela tragou tensamente.

— Isso não é possível. Foi um beijo. Isso é todo.

Kane sorriu tenso.

— A gente é tudo o que fez falta. Não negue que está mais quente que nunca. Você está tão malditamente úmida que poderia me afogar nele quando colocar minha boca lá abaixo.

Sua face ardeu em chamas, seus olhos brilhando com os fogos que rugiam dentro dela.

— Ela respirou profundamente enquanto se separava dele.

— Pára de fugir de mim, Sherra — sussurrou suavemente enquanto seu braço se enganchava na cintura dela, atraindo-a para ele. — Não vou deixar que faça isso. Não há razão para correr.

— Olhe — ela pressionou suas mãos contra o peito dele como se fosse empurrá-lo. — Disse-lhe isso ontem à noite, não posso arriscar isto. Nenhum de nós pode. Não sabemos o que acontecerá, Kane.

— Não me importa o que acontecerá, Sherra — e isso era o final da linha no entendimento dele. — Não está cansada de estar machucada? De estar dolorida? Poderíamos acalmar o calor, neném.

Ele baixou sua cabeça, mordiscando sua orelha, deixando a seus lábios sussurrar sobre a pequena couraça enquanto ela se estremecia em resposta. Os dedos dela se enroscaram contra o peito dele, suas unhas lhe massageando através do fino tecido de sua camisa quase inconscientemente.

— Ambos poderíamos nos arrepender muito depois — sua voz era um pequeno e quente suspiro de necessidade feminina. — Não posso me colocar nisto sem maisnem menos, Kane.

— Carinho, ontem chupei cada doce gota dessa droga de sua língua e de noite te amei até que explodiu sobre mim — lhe disse, suas mãos percorrendo suas costas, sobrevoando suas nádegas enquanto permitia a seus dedos apertar-se nas suaves curvas. — Se isso não era meter-se dentro, então o que é? Me beije, Sherra. Não siga nos castigando assim.

Ela estava respirando tão fundo e rápido como ele quando ele levantou sua cabeça o suficiente para olhá-la. Seus olhos estavam aturdidos, Entrecerrados, seus suaves lábios rosas separados e brilhando com umidade. Ele lambeu seus próprios lábios, morrendo por prová-la, por fazer a única coisa que a colocaria tão selvagem que os queimaria vivos a ambos.

O olhar dela se centrou em seus lábios, voltando-se sonolenta, seu rosto suavizando-se com paixão enquanto os olhava.

— Poderia te comer viva — lhe disse com gentileza. — Desde seus lábios até seu sexo, chupar cada gota de umidade deles e então te colocar quente e úmida outra vez antes de deslizar meu pênis tão dentro de você que nunca poderá imaginar me rejeitar outra vez. A idéia disso, a necessidade disso, tinha colocado seu corpo em chamas, sem mencionar a ereção que palpitava entre suas coxas. E ela estava pensando nisso. Ele podia ver a luxúria derramando-se em seus olhos, suavizando-a contra ele enquanto um gemido escapava de sua garganta.

Sherra olhou as ardentes profundidades dos olhos de Kane, vendo a determinação, a luxúria gritando através de seu corpo. Sua expressão era tensa, a carne ajustada sobre seus maçãs do rosto, seus olhos Entrecerrados, seus lábios carregados de sensualidade. Ele estava duro e excitado e ela pressentia que ele se estava preparando para trocar drasticamente as regras do jogo ao que estavam jogando.

— Este não é o lugar apropriado para isto — disse empurrando seus ombros.

Se ela pudesse colocar distância entre eles então poderia brigar contra os efeitos do calor pelo menos durante outro dia. Um dia poderia converter-se em dois, dois em mais. Os fogos hormonais rugindo em seu corpo nunca duravam mais de um mês; ela já levava duas semanas. Se pudesse mantê-lo longe por um pouco mais.

— É o lugar perfeito para isso.

Ele a soltou, mas antes de que ela pudesse recuperar sua liberdade ele estava junto à forte porta de aço, jogando a chave cuidadosamente antes de girar-se para ela, seus dedos indo para os botões de sua camisa.

— Maldição, Kane! — ela saltou. — As poltronas não são cômodas para transar. Espera até que encontremos uma cama.

— Então venha a mim quando estiver perto de uma cama — lhe disse, sua voz curta e impaciente. — Agora tire isso, Sherra, ou estará usando minha camisa e nada mais quando formos, porque te arrancarei a roupa.

Uma faiscante consciência surgiu através de seu corpo; até os dedos de seus pés formigaram com o tom exigente em sua voz.

— Te acalme — murmurou. — Não vou transar aqui. Todos saberão o que fizemos quando formos.

— Se não vai transar comigo, deixe que eu transe com você — grunhiu, avançando para ela. — Mas não irá daqui até que tenha disparado cada maldita gota de semente que está atormentando o meu pau em sua concha. Assim te dispa, neném, porque justo agora meu controle está por um fio.

A luxúria a atingiu no estômago como um grande soco e sua vagina latejou ansiosa... Tinha que ser o calor o que causava semelhante reação. Se ele houvesse dito algo tão estúpido em qualquer outra ocasião ela o teria chutado, depois de arrancar-lhe os olhos. Mas suas pernas se enfraqueceram, sua respiração se deteve ante a exigência sexual e ela se sentiu tão estável como uma gelatina enquanto se movia no quarto, tratando de manter uma distância razoável.

— Perdeste a cabeça — tratou de grunhir, de injetar alguma fúria em sua voz, mas em seu lugar saiu sem fôlego e ofegante.

Ele deixou cair a camisa de seus ombros. Fortes, largos ombros. Ombros que se flexionavam com fortaleza e brilhavam com saúde. Ele era um excitado, determinado

macho e tinha decidido transar. Seu canal doeu ante o pensamento. A força das contrações cheias de necessidade que flexionavam dentro de sua vagina lhe advertiu de que não poderia brigar tão fortemente como precisava fazê-lo.

— Perdi minha paciência — a corrigiu, seus olhos obscurecendo-se enquanto, de alguma forma, tinha conseguido colocá-la mais perto da poltrona do que ela queria estar. — vou deixar você toda nua, Sherra, e uma vez que tenha minhas mãos sobre você, ambos sabemos que não demorará muito. Depois de arrancar essas calças de suas lindas pernas, vou enterrar minha boca tão dentro de sua úmida vagina que não haverá uma polegada que não conheça meu toque.

Ela se estremeceu. Estremecer-se? Demônios, estava tremendo, à beira do clímax só pela força de suas palavras.

— Kane — disse, tentando safar-se dele — Isto é uma loucura. Nunca controlaremos isto se agir desta forma.

— Quem diz que quero controlá-lo? — perguntou-lhe diabólicamente. — Não, neném. Sem pensar. Sem desculpas. Só você e eu tão quentes como a lava e queimando o mundo a nosso redor. Agora, vai se despir ou o faço eu?

Ele se tirou as sapatilhas de couro que tinha usado para a reunião. Foi então quando ela soube que ele tinha arrumado isto com antecipação. Kane nunca, nunca usava sapatilhas ao redor do complexo. Ele usava as resistentes botas de couro que protegiam seus pés e pernas enquanto trabalhava.

Tivesse-lhe replicado algo odioso se suas mãos não tivessem ido a seu cinturão, o couro deslizando-se da fivela enquanto seus dedos soltavam o primeiro botão de suas calças.

— Maldita seja, meu sexo está ardendo. — ele estava quase grunhindo enquanto soltava o botão de suas calças. — E você ainda está vestida, Sherra. Não me faça arrancar essas roupas.

Sherra tragou tensamente enquanto as calças e cueca dele eram chutadas longe de seu duro corpo. Seu pênis se estirou para ela, pesado e inchado, cabeça em forma de ameixa úmida com sêmen e vendo-se muito tentadora para a comodidade dela.

— Kane — sussurrou, quase não conseguindo ficar sem gemer tamanha era sua necessidade dele. — Esta não é uma boa idéia.

— É a melhor ideia que tive em oito anos — lhe informou, com voz dura enquanto se movia muito rápido para que ela pudesse fugir.

Antes que ela pudesse correr, antes de sequer considerar brigar, ele a tinha deitada na ampla poltrona, as mãos dele à beira de seu corpete enquanto o empurrava por cima de seus seios.

— Demônios, sim — ele murmurou, suas mãos prendendo seus seios enquanto seus lábios desciam para os dela.

Ela poderia ter brigado, assegurou-se a si mesmo. Podia tê-lo empurrado, brigar até a porta; poderia ter escapado. Uma mentira para salvar seu orgulho? Importava?, perguntou-se. Porque um segundo depois os lábios dele cobriram os dela e fugir foi a última coisa em sua mente.

Não lhe deu uma oportunidade de opor-se, mas Sherra sabia que nunca deveria havê-la esperado. Seus lábios se inclinaram sobre os dela, sua língua se inundou além de seus lábios quando abriu a boca, retorcendo-se imediatamente com a dela. Sua língua era fresca, tranquilizadora contra a sua quando a carícia começou a roçar-se contra as glândulas inflamadas, permitindo ao hormônio contido ali liberar-se. Sherra tinha pensado que isso seria suficiente, que o pequeno alívio lhe daria uma oportunidade de recuperar seu controle. Foi o contrário disso. Todo dentro dela se apertou e inflamou de desejo. Necessitava mais. Precisava-o chupando o hormônio, internando-se dentro dela. As exigências poderosas da natureza foram mais do que pôde negar. Seus braços se envolveram ao redor de seus ombros, suas mãos enredando-se em seu cabelo enquanto ela lutava pela dominação em ao menos esta única coisa. Sua língua batalhou e se retorceu enquanto choramingações e choramingações escapavam de sua garganta até que lhe permitiu deslizar sua língua dentro de seus lábios.

O primeiro risco de sua boca sobre a extensão inflamada fez que seu corpo se arqueasse tenso. A sensação rasgou através dela, um prazer tão entristecedor atou seu ventre com um estremecimento convulsivo de agonizante fome. Seu seios estavam tão sensíveis que cada toque de seus dedos sobre seus mamilos causava um grito indefeso que fazia eco dentro de seus lábios, tão desesperada pelo toque de seu pênis duro em sua vagina úmida. Ela empurrou suas calças, lutando para tirar o que o impedia de mergulhar-se dentro dela.

Suas línguas se retorceram dentro de sua boca enquanto os lábios dele chupavam o fluido saboroso que provinha das glândulas copulativas. Isso acalmou a sensibilidade, o calor que parecia encher sua própria língua, mas só aumentou o calor a todo o longo de seu corpo.

Ela não estava pensando, tão ávida, tão faminta dele agora que nada importava exceto o duro impulso que sabia estava por vir.

— Ainda não — o grunhido que rasgou sua garganta quando ele separou seus lábios foi rude, gutural. — Primeiro... o que eu sonhei, Sherra.

Ele rasgou o corpete dela um segundo antes de que ele baixasse suas calças. Ele os levou a seus tornozelos antes de dar-se conta que ia ter que soltar suas botas e as tirar primeiro.

Colocando suas mãos nos joelhos dela, subiu-as, logo as separou o mais que pôde enquanto baixava sua boca para as inflamadas e úmidas curvas de seu dolorido sexo.

Sua língua rodeou seus clitoris com um anel de delicioso fogo enquanto ronronava sua apreciação.

— Está tão malditamente molhada que poderia me afogar em você — grunhiu antes de lambe-la outra vez.

Foi uma carícia firme e destrutiva que ia aproximando-se e aproximando-se de seus congestionado clitoris, as sensações fazendo que seus quadris se contorsessem, enquanto ele avivava o fogo mais alto, mais quente em sua vagina.

— Kane, não posso resistir. — ofegou, suas mãos empunhando as almofadas do sofá enquanto lutava por manter sua prudência. — Por favor, não me torture com isto.

Uma risada aguda vibrou contra sua carne molhada.

— Te torturar? — perguntou-lhe guturalmente. — Sherra, carinho, não entende, se não te saboreio vou perder a razão. Tudo no que posso pensar é no sabor de seu beijo, de seu pequeno e quente clitoris em como gritará pra mim, como escorrerá em minha boca. Venha pra mim, neném, sacia minhas ânsias e logo saciarei as tuas.

Ela gritou seu nome enquanto sua língua se retorcia através da fátia nua de seu sexo, um lamento lento, apreciativo enquanto ele ronronava de prazer.

— Foda! Você é viciante — gemeu. — Nunca esqueci, Sherra, seu doce sabor, seu calor. Morrerei precisando de você...

A cabeça da Sherra pendia contra o sofá enquanto ela elevava a voz em crescente demanda. Seu corpo estava estendido, tenso, cada célula apertando-se em rápidos arcos de prazer através dela.

Ela lutou por aproximar-se mais, esmagar sua carne dolorida em sua boca. A próxima urgência, a necessidade de liberação, os brutais espasmos de necessidade flexionando seu ventre estavam matando-a. Seu clitóris era um nó inflamado de apaixonada necessidade, sua vagina um caldeirão apertado de luxúria.

— Kane. Meu deus. Não posso agüentar... — suas pernas estavam presas por sua própria roupa, seus joelhos mantidos estendidas por suas mãos enquanto ele devorava o espesso xarope de sua resposta, tomando-o em sua boca, lambendo e gemendo contra ela, nas profundidades abrasadoras de sua.

— Kane, por favor — quase gritou seu nome. Não podia padecer as convulsões desumanas em seu ventre. Seu corpo estava muito exigente e só uma única coisa o faria ou a poderia aliviar. — Por favor. Por favor, Kane. Transe comigo. Rogo-lhe isso...

Ele gemeu impotente, sua língua mergulhando-se profunda e duramente dentro de sua vagina, com uma urgência de louco. Ela nunca tinha sabido de algo tão quente, ou de uma fome tão profunda.

Sua língua atçou os fogos mais quentes, comendo nela, chapinhando nela, até que os pequenos tremores de sensação agitaram seu corpo sem piedade.

— Não posso conseguir suficiente de você — gemeu enquanto arrastava sua cabeça desde seu pulsante sexo. — Estou faminto de você, Sherra.

Ele se elevou à altura de seus joelhos, seu sexo pesado e congestionado quando ele tratou de alcançar, obrigando-a a voltar-se enquanto ela ficava sem fôlego pela surpresa. Ele atirou dos cordões de uma bota, tirou-a e logo deslizou completamente sua perna fora das calças enquanto ele se localizava entre suas coxas.

Houve poucos preliminares. A necessidade era muita explosiva, ela os tinha obrigado a esperar muito tempo e Kane tinha fome. Seu pênis mergulhou dentro dela, abrindo com força em seus músculos apertados como um punho, estirando-a com brutais choques enquanto suas costas se arqueava, seus quadris trabalhando furiosamente enquanto ele lutava por deter o clímax.

Sherra não pôde restringir seu grito de prazer ou a contorção de seus quadris. Ela localizou seu canal sobre o grosso êmbolo de seu sexo dentro e fora de sua vagina. Suas pernas abraçaram os quadris dele, suas costas se arqueou, e em poucos minutos ela se dissolveu. Duro, explosivo, os estremecimentos do orgasmo apertaram

seu corpo para aproximar-se de um ponto de ruptura quando o prazer a atravessou. Não só agradar... êxtase, uma sensibilidade cegadora que nunca teria acreditado possível se não a tivesse experiente por si mesmo. Era quase interminável, contração após contração retesando-se ao redor de sua possante ereção até que a prendeu profundo dentro dela, ordenando cada caída da espessa e cremosa semente presa dentro de suas bolas.

As mãos dele eram fortes sobre seus quadris, sua masculinidade gemia áspera e surgiu bruscamente das profundidades de seu peito quando seu corpo se estremeceu em cima dela por longos segundos. Finalmente, felizmente, os violentos tremores cessaram, lhe permitindo paralisar sobre ela, a boca dele em seu pescoço enquanto lutava por respirar. E estava ainda duro.

Sherra piscou lágrimas de fatigado conhecimento. Os varões da Espécie eram excepcionalmente poderosos, criados para agüentar, lhes permitindo manter-se firmes sob o intenso erotismo do calor copulativo. Como resistiria Kane?

— Vou te foder até que nenhum de nós possa mover-se — murmurou em seu pescoço enquanto começava a empurrar seu pau dentro dela outra vez. — Até que não fique nada de você ou de mim, Sherra. Só de nós. Só o conhecimento de que nunca... — um duro impulso a levantou para ele com um grito frágil de crescente fome — nunca me negará sua conchinha molhada para a foder outra vez.

Capítulo 14

Kane a ajudou a vestir-se e a levou a seu quarto horas mais tarde. Sherra estava esgotada, exausta em seus braços e seu membro ainda duro, rugia pela necessidade de enterrar-se em seu interior outra vez. Despiu-a e a deixou agasalhada na cama, sentou-se pesadamente na cadeira ao lado dela depois de despir-se e cravou seus olhos nela.

Ela dormia profundamente, tão profundamente que o movimento apenas a incomodou. As sombras escuras debaixo de seus olhos eram a prova das noites que tinha passado sem dormir nestas semanas. Noites passadas rondando em seu dormitório ou vagando pela montanha. Exatamente como ele tinha passado as suas.

Kane recostou sua cabeça cansadamente contra o espaldar da cadeira e fechou seus olhos. Sua ereção bateu como uma maldita dor de dente. Não podia obter mais dela. Não podia derramar sua semente dentro dela suficientemente rápido ou o suficientemente duro para satisfazer-se.

Sorriu lentamente. Mataria-o, mas demônios, valia a pena. Ela era tão apertada e quente, encaixava perfeitamente, tomando seu membro como uma luva sedosa e fazendo-o esforçar-se para acomodar sua longitude inteiramente em seu interior. Não importava o quão preparada e molhada ela estivesse, apertava-se como um punho ao redor de sua ereção.

Ele não era excessivamente grande, mas sabia que era bem dotado e ainda estava duro, com vontade de enfiar-se nela de novo.

Observou-a, seu coração pesava agora, suas emoções tão mescladas como seu desejo.

Só Deus sabia quanto a amava. Amava-a tanto que seu coração se quebrou dentro de seu peito quando pensou que estava morta. Ele não tinha querido viver, não tinha querido seguir, tinha-lhe doído tanto estar sem ela. Cada célula de seu corpo tinha levado luto durante oito longos e vazios anos.

A noite em que ela saiu das sombras na Sandy Hook ele tinha respirado pela primeira vez desde que a tinha perdido. Seu coração tinha começado a bater outra vez, o sangue tinha refrescado seu corpo, lhe recordando que estava vivo depois dessa hibernação emocional em que tinha entrado. De repente, nada era mais importante que tocá-la, abraçá-la. Ser parte dela. E ela o tinha odiado. Ele o tinha visto em seus olhos, uma dor tão escurecida na alma, uma fúria que ele nunca poderia extinguir.

Ele fez uma careta ao pensar nas razões de seu ódio. Ficando de pé agarrou umas calças frouxas de moletom e os colocou, sobressaltando-se quando seu sexo fez sobressair o tecido se separando a de seu corpo.

Indo às portas do balcão ficou olhando na escuridão silenciosamente.

Tinha perdido a sua criança, tinha sido violada, tinha sofrido por culpa de uma reação contra as drogas que os cientistas lhe tinham dado de maneira tão violenta que quase lhe tinha matado. E até depois de escapar, sua tortura não tinha terminado. Tinha resistido os anos de crescente excitação tão intensa que a dor física tinha sido destrutiva. Tinha sofrido em formas que ele nunca poderia imaginar, e às vezes se perguntava se alguma vez acabaria.

Kane cruzou os braços sobre seu peito suspirando cansadamente. Tinha-a obrigado a aceitar o calor do acasalamento. Tinha tomado seu beijo, sabendo que não teria alternativa depois de que o hormônio fora compartilhado entre eles. Acaso ele era melhor que os guardas que a tinham violado nesses laboratórios?

— Kane — ele se virou rapidamente ante sua voz.

Ela estava recostada observando-o, os olhos verdes escurecidos ao vislumbrar seu corpo excitado.

— Dói-te — ela disse suavemente, separando-se as mantas para trás e deixando seu corpo nu.

— Não — ele estava ali antes de que ela terminasse o movimento. — Deveria dormir, neném. Está exausta.

Ela franziu o cenho, confusa.

— Está excitado, Kane.

— Estive assim durante os últimos oito anos — disse sorrindo sardonicamente. — Umas horas mais não me machucarão.

Seu olhar brilhou com emoção antes de ser rapidamente oculta pelas grossas e rubísimas, quase brancas pestanas que ele tanto amava.

— O que ocorre se não se passa? — perguntou-lhe. — Como pode suportá-lo, Kane?

Sacudindo a cabeça, ele foi a seu lado, apoiando seus ombros contra a cabeceira da cama e apertando-a contra seu peito. Ela resistiu só um segundo antes de tombar-se sobre ele. Quase desossada, como a preguiçosa gatinha que ela deveria ser, pensou ele com um sorriso aberto. Não lhe incomodaria que estivesse sobre ele as vinte e quatro horas do dia, sete dias à semana.

— Sherra, estive assim desde antes de nosso primeiro beijo. Tive muito tempo para me acostumar à idéia. Passará um bom momento antes de que tenhamos satisfeito a fome que aumentou com os anos — lhe disse com um fio de diversão. — Não se preocupe por mim. Preocupa-se por você agora. Não quero te machucar mais. Não posso suportar ver a excitação e a necessidade obscurecendo seus olhos quando o que mas quero é te aliviar da maneira que possa.

Ele beijou a parte superior de sua cabeça, enquanto que o matagal de seu cabelo cobria seu peito. Seus dedos o tinham sujado, tinha desfeito a trança apertada em que ela o sujeitava. Seu corpo estava relaxado, quente e acetinado contra sua carne. Suas bolas se apertaram com a necessidade de fazê-la gritar seu nome outra vez.

Ela guardou silêncio por longos minutos, pensando. Isso o preocupava. Sherra nunca fracassava em lhe mandar à merda quando ficava a pensar. A mente da mulher era como uma armadilha de aço, sempre preparada e efetiva como o demônio. Mas ela era uma fêmea e ele estaria condenado se conseguisse entender a mente de uma fêmea nem que fosse uma única vez. Talvez transar com ela não fosse uma má idéia. Ao menos assim deixaria de pensar.

— Pensei que tinha me deixado — disse ela finalmente, com voz baixa e rouca pela emoção. — Durante muito tempo, pensei que simplesmente você tinha ido. No princípio, doeu, mas tinha o bebê... — sua voz se interrompeu enquanto os braços dele se retesavam a seu redor.

Todo em Kane se fez em pedaços outra vez, ante a dor de sua voz. Ele enterrou sua cabeça em seu cabelo e liberou a emoção que o rasgava.

— Poderia ter sobrevivido com nosso bebê, Kane — murmurou. — Sonhei com uma pequena criança que se parecia com você e ria como você — ele podia ouvir a pena, profunda na alma, os sonhos que ela tinha enterrado tão profundamente dentro dela. — Morri nesses laboratórios, Kane. Não pode ressuscitar algo que já não guarda vida.

Kane sacudiu sua cabeça, a sombra de um sorriso cruzou seus lábios. A ferrada lógica feminina, pensou, e não pela primeira vez. E a desta mulher seguramente ia lhe deixar louco.

— Sherra, carinho, estou seguro de que acredita em cada uma das palavras que saem de sua boca — finalmente disse. — Mas essa é a maior merda que já ouvi em minha vida.

Ela se retesou e se teria levantado de seu peito se ele não a tivesse mantido quieta.

— Fique onde está antes que encha sua boca com meu pau duro, assim não teria que escutar mais tolices — lhe advertiu. — Morta... Se estivesse morta, Sherra, então não te doeria. Não estaria ferida. E não te importaria nada o quanto quente e excitado que eu possa estar, ou se esse maldito hormônio que colocaste em mim pode ou não me ferir. Não se preocuparia jodidamente de mim, iria e acabaria com isto.

Ele podia sentir a ira crescendo nela. Melhor a ira que essa maldita certeza de que não havia amor dentro dela. Ele não aceitaria isso. Ele não a deixaria aceitar isso.

— É um imbecil, Kane — disse, afastando-se dele, seus olhos brilhando intensamente de fúria. — Acredita que sempre tem razão? Não sobreviveste estes anos comigo...

— Deveria tê-lo feito — grunhiu detrás dela, surpreso de quão rápido sua luxúria estava começando a crescer agora. — Não estava com contigo por sua escolha, Sherra. Você optou por não me deixar saber. Você foi a que decidiu me deixar acreditar que estava morta. Você, carinho, assim não trate de me culpar por não estar junto a você.

— Oh sim, deveria ter chamado. — Ohh, olá, Kane, nenê, sobrevivi ao fogo e abortei involuntariamente a nosso bebê. Vamos transar de novo, inclusive se acreditar que menti e me deixou para começar de novo? — disse ela dura, sarcasticamente. — Nem pensar, *semental*.

Semental. Seu sexo tremeu. Mostraria seu *semental*.

— Isso teria funcionado para mim — disse, observando-a cuidadosamente.

Seu rosto estava rosado, seus olhos brilhando intensa e perigosamente. Mas ele podia ver sua excitação crescendo, o suor que umedecia sua fronte, seus rosados mamilos duros. Sua boca se fazia água por cobri-los, chupá-los, ouvi-la gritar e rogar por seu sexo.

— Aposto que sim — o esbofeteou e tão rápido como o fez ele se moveu, empurrando-a para a cama, restringindo suas mãos contra o colchão e montando sobre ela escarranchado. — Saia de cima de mim, imbecil. Merinus está certa; é um estúpido, simples e puramente. Não vale a pena falar contigo.

— Então não fale — disse ele furioso. — Porque, demônios pra mim não faz nenhum sentido o que diz quando falas. Dá um bom uso a essa boquinha gostosa inteligente e me beije em lugar disso.

Capítulo 15

Lhe beijar. Pois foi isso que fez. Furiosa, faminta, desesperada suas bocas se uniram, as línguas se acasalaram, dando e recebendo até que Sherra pensou que explodiria pelo prazer disso só. Ele a enfurecia. A enlouquecia. Mas debaixo disso estava a necessidade. Esta terrível fome física e emocional que ela não podia acalmar.

Sherra era o suficientemente inteligente para saber que estava além dos efeitos do calor copulativo. Havia uma necessidade que se retorcia no mais profundo de sua alma, desdobrando-se e rugindo. Ela choramingou ante o ataque do acalorado desejo e da emoção que despertava; seu corpo se apertava, endurecia-se enquanto cravava as unhas nos duros ombros do Kane e sua língua se pressionava apaixonadamente no interior da boca dele. Os lábios dele se fecharam sobre sua língua, sua boca aprisionando a inflamada carne enquanto empurrava para que separasse as coxas, posicionando sua ereção, deslizando-se entre os gordinhos lábios de seu sexo enquanto gemia roucamente. Sherra podia sentir a umidade ali, que molhava a larga cabeça do sexo dele, preparando-a para a invasão que sabia que trocaria todas suas preconcebidas noções de prazer. Não havia nada como ser tocada por Kane. Ser sujeita e amada por ele.

— Está tão quente — murmurou ele quando separou seus lábios dos dela. — Tão quente e doce, neném, que é como ser rodeado pelo fogo mais doce da terra. Me queime de novo, Sherra.

Os lábios dele se enterraram em sua garganta enquanto começava a empurrar seu pênis dentro dela. Estocadas curtas e ferozes que a abriram, estiraram-na, fizeram-na gritar pedindo mais da dor erótica que crescia dentro de seu canal vaginal.

— Aí, gatinha. Tão doce e quente. Ajusta-se em mim perfeitamente — grunhiu ele asperamente enquanto os últimos centímetros deslizavam dentro, se colocando completamente no interior dela, enviando impulsos de delicioso prazer. Ela podia sentir, tão grosso e duro, inserido nela, estirando-a até que já não pôde distinguir a fronteira entre prazer e dor.

— Me olhe, Sherra — sussurrou ele, esforçando sua voz enquanto levantava a cabeça, contendo seu peso em seus antebraços enquanto a olhava fixa e intensamente. — me olhe, neném. Olhe o selvagem em que me transforma. Me olhe, Sherra. Só esta vez.

Ela conteve a respiração ante a súplica rouca. Seus olhos a hipnotizaram. Tão profundos, escuros e cheios de emoção, capturados com dor e prazer enquanto ele se movia devagar dentro dela. Seu ventre se flexionou enquanto ele a olhava fixamente; o erotismo de olhar sua face avermelhar, seus olhos brilhar com fome sexual, enchia-a como uma onda de energia elétrica. Seus quadris se moveram com força, lhe levando mais dentro dela enquanto ela arqueava seu pescoço, as mãos dele atirando de seu cabelo onde estavam enredadas comodamente trançando os fios.

— Me diga que se sente bem, Sherra — um lento e sexy sorriso moldou seus inchados lábios enquanto suas bochechas se enchiam de um vermelho profundo. — Me fale, carinho. Me deixe ouvir seu voz, doce e baixa e áspera por me desejar.

— Está louco — ofegou ela enquanto ele rodava seus quadris, seu pênis entrando mais profundamente quando ela pensava que era impossível que conseguisse entrar mais ainda em seu interior. — Quer que te fale?

— Mmmm — murmurou ele, baixando sua cabeça o suficiente para deixar um beijo na canto de seus lábios antes de levantá-la de novo, olhando-a atentamente. — Me conte como acha bom eu estar dentro de você, Sherra. Você gosta disto...?

Ela arqueou as costas, emitindo um baixo e feroz grunhido por entre seus lábios enquanto ele se retirava alguns centímetros e voltava a empurrar de novo profundamente. As terminações nervosas estavam em fogo, seu ventre se convulsionava e um estremecimento de iminente liberação percorreu o corpo dela. Podia senti-lo, fora de seu alcance, apesar de que ele fazia pouco mais que encher seu sensível canal, seu sexo pulsando como se tivesse outro coração batendo dentro dela.

— Sim. Sim. Eu gosto disso — ela se contorsionou debaixo dele, o prazer correndo por ela como uma iminente tormenta de fogo. — Mais.

— Mais? — as mãos dele saíram de seu cabelo enquanto rodava de novo os quadris, a cabeça de sua ereção acariciando sua sensível carne, enviando ondas crescentes de sensações rasgando-se através dela.

O que lhe estava fazendo ele? por que estava atrasando a liberação que ela sabia também lhe estava atormentando a ele? Sherra podia sentir as crescentes sensações

que roçavam a dor dentro de seu próprio corpo. Cada impulso a enviava mais alto, mais perto, mas eram muito poucos para enviá-la através do precipício.

— Mais — ofegou, cravando os dedos nos ombros dele. — O que quer, Kane? Quer que suplique?

Ele a estava deixando louca. Lutou por encostar sua vagina mais profundamente em seu pênis, mas ele usou seu peso para mantê-la presa na cama, para controlar os movimentos dos quadris dela enquanto ela elevava as pernas para abraçar a parte inferior de suas costas.

— Quero o que me deu a primeira vez, Sherra — lhe disse. — Sei que não esqueceu. Não pode ter esquecido. — Por um momento sua voz foi torturada, sua expressão refletindo dor enquanto o suor escorria por sua testa.

Sim. Ela recordava. Cada momento daquela noite, cada toque, cada...

Ela murmurou um protesto, seu olhar desviando-se para o peito rude e cicatrizado e a marca que lhe tinha deixado tempos atrás.

Ela tinha murmurado algo a seu ouvido antes de lhe deixar a ferida. Palavras que ressonavam em sua mente, enchendo-a de luxúria e deixando-a ofegante pela mesma cativante necessidade que ela lia nos olhos dele.

— Kane — protestou contra a crescente fome retornar, de permitir aos sonhos deixar-se levar uma vez mais,

— Nunca voltarei a te deixar, Sherra — ele se acalmou dentro dela enquanto ela o olhava atônita.

Sua alma gemeu miseravelmente ante as palavras dele.

— Não pára. — ela sacudiu a cabeça se desesperada. — Não agora. Não ainda.

Ela não podia dirigir a sobrecarga de emoções enquanto seu sexo ainda estirava as paredes de seu canal vaginal, com a necessidade do orgasmo atingindo em seu cérebro.

— Agora — lhe negou a necessidade de voltar a esconder-se. E esconder-se, ela sabia, era exatamente o que ela tinha estado fazendo. — Aqui, agora, Sherra.

Ele apertou os quadris enquanto começava, lentamente muito lentamente a empurrar dentro dela, mas não o suficiente para levá-la ao orgasmo.

— Você gosta disto, neném? Você gosta de sentir meu pau entrando na sua apertada vagina? — perguntou-lhe ele suavemente, um eco do passado. — Me conte que quer, Sherra. Darei algo que queira.

— Não — sua cabeça contra o colchão enquanto ela lutava contra a potente, irresistível chamada de sua própria alma e contra as necessidades que martelavam em seu cérebro. — Pára com isto, Kane. Por favor. Só me deixe me gosar.

— Não — grunhiu ele, apertando seus dentes enquanto seu próprio corpo tremia com necessidade. — Ainda não. Sente, neném. Sente o bom que é.

Empurrou dentro dela mais duro, parando, seu pênis batendo com força no interior do sensível abraço de seu sexo.

— Kane... —ela soluçou seu nome.

— Agora... — ele empurrou de novo nela. E parou. Seus olhos a olhavam, brilhando grosseiramente, famintos e com a exigência apertando cada linha expressiva de sua face. — Agora.

— Oh, Deus — os quadris dela se retorceram ante o próximo impulso, sua cabeça girou, sua língua lambeu a marca de seu peito quando ele repentinamente parou. — me foda, Kane. Me foda duro e quente, até que não importe nada mais que nós. Nada mais que nós... — sua boca cobriu a zona, seus dentes raspando-a, logo sua língua, só um segundo antes de que lhe morderesse.

Um grito de masculina satisfação encheu a residência enquanto ele começava a mover-se. Uma de suas mãos baixou aos quadris dela enquanto as suas próprias começaram a agitar-se, a empurrar, a levar seu sexo mais profundo e mais duramente dentro dela enquanto ela provava seu sangue. Sua língua, áspera e cheia de hormônio, começou a lamber a ferida, sua boca sugando sua carne como se o sabor dele fora o toque final para levá-la além da razão. Seu orgasmo fez erupção, sua vagina se apertou ao redor de sua carne flamejante enquanto ela se separava sua boca do peito dele para gritar sua culminação.

— Sim. Venha pra mim, neném — ele enterrou a cabeça em seu pescoço enquanto empurrava mais poderosamente dentro dela, alargando e levando seu orgasmo ainda mais longe até que a realidade, o passado e o presente, extinguiu-se. Só restavam ela e Kane. Juntos, derretendo-se, o orgasmo e a união chocando, e nos fogos de suas liberações, finalmente se fundiram em um.

Capítulo 16

— Como te atreveu a me esconder isto?

A voz do Roni chegou a Kane quando desceu pelas escadas na manhã seguinte. A tensão no recinto estava afetando a todos eles. O confinamento imposto estava tornando loucas, Merinus e Roni, e a sua vez elas enlouqueciam a outros. Cruzou os braços sobre o peito e observou curiosamente como Roni brigava com seu companheiro.

A bela mulher de cabelo escuro olhou Taber, seus punhos fechados a cada lado de seu corpo, lágrimas caindo pela face enquanto lhe gritava. Taber estava pálido, seus olhos se desesperados enquanto olhava a sua esposa.

— Roni, não me entende — irritado, ele passou as mãos pela face. — ia te dizer. Assim que considerasse que estava o suficientemente forte...

— Faz amor comigo até que eu não posso respirar, mas pensa que não estou o suficientemente forte para falar!

Kane se sobressaltou. Caramba, ela tinha um bom ponto com isso.

— A situação é muito perigosa...

— E você está muito cheio de desculpas! — o dedo atingiu o peito. — São minha família. Tudo o que tenho. Depois do inferno que meu padrasto me fez passar, não posso acreditar que você me tenha escondido isto.

— É por isso que o fiz, maldição — amaldiçoou Taber. — Tem que entender...

— Não tenho por que fazê-lo — lhe respondeu mordazmente. — Você, por outro lado, é melhor que encontre outro lugar onde viver.

Taber sem sua esposa ajudando-o a descarregar o excesso de energia que alimentava a seu volátil temperamento? Kane não acreditava possível.

— Um divórcio felino — Disse Kane sarcasticamente quando chegou em baixo. — Posso observar? Poderia precisar tomar notas.

Taber bufou quando virou para enfrentá-lo. Os olhos do Roni brilhavam de fúria.

— Acaso pedi seu ajuda? — perguntou com raiva a Kane.

Kane encolheu os ombros

— Não tem que pedir, Roni. Disse a você e a Merinus que as aconselharei grátis. Isso é o menos que posso fazer, vendo como estão encadeadas a estes seres tão rudes e enganosos como são os Felinos—ele sorriu com toda a inocência masculina que podia reunir. Não era muito, mas mais que suficiente para esquentar uma situação já de por si quente.

— Vou morder tua maldita jugular Tyler.

Kane levantou uma sobrancelha burlonamente.

— Ouça não é minha culpa se pensou que poderia manipular. Ela é uma mulher adulta. Caramba, deixa-a viver tranqüila para variar.

O grunhido do Taber foi violento.

— Este não é seu problema—Roni lhe informou sarcástica. — Fora, Kane.

Ele olhou ao Taber e se encolheu de ombros.

— Vê? Ela é perfeitamente capaz de dirigir a traição. Preocupaste muito.

— Ele não me traiu — Roni ficou sem fôlego, voltando-se contra ele agora.—

Qual é seu maldito problema?

Kane se encolheu de ombros.

— Ele é um saco mal-humorado de genética inadaptada que te mentiu. Merece algo melhor que isso.

— Ele não mentiu. — respondeu ela rapidamente.

Taber grunhia como a pantera raivosa que era. Ao Kane adorava a situação e a desfrutava. As mãos do outro homem estavam eficazmente atadas enquanto agradar a sua companheira importasse mais que sua fúria.

— Ele não mentiu?—Kane franziu o cenho. — Então... por que está tão zangada?

— Porque ele não me disse isso, imbecil— seu grunhido rivalizou com os do Taber.

Kane lançou a Taber um olhar desaprovador.

— Deveria se envergonhar! — ele se voltou para Roni. — Está fiando muito fino. O engano é engano. Conheço um bom advogado de divórcio. Poderia obter o seu número para você.

A boca dela se abriu e se fechou com um estalo logo grunhiu enquanto deixava ao descoberto seus dentes, coisa que o colocou um tanto nervoso. Taber deveria tomar lições dela.

— Acredita que não me dou conta do que está fazendo, caipira? — perguntou-lhe furiosamente. — Se o que quer é brigar com Taber, se estiver tão ansioso, aqui o tem. Briga você só com ele. Estou segura que ele me trará sua pele antes que o dia termine, e sei porque é um completo estúpido. Não quero me divorciar dele, tudo o que quis fazer foi gritar com ele por ser tão condenadamente arrogante, e justamente você teve a maldita idéia de arruiná-lo todo.

Ela saiu do quarto, manifestando sua irritação ruidosamente, enquanto seu marido lhe cravava os olhos sem poder acreditá-la, para logo voltar-se para o Kane.

— Não posso acreditar que ela me esteja dando permissão para chutar seu traseiro arrogante — ele meneou a cabeça, cansado. — Tenho a sensação de que tenho que te agradecer, mas ainda não sei muito bem porquê.

Kane riu gostosamente.

— Caramba, se ela estivesse realmente zangada, então teria disparado. Vê com ela, leva-a a ver seu papai, logo acaricia-a quando chorar por isso e estará bem. Os hormônios da gravidez são uma porcaria — ele sorriu abertamente. — Merinus está fazendo Calam ficar louco por causa deles.

Kane se dirigiu para a porta da frente quando uma mão em seu ombro o deteve. Ele se virou para trás, olhando, enquanto Taber trocava de posição, inquieto.

— Eu não gosto de ver a Sherra sofrendo — disse Taber finalmente um pouco frustrado. — E sem dúvida alguma eu não gosto nada dos pequenos insultos que faz tão facilmente, mas te agradeço. Tive medo de que ela estivesse preparada para ir-se de meu lado para sempre.

— Não há problema, gatinho. Simplesmente não comece a ronronar de amor por mim ou vou ter que correr. — Ele encolheu seus ombros, ante a repentina mudança de humor do Taber.

Taber riu burlonamente enquanto sacudia a cabeça para ouvir a resposta do Kane.

— Calam tem razão — ele disse, — realmente não pode se conter. Sabe que eventualmente alguém te matará por esses insultos, não?

— Sim, sim—bufou Kane. — E espero que o celebre no profundo do inferno. Agora, se você não tiver nada que fazer, eu sim. Até mais tarde, máquina de ronronar.

— Tem problemas agora, irmãzinha — Sherra se sobressaltou para ouvir como a voz do Taber subia, ecoando nas escadas depois da partida do Kane. — Tenho que admitir, gosta dele.

Ela mesma tinha visto a confrontação, assombrada pela maneira em que, facilmente, Kane tinha conseguido acabar com a cólera de Roni. Mas também tinha visto outras coisas, tinha percebido como lhe tinham retesado os ombros, o brilho de preocupação em sua expressão quando seu perfil se voltou para onde estava ela. Lhe importava o que estava passando.

Ela sacudiu a cabeça, precavendo-se quanto Kane se interessava por todos eles. Não era a primeira vez que ele se fazia alvo da cólera de alguém em vez de deixar que a situação explodisse entre os outros. Seus ombros eram largos e firmes, mas ela se perguntava quanto tempo mais ele poderia carregar os problemas dos outros, esses dos que tão frequentemente carregava.

— Sim, dou-me conta disso — Sherra seguiu descendo as escadas, vestindo sua jaqueta negra e ajustando a alça do comunicador em sua orelha, enquanto se dirigia para a porta do frente. — Soube há muito tempo já, Taber.

Ela tinha tido problemas do primeiro dia em que ele tinha aparecido nos malditos laboratórios e entrado, irremediavelmente, em sua vida.

Taber sacudiu a cabeça enquanto ela se aproximava, seus olhos mais escuros que os dela e muito perceptivos. Ele inspirou profundamente, o cenho franzido.

— Não foste a ver o Doc ainda? — perguntou-lhe.

Sherra negou com a cabeça.

— Ainda não. Chamei esta manhã e lhe disse que iria mas tarde, há algum problema?

Taber negou com a cabeça, sua frente enrugada em um cenho franzido.

— Não estou seguro, mas por favor não perca o turno. De algum jeito seu aroma se alterou, embora simplesmente não posso perceber como.

Sherra encolheu os ombros. Ela tinha feito isso antes e nunca tinha passado nada, entretanto normalmente era Dawn que a advertia das pequenas diferenças em seu aroma e não um de seus irmãos.

— Farei-o esta tarde. Melhor ir atás de Roni e veja qual é seu estado de ânimo, se vai voltar com ela ou não. Direi ao Tanner e Dawn que os esperem dois, mais tarde, na cabana do Lawrence. Não poderá mantê-la longe dali por muito mais tempo.

— Sim, já imaginava isso — ele grunhiu irritado. — vou cortar cabeças por permitir que informações vazasse. Quero que ela me deixe saber como diabos se inteirou.

Sherra sorriu, mostrando abertamente sua diversão. Era gracioso. Até o ano passado, Taber sempre tinha sido um dos mais calmos da família. Igual ao tinha acontecido a Calam, a responsabilidade de cuidar das mulheres que tinham reclamado e aos futuros bebe que nascessem delas estava provando a resistência de seus nervos ao máximo.

— Então, desejo-te boa sorte.

Ela fez uma pausa antes de abrir a porta do frente e sair à límpida e fresca brisa matutina daquele dia de outono. As folhas espalhadas mostravam inumeráveis tonalidades de marrons, vermelhos e verdes, como se se preparassem para a letargia vindoura. As cores eram deslumbrantes para os olhos e, não pela primeira vez, a encheram.

Hoje se sentia mais viva do que tinha estado alguma vez. Podia sentir uma nova forma de energia invadindo-a, lhe enchendo o corpo, apesar de ter acontecido a noite e o alvorecer gemendo sob o impulso do corpo do Kane, dando-se conta de quanto o desejava ainda. Quanto precisava dele ainda.

Não era a dor apaixonada que despertava o cio, tampouco a necessidade faminta da noite anterior, era um sutil vestígio, um eco, uma pulsação que vibrava através de seu corpo e que a fez recordar a noite passada com um pequeno tremor de desejo.

Um bip pequeno em seu ouvido lhe advertiu de que alguém demandava a via de entrada para seu canal pessoal. Ela alcançou e levantou o interruptor que bloquearia todo mundo, menos à pessoa que lhe estava demandando uma conversação à parte.

— Olá, formosa — a voz suave do Kane lhe encheu a cabeça, deleitada, podia ouvir sua voz sensual, carregada das memórias da noite que tinham compartilhado.

Sherra sorriu, sacudindo a cabeça ao escutar o tom de suas palavras.

— Supõe-se que deve estar trabalhando, *semental* — lhe disse, quase rindo ao saber que essa simples palavra poderia lhe acender o desejo.

— Oh, é valente... — riu gostosamente. — Poderia ter que te castigar.

— Mmm — sorriu enquanto se movia pelo recinto, seus passos ligeiros invadidos com uma energia que não sabia podia ter.

— Sonha com isso. Entretanto, possivelmente eu deva te castigar a próxima vez. Penso que você gostaria disso, Kane.

— Provavelmente eu adoraria — ela podia ouvir a resignação pesarosa em sua voz. — Carinho, se for sua mão a que administra o castigo, então estou seguro de que não poderia evitar o desfrutá-lo. O que tem que fazer hoje?

— Patrulhar todo terreno — lhe disse enquanto chegava ao pequeno estacionamento e ao Jipe estacionado ali. — Estarei no setor oeste, ajudando com o registro das cavernas e na busca dos túneis através da montanha. Não necessitamos mais visitas de cortesia de assassinos carrega-mísseis.

Kane bufou com isso.

— Te encontrarei em umas horas e escapuliremos a alguma parte para o almoço — ele sugeriu. — Eu levo o prato principal e você pode levar a sobremesa — sua voz se fez grave e sedutora ao encher-se de uma clara promessa sexual.

Sherra fez uma pausa ao lado do Jipe, ficando com o olhar fixo no limpo céu matutino, um sorriso aflorava em seus lábios como se Kane enchesse uma parte dela que não sabia que existia. Podia sentir uma cálida ternura florescendo em seu coração e um calor intenso em sua vagina. Ela o desejava agora, não mais tarde.

Balançou a cabeça para espantar esse pensamento e subiu ao Jipe.

— Deve me encontrar primeiro — lhe disse enquanto ligava o motor e conduzia para trás pelo estacionamento. — Possivelmente tenhamos que deixar o prato principal e nos dedicar à sobremesa se é que há muito trabalho hoje.

— Será bom igualmente — ela poderia ouvir a antecipação, o sorriso que invadia sua voz. — Tome cuidado, meu gatinho. Até mais tarde.

— Logo — murmurou em resposta enquanto a conexão se interrompia e o aparelho receptor retornava, automaticamente, ao canal primário.

Dirigiu o Jipe para a parte traseira da propriedade e para o portão que franqueava a entrada nessa zona. O dia estava mais claro e brilhante que nunca.

Capítulo 17

— Que coisa, Sherra! Você disse que manteve a sua gente fora destas malditas cavernas. — Kane estava furioso enquanto a confrontava na caverna principal do sistema de cavernas que tinham encontrado essa manhã. Era igual à caverna que o assassino tinha usado para descer pela montanha, esta também tinha um extenso sistema, como um labirinto de túneis que ocupava todo o interior da montanha.

— E eu te disse que ficasse tranquilo — grunhiu ela enquanto ele rodeava a curva detrás dela, o perfume de sua excitação e sua irritação quase fazendo-a cambalear-se enquanto se movia a seu redor, lhe recordando o desejo que a atormentava também.

— Resposta equivocada — ladrou ele furiosamente enquanto ficava a seu lado e agarrava seu quadril para deter seu avanço em um dos estreitos túneis. — Está demente? Tem alguma idéia da armadilha que pode ser uma destas cavernas?

Ela franziu o cenho, olhando fixamente sua face furiosa através da incandescência da lanterna que estava dirigida ao chão.

— Oh, não sei, Kane — respondeu ela com doçura falsa. — Pensa que os dois explosivos que desmantelamos faz uma hora poderiam ter me feito entrar neste pequeno problema?

Até agora, os dois túneis principais que tinham encontrado, estavam com explosivo o suficiente para fazer cair a montanha toda. Estavam muito bem escondidos e quase indetectáveis. Felizmente, Sherra, assim como também vários dos outros das Espécies, tinha sido treinados para detectar explosivos que algum Felino pudesse perder. Não era tanto detectar o aroma do explosivo mesmo como detectar a variação de aromas na área em si.

Quando algo novo era introduzido em uma área, até se seu perfume não era detectado por seus sensíveis narizes, as diferenças nos aromas ao redor deles trocavam. Assim foi como tinham sido encontrados os dois explosivos até agora. Tinha tentado camuflar o aroma dos ingredientes de alta tecnologia do composto, o que provava que tinham sido postos contra os Felinos. Se tinham sido postos antes ou depois que o Conselho tinha saído, era pura adivinhação até o momento.

— Sherra, maldição, sai daqui — ele a deteve outra vez quando ela começou a seguir o sujo caminho que conduzia através da pedra. — Traremos uma equipe de explosivos até aqui...

— Que diabos pensa que sou? — perguntou ela sem acreditar. — Tem lido meu currículo, conhece meu treinamento. Estou mais que capacitada para estar aqui.

— Sei sim, que é a pessoa mais teimosa e intratável, diabos, isso é o que é.

Ele a agarrou outra vez, empurrando-a contra a parede de pedra enquanto se erguia ameaçadoramente sobre ela. — Dei uma ordem direta, Sherra. Vamos deixar a área.

Ela levantou lentamente o olhar para ele.

— Deve estar me confundindo com alguém que realmente gosta de obedecer suas ordens, Kane — disse suavemente. — Eu não o faço e não me importo.

— Não se importa? Diabos, já sei que você não segue minhas malditas ordens — ele estava mostrando literalmente seus dentes agora enquanto se aproximava rapidamente dela antes que pudesse defender-se, lhe sujeitando as mãos contra a parede enquanto a lanterna caía ao chão, sua frágil luz suficiente para ver a luxúria e a fúria acendendo-se em seu olhar.

— Não me empurre, Kane — ela olhou para ele implacavelmente. — Não serei intimidada por você. Nem agora, nem nunca. Não sou nenhuma indefesa mulherzinha para me inclinar de modo respeitoso e me prostrar a seus pés por qualquer ordem que me dê.

— Quem é o responsável pela segurança aqui, coisinha doce? — disse enquanto lhe dirigia um torto sorriso. — Pelo que eu saiba não é você...

Ela inspirou ante isso.

— Só porque você tem bolas e eu não — grunhiu ela. — Por alguma razão, Calam deve pensar que o tamanho de seu pênis indica a capacidade de seu cérebro. Possivelmente eu deveria advertir que não é assim.

Para ser sincera, Kane era o melhor para esse trabalho e ela sabia. Mas isso não significava que ela não tivesse sua própria força. Força que ela não permitiria que

ele tirasse dela. Ela ficou olhando zangada, desafiando-o a ir mais longe em suas exigências masculinas superiores.

— Possivelmente devesse — disse ele arrastando as palavras.—Mas primeiro vejamos se o tamanho de meu pênis pode inculcar algum sentido em seu teimoso traseiro.

Ela teve tempo de abrir a boca com toda a intenção de mandá-lo ao inferno com cada insulto que ela pudesse tirar de seu cérebro reaquecido, quando seus lábios cobriram os dela. Houve um segundo de atordoada surpresa, esse momento quando ela se perguntou por que demônios se opunha a ele, porque sentir seus lábios nos seu era o paraíso.

Essa foi a resposta para cada célula dolorida, faminta em seu corpo. Seus braços cruzaram seus ombros, seus dedos se afundaram no suave músculo sob sua camisa enquanto ela escorregava sua língua sobre a dele, seguindo-a enquanto a retirava de volta a sua boca até que seus lábios puderam fechar-se sobre os dela, chupando sua língua, tirando a doce essência do excitante hormônio das glândulas ali e consumindo-se ele mesmo.

Ambos gemeram, o som preso pela boca do outro enquanto se comiam um ao outro; lábios e línguas enredadas, pressionando juntas enquanto a carnalidade do ato era enlouquecedor.

Sherra podia sentir seu sexo gotejando, umedecendo suas calcinhas, fazendo-a mover-se contra a dura coxa que se deslizou entre as suas, pressionando contra seu sexo e fazendo-a arder.

— Primeiro a sobremesa — grunhiu Kane enquanto separava seus lábios dos dela, suas mãos movendo-se a suas calças, soltando o fecho rapidamente.—Solta essas calças, Sherra, não posso esperar mais tempo.

Febril, em chamas, a sexualidade que subia vertiginosamente entre eles era muito quente, muito intensa para negá-la agora. As mãos da Sherra se moveram ao fecho de suas próprias calças quando ela viu seu membro livre. Kane tomou em sua mão, os dedos movendo-se sobre ele enquanto a olhava estreitando seus olhos.

Os dedos dela estavam tremendo, sua respiração raspando sua garganta enquanto empurrava a cintura das calças sobre seus quadris, a curva de seu traseiro.

— Não posso esperar, Sherra — murmurou ele com a voz rasgada enquanto se voltava para ela. — Se incline. Coloque seus mãos contra a parede.

Ele a situou como a desejava, inclinada, escorada contra a pedra, enquanto ele separava suas coxas até onde suas calças o permitiam.

— Kane — choramingou ela avidamente enquanto o sentia inclinar-se, a ponta de sua ereção deslizando-se contra a carne escorregadia de seu super-sensível sexo.

— Deliciosa, neném, está tão quente — murmurou ele, uma mão agarrando seu quadril, obrigando-a a ficar nas pontas dos pés para ficar na altura necessária para alojar a brilhante cabeça na entrada de sua vagina. — Aí, Sherra — gemeu ele.—Diabos sim, neném. Justo aí.

Sherra teve que morder os lábios para não gritar quando ele começou a afundar-se dentro dela. Lentas rotações de seus quadris introduziram a dura carne dentro do seu apertado canal, enquanto ela lutava por respirar através do prazer movendo-se a grande velocidade dentro dela.

— Tratando de não gritar, neném? — perguntou ele, ambas as mãos em seus quadris enquanto empurrava sua dura carne dentro dela.

Sherra não podia acreditar no erotismo do ato. Inclinação para diante, suas calças em seus tornozelos enquanto Kane a penetrava por trás, seu sexo empurrando dentro dela com golpes rítmicos, poderosos.

— É cruel — gemeu ela, descansando sua cabeça sobre seu braço enquanto empurrava seu sexo para facilitar a penetração. — Não me provoque, Kane.

— Oh, carinho, isto não é provocar — lhe assegurou ele amavelmente. — Agora isto, querida, isto é provocar.

Ela gemeu impotentemente enquanto os golpes se faziam mais lentos mas não menos devastadores. O suor começou a umedecer seu corpo enquanto a eletricidade crepitava por seus terminais nervosos. Ela ofegou, choramingou suplicando, todo em vão enquanto Kane murmurava - Que quente. Que doce. Ou que apertada... Ela saboreou seu sangue enquanto mordida o lábio, começava a desejar ardentemente os profundos, controlados impulsos que ela sabia que ele podia lhe dar. Ela o desejava mergulhado dentro dela, levando-a aos quase violentos orgasmos que a sobressaltavam quando ele fazia isso. Em lugar disso, eram lentos, medidos impulsos. Profundas, gentis penetrações, que estiravam os ajustados músculos e a faziam apertá-lo com um grito de desejo, pulsando ao redor de seu membro enquanto ele a penetrava, seus lábios pousados em seu pescoço.

— Kane, não posso suportar mais — gemeu ela enquanto ele retirava, voltava, fazia uma pausa e retirava outra vez só para renovar o ciclo.

— Tem que suportar — ofegou ele. — Está me matando, Sherra. Você me está matando com o prazer e não posso suportar pensar em deixar você ir. Quero ficar pra sempre dentro de você...

Ele estava bombeando dentro dela, suaves, fortes impulsos que eram muito lentos, malditamente provocadores e só faziam sua necessidade aumentar. Ela estava fazendo esforços para respirar, seus quadris contorcendo-se enquanto ele a retinha, seu sexo apertando com força convulsivamente ao redor do eixo, duro como o aço, que a estava deixando louca.

— Se não me fizer gosar, juro que te castrarei mais tarde — gemeu ela enquanto os quadris do Kane se retorciam, sua mão elevando-a enquanto ele se afundava mais profundo dentro das ardentes profundidades de sua vagina. — Falo sério, Kane — gritou ela. — Não posso esperar mais. Preciso-o mais duro.

— Ahh, carinho, tudo o que tinha que fazer era pedir — gemeu ele, sua voz tensa agora, enquanto aumentava o ritmo. Sherra sentiu sua respiração retida em seu peito enquanto seus olhos se fechavam indefesos. Todos seus sentidos estavam centrados entre suas coxas. A percepção de seu pênis penetrando-a com duros, golpes, esfregando-se nela, estirando-os, fazendo-a arder enquanto ele começava, finalmente, a leva-la no limite. Seus gemidos misturados nos limites escuros do túnel, murmúrios ofegantes, grunhidos famintos de fêmea Felina mesclando-se em uma sinfonia de fome. Sherra se apertou a ele, apertando-o dentro dela, mais profundo, mais duro, sentindo a suave extensão da cabeça de seu pênis empurrando contra seu útero enquanto um nó de tensão começava a construir-se dentro de seu ventre. Ela estava estremecendo-se, suas pernas tremendo, seus músculos endurecendo-se

enquanto Kane aumentava seu ritmo uma vez mais. O som de carne úmida atingindo ao unísono, a sucção de sua vagina sobre seu membro, tudo combinava com os gemidos e enchia sua cabeça. Seus dedos arranharam a pedra; suas costas se arquearam enquanto ela empurrava a si mesma contra a cunha de carne que a dividia, pistoneando dentro dela agora com golpes duros, poderosos. Um grito baixo se formou em sua garganta, logo aumentou em volume enquanto a conflagração de prazer explodia em sua matriz e se lançava através de seu corpo. Kane estava só a uns poucos golpes detrás dela. Seus dentes raspavam seu pescoço enquanto se afundava profundo, logo ele a mordeu, ele realmente a mordeu, fazendo-a gritar enquanto outra onda de violenta reação a alcançava, estremecendo todo seu corpo, inclinando suas costas enquanto sentia Kane pulsar, seu sêmen, quente e rico, derramando-se dentro dela.

— Vamos nos matar se seguirmos assim — ele estava respirando esadamente vários minutos depois enquanto a estabilizava antes de fracamente ajustar-se suas calças para depois ajudá-la com as suas.

Suas mãos estavam tremendo, seu corpo ainda percorrido por ocasionais estremecimentos de prazer enquanto o eco de seu orgasmo seguia percorrendo o corpo dela.

— Se, bem, eu tratei de te advertir — tratou de injetar uma pequena medida de mordacidade em seu tom, mas foi impossível com a frouxidão rodando sobre ela. Demônios, poderia dormir agora se houvesse uma cama por perto.

Respirou profundamente e logo se acalmou. Sentiu seu coração repentinamente acelerado em seu peito, o medo explodindo na boca de seu estômago.

— O que é isso? — Kane se levantou recolhendo a lanterna.

Ela se voltou, aspirando os cheiros vindos do fundo do túnel.

— Merda — murmurou ela. — Vamos. Rápido. De algum modo detonamos um explosivo.

Estava perto, mas ela não sabia quão perto. Ela podia cheirar a maldita coisa esquentando-se, dispondo-se a explodir, e sabia que não havia como encontrá-la. A força dos explosivos podia fazer voar o resto do túnel. Com ela e Kane dentro. Eles correram.

Capítulo 18

A força da explosão jogou Sherra e Kane através da abertura da caverna principal; a sensação de repentina força de gravidade, de voar, era quase apavorante enquanto via as enormes rochas que rodeavam a área surgindo ameaçadoramente debaixo dela. Encolheu seu corpo enquanto tocava terra, rodou e caiu sobre seus pés enquanto lutava por recuperar o fôlego. Kane estava sobre seus joelhos, respirando com grande dificuldade devido ao pó a seu redor de uma vez que lutava por alcançar seus aparelhos e clarear sua cabeça.

— Jonas — gritou ela furiosamente enquanto as Espécies Felinas se reuniam ao redor deles. — Faz uma recontagem das pessoas. Preciso saber quantos somos. —

Havia outros na caverna principal, assim como também vários mais nos túneis menores.

— Todos numerados, Sherra — Jonas gritou para trás. — Pedi urgente que avisem a um médico e a Calam. Está bem?

— Temos feridos? — estreitou seus olhos, vendo vários membros das Espécies sentados sobre a terra enquanto outros as olhavam.

Ele se levantou de um salto detrás examinar ao Kane.

— Temos escombros fechando a entrada da mina, temos lesões menores, alguns ossos quebrados. Que diabos provocou essa explosão?

— Inferno — ela respirava baforadas profundas de oxigênio enquanto Kane ficava rapidamente em pé. — Deve ter estado conectado pelo som. Não havia o menor rasto, nenhum sinal do explosivo. Começo a me perguntar se acaso o sistema inteiro não for uma grande tumba ali dentro.

Kane bufou sarcasticamente, embora ela lutou por lhe ignorar.

— Calam está chegando — gritou Jonas. — Estejam preparados para levar os feridos. Sherra, vamos ou ficamos?

— Você vai de vez! — Kane se voltou contra o membro da Espécie Leoa furiosamente. — Recolhe, seu merda e volta para complexo. Agora!

Jonas piscou para ele com uma expressão vazia em seu rosto.

— Sim, senhor — finalmente assentiu com a cabeça antes de lhe voltar as costas. — Vamos, meninos e garotas, estamos sendo enviados para casa.

Kane estava grunhindo. Sherra inclinou sua cabeça, olhando-o curiosamente quando chutou uma pedra, resmungou algo e lançou a ela outro olhar perigoso.

Ela sorriu brilhantemente.

— A adrenalina não é uma boa coisa? Quer jogar fora?

Ele franziu o cenho, arqueou seu lábio em uma violenta careta de fúria e caminhou com força para onde Calam tinha estacionado sua caminhonete, seguido de vários Jipes.

Enquanto ela observava, Jonas avançou às escondidas para ela.

— Podem os humanos ser infectados e converter-se em Espécies? — ele perguntou curiosamente. — Juro, acredito que grunhe melhor que eu.

Ela reprimiu a risada, lhe dando uma cotovelada no homem que ria dissimuladamente e se apressou a ir calar. Só Deus sabia que coisa estava dizendo Kane sobre ela.

Capítulo 19

Kane podia sentir sua carne sensibilizada de uma forma que ele nunca tinha esperado. Ele não podia entendê-lo, não podia explicá-lo. Caminhava fora do dormitório da Sherra depois de sua volta ao acampamento, passando uma mão por seu cabelo enquanto lutava contra o louco impulso de entrar violentamente em sua ducha e tomá-la onde estava. Ele precisava ter seu sexo enterrado em seu calor, e precisava agora. Sacudiu a cabeça; até depois desse primeiro beijo não tinha sido como isto. Estava se consumindo, uma compulsão urgente, um desejo diferente de tudo o que

ele já tenha tido até este momento. Ele tratava de justificar a sensação pelo fato de que eles quase tinham morrido nessas malditas cavernas, naquela manhã, mas não havia nenhuma lógica nisso. Não havia nenhum modo de explicar a onda repentina de luxúria que ardia, mais forte que tudo o que sentira até então. Deus os ajudasse, se ela tinha alguma intenção de negar-se o porque ele não acreditava poder deixá-la. Ele soube que não podia negar a fome por ela. Podia saborear em sua língua, podia desejar ardentemente a sensação dela contra sua carne. Ele encolheu seus largos ombros; a carícia do ar gelado sobre sua carne o fez sobressaltar-se pela sensação. Maldita seja, um homem não deveria ser tão sensível.

A ducha se fechou e ele se retesou, preparado. Podia imaginar, sua carne toda escorregadia e molhada, cremosa e rosada e mais tentadora que algo que ele conhecesse. Ele ainda recordava a sensação dela na caverna. Seu beijo tinha sido mais delicado, o sabor do hormônio enchendo seus sentidos enquanto brigava por manter de alguma forma a prudência. Seu pênis ainda estava duro quando saiu dela. Até depois de derramar-se dentro dela com uma violência da que não tinha sabido que um homem fosse capaz, ele ainda necessitava mais dela. Afastou-se da porta do banheiro, caminhando prá lá e prá cá, tratando de encontrar um sentido para suas emoções e às estranhas sensações que o atravessavam. A desejava tanto... Coisas que nunca tinha pensado antes, nunca considerado.

Demônios, amava-a. Essa era a única coisa que tinha sido sempre uma constante em sua vida, mas estava começando a sentir como se o calor do acasalamento e o sexo fora tudo o que os unisse. E esse era o ponto crucial do assunto. Sobressaltou-se ante a constatação. Tinha vivido para vingá-la todos estes anos, tinha brigado para encontrar justiça para a mulher que pensava que tinha perdido, só para sentir seu mundo iluminar-se outra vez quando a encontrou. Ele não tinha permitido que sua confiança fosse quebrada por sua cólera ou seu fingido ódio. Não tinha deixado que seu ressentimento o convencesse. Lhe pertencia, com toda a alma.

— Demônios — sentou-se na cadeira e apoiou seus cotovelos nos joelhos enquanto cobria a face com as mãos. Por que não o tinha advertido antes? por que não tinha visto o que estava ocorrendo?

— Adverti-te que havia pouca satisfação em tomar, Kane — Sherra estava na porta, uma toalha cobrindo seu ágil corpo, seu longo cabelo úmido emoldurando sua face taciturna.

Ele fez uma careta por suas palavras, erguendo e girando rapidamente sua cabeça enquanto a olhava e, pela primeira vez, ele a viu. Seus ombros estavam apertados defensivamente, seus olhos cautelosos, sempre vigilantes.

— O calor está diminuindo para você?—perguntou-lhe.

Ela encolheu os ombros negligentemente.

— Está em suas últimas fases.

— Viu o doutor?—ele sabia que não o tinha feito.

— Ainda não. Irei pela manhã — lhe assegurou, uma frágil confusão notando-se em sua expressão.

— Tinha dito a Taber que iria esta noite — lhe recordou. — Vou te acompanhar à consulta pela manhã.

Ele ficou em pé, repentinamente cansado. Apesar da excitação que o estava deixando louco e a fome que carcomia sua alma, sentiu-se velho. Sacudindo a cabeça, dirigiu-se à porta e a abriu lentamente.

— Kane? — ele fez uma pausa, mantendo-se de costas pra ela, sabendo que se a olhasse iria para ela, a tocaria, a tomaria. E uma vez mais a verdade o comeria vivo.

— Sim, neném? — ele manteve sua voz suave, esperando que escondesse sua pena.

— Não vais ficar aqui comigo? — perguntou ela, seu tom igualmente suave, embora confuso.

Ele fez uma profunda, forte inspiração.

— Não esta noite, Sherra. Se precisar de mim, sabe onde me encontrar.

O silêncio atrás dele foi mais forte do que um raio poderia ter sido. Ele atingiu ligeiramente seu punho contra o marco da porta enquanto se chutava mentalmente. Demônios, ele tinha feito confusão sobre isto desde a primeira vez.

— Boa noite, Sherra — deixou seu dormitório, ignorando sua excitação, a dor partindo seu peito, e se deu conta que possivelmente o amor que tinha visto nela tanto tempo atrás verdadeiramente tinha morrido.

Sherra cravou os olhos na porta perplexa. Que diabos tinha ocorrido? Havia ele levado um golpe na cabeça durante a explosão? E que diabos quis dizer com que ela sabia onde encontrá-lo? Desde quando esperava ele que ela fosse atrás dele? Ele tinha estado grudado nela desde que a encontrou na Sandy Hook, nunca afrouxando e malditamente seguro, nunca se rendendo. Ela colocou suas mãos em seus quadris, mais confundida agora do que alguma vez tivesse estado. Tinha cheirado sua excitação, mais quente, mais urgente que nunca. E ele simplesmente partiu, afastando-se. Tirou a toalha de seu corpo e atirou no banheiro antes de cobrir-se com um caftán longo e sair de seu quarto tranqüilamente. Desceu suavemente as escadas, guiada pelas vozes de Calam e Merinus na cozinha e a necessidade de conselho. Conselho não era algo que habitualmente procurasse. Tinha tratado, durante anos, de carregar Calam o menos possível com seus problemas, sabendo que o amparo da Manada era o mais importante.

— Olá, Sherra, pensei que te tinha retirado por esta noite — Merinus sorriu enquanto sorvia um copo de leite frio.

Sherra a olhou com um frágil sorriso.—Vejo que encontrou os aerados que Kane passou às escondidas a Cassie.

Merinus lançou um sorriso conspirador. — Soube que o faria. Kane guardou bolachas pra mim toda minha vida.

Sherra franziu o cenho enquanto olhava a Calam. — por que não compra você suas bolachas? Não é exatamente pobre, sabe.

Calam sorriu abertamente enquanto se recostava sobre sua cadeira, seus dedos brincando com o cabelo de sua esposa enquanto olhava a sua irmã. — Agrada-lhe dar e lhe permite reter um sentimento de possessividade. Por que o tiraria? Kane a protegeu toda sua vida, cuidou dela, até agora. Não tenho problemas com as bolachas — Calam se encolheu de ombros descuidadamente.

Sherra olhou a seu irmão de forma estranha. — Mas ela é sua esposa — falou ela. — Sua responsabilidade.

Os olhos de Calam se estreitaram pensativamente por um momento. Ele era seu amado irmão maior, mas ela pôde ver por que Merinus tinha sido incapaz de resistir uma vez que ela viu sua foto. Era excepcionalmente atraente em grande forma. Maços do rosto altos, face estreita, selvagem. Lábios sensuais. Tinha o molde de um leão em sua face, mas não lhe tirava mérito a seu aspecto em nada. — É — assentiu. — Mas Kane foi uma parte de sua vida. E por mais tempo. Por que deveria me resentir ou interferir na relação que ele apreciava tanto?

Merinus não havia dito nada. Ela inundou seu aerado plácida no copo de leite e olhou a Sherra com olhos que eram muito conhecedores.

Sherra se encolheu de ombros. — Foi só por curiosidade.

— Você nunca é só curiosa, Sherra — refletiu ele. — Qual é o problema? Você está ainda em cio, mas está aqui me fazendo perguntas em vez de passar seu tempo unida a seu companheiro.

Ela ficou quieta, piscando confundida. — É sexual...

Calam suspirou pesadamente. — Sherra — sacudiu a cabeça. — Não discutirei suas opiniões contigo, embora discorde totalmente. O cio não é só físico, já lhe adverti isso.

Tinha-o feito. Lhe tinha ensinado sobre vínculos emocionais, físicos e espirituais. Não tinha tido sentido então, e não o tinha agora.

Ela curvou seu ombro enquanto caminhava para as portas que se dirigiam à protegida gruta exterior.

— Onde está Kane? — perguntou Merinus casualmente, embora Sherra podia ouvir o indício de cólera esquentando sua voz.

Ela se encolheu de ombros.

— Em seu quarto, acredito.

— E você está aqui, por que? — perguntou Merinus. — O que aconteceu?

Ela se voltou para eles, franzindo o cenho confundida.

— Não sei. Saí do banheiro e ele parecia... melancólico... quase triste, como se o peso em seus ombros fosse muito pesado de suportar. Assumi que o cio era a causa e lhe recordei que lhe tinha advertido das conseqüências — ela olhou a seu irmão. — Ele simplesmente partiu, Calam. Não posso entender por que ele simplesmente partiu.

Calam fez uma careta.

— Kane é diferente, Sherra. Você não o pode tratar como se fosse eu, ou um dos outros. De muitas formas, sua vida foi muito dura, suas cicatrizes internas são tão profundas como as exteriores. Possivelmente deveria lhe perguntar.

— Ele não contaria a ela — disse Merinus nesse momento, reclinando-se em sua cadeira e colocando suas mãos sobre seu abdômen distendido.

Sherra lhe franziu o cenho.

— Por que não?

— Porque você deveria saber. Você o conhece melhor do que pensa, Sherra. Só está tratando de negar isso. — Merinus se encolheu de ombros enquanto suas mãos acariciavam o vestido maternal azul claro de algodão que usava. — Além disso, se ele pensasse que não sabia qual era o problema, não teria se recusado a lhe dizer isso

— Supõe-se que tenho que ler sua mente agora? — grunhiu Sherra. — O homem é o varão mais exasperante e confuso que alguma vez encontrei em minha vida, Merinus. Como supõe que devo saber o que há em seu cérebro?

Ele ia acabar ficando louca.

— Não é pelo cérebro de Kane que deveria estar preocupada — lhe assegurou Merinus. — Pela forma que diz que ele estava agindo, você o magoou, Sherra. Por algum motivo, o magoou profundamente.

A emoção brilhou intensamente nos olhos da outra mulher, um brilho de lágrimas que fez com que o coração da Sherra se apertasse. Em todas suas conversações a respeito do Kane, Merinus nunca derramou lágrimas, por que o fazia agora?

— Como magoá-lo? — ela abriu suas mãos, confundida. — Não fiz nada, Merinus.

O olhar do Merinus foi duro, frio.

— Evidentemente tem feito algo. Derrotou Kane. E até agora, poderia ter jurado que ninguém poderia — com a ajuda de seu companheiro ela se levantou, seu olhar fixo em Sherra. — Se perder meu irmão é porque é muito teimosa para admitir a verdade que está diante de você. Nunca te perdoarei. Recorda isso, cunhada.

Ela se inclinou e beijou a Calam ligeiramente.

— Vem logo para a cama. É estranho quando você estranho não está nela.

Ele tocou sua face. Foi um gesto curiosamente terno, as pontas de seus dedos sobre sua bochecha como se ele desfrutasse do toque de sua pele.

— Amo você, neném — murmurou ele.

— E eu a você — os dedos do Merinus passaram carinhosamente sobre seu ombro enquanto se afastava gingando e se dirigia para o elevador no vestíbulo fora da cozinha.

— Parece confusa, Sherra — grunhiu Calam enquanto se levantava da mesa, recolhendo o prato e o copo do Merinus e levando-lhe para a pia.

Sherra deu uma encolhida de ombros. Kane freqüentemente estendia a mão para tocá-la como Merinus fazia com Calam. Uma suave, gentil carícia. Uma afirmação que ele estava realmente com ela. Seu olhar se enchia de admiração enquanto as pontas de seus dedos alcançavam sua bochecha. Ela se sobressaltou pela lembrança como se sobressaltou quando ele a tocou assim. Não porque ela não quisesse que o fizesse, mas porque cada vez que ele o fazia, algo se suavizava em seu interior. Algo que a fazia mais faminta, que fazia com que precisasse dele mais.

— Como sabe que é amor e não somente química? — murmurou ela enquanto esfregava os braços, olhando seu irmão enquanto enxaguava o copo e o prato de sua esposa e os metia na máquina de lavar pratos. — Simplesmente poderia ser o calor, Calam — lhe disse desesperadamente. — O que ocorre quando se desvanece?

— O calor se vai, Sherra, você sabe disso — ele a repriminou. — Seu corpo está tratando de te dizer o que seu coração e sua mente já aceitaram. Só que é muito teimosa para escutá-lo.

Ela o olhou quase boquiaberta. — Como pode me dizer isso? Calam, isto não é obstinação — disse tratando de esconder a dor que suas palavras lhe causaram; é mais,

ela tratava de esconder-se da sensação de que suas palavras eram verdadeiras, que explodiu em seu peito.

Ele se apoiou contra a amurada. — Ele é um homem duro. Um chato. Mas é um bom homem, Sherra. E apesar de seus sarcasmos e suas brincadeiras, mostra às pessoas que considera sua, quanto lhe importam, na única forma em que sabe fazê. Dizendo a você mesma que não o ama não ajudará. Sei que o ama. Soube disso desde a primeira vez que os vi juntos. Talvez devesse aceitá-lo agora.

Capítulo 20

— Conservem os sensores fora das cavernas. Ativaremos para som e visão e esperemos que haja mais de uma advertência se outro desses bastardos mísseis rastreadores decidirem vir nos buscar — Kane estava curvado sobre as imagens do satélite da terra que as Espécies possuíam enquanto sua unidade esperava ao redor da mesa de reunião em seu quarto. — As imagens não mostram as cavernas que encontramos, mas se olhar com atenção, verá uma sombra em lugar disso — marcou duas das áreas onde se encontrava o quase imperceptível borrão sobre as páginas grossas. — Estas imagens foram muito cuidadosamente preparadas. Até agora, encontrei seis áreas que precisam ser comprovadas. Reúne mais três unidades pela manhã e começa a revisar as demais. Informarei a Calam e Taber a primeira hora da manhã.

— O que há a respeito das novas imagens? — perguntou Jackal suavemente, sua voz tranquila interrompendo os pensamentos de Kane. — O satélite militar que tirou, estas deveria ter capacidade para nos dar uma idéia de onde estavam as cavernas em ambos os lados, assim como também uma idéia de seus sistemas de túneis. O que ocorre se inutilizarmos mais imagens?

Jackal era tão calmo e frio como a mais profunda noite de inverno. Ele tinha sido o primeiro soldado que Kane tinha requisitado para sua equipe de peritos de resgate. Nunca se alterava ou irritava. Nunca levantava sua voz. Era assim de simples e rápido.

— O mesmo problema — Kane soltou o ar profundamente tentando manter seus pensamentos controlados.

Ele deveria estar descansando neste momento, pensou furioso. Em lugar de estar relaxando-se com uma cerveja e vestindo as suaves calças cinzas de treinamento que ele preferia para a noite, estava sofrendo em pesadas calças jeans e com uma excitação do demônio.

— Não tem que ser assim — o perito, Ice, falou nesse momento. — As Indústrias Lawrence tem seu satélite orbitando ao redor da Terra. Por que não colocamos o bastardo pra trabalhar, depois de todo os problemas que ele causou arrebatando nossa barreira tal como o fez? Se ele for realmente sério a respeito de querer ser uma parte da vida de sua irmã, então que consiga o que você precisa.

— Como podemos estar seguros de que é confiável? — Jackal atingiu suavemente as imagens que tinham com impaciência. — Parece como se o governo os tivesse ferrado.

— Porque um de nós estaria ali quando baixassem as imagens — Ice sorriu friamente. — Sei como operar e programar os satélites. Se Lawrence me autorizasse para isso, poderia obter tudo o que precisamos.

Kane semicerrou seus olhos olhando o soldado. Ice tinha sido treinado com alguns sistemas governamentais bastante adiantados antes de unir-se à sua equipe.

— Vou me encarregar disso — Kane inclinou a cabeça. — Isso poderia solucionar muitos de nossos problemas aí. Se ele estiver de acordo, então subirá na escala de pessoal de confiança. Se ele tratar de evitá-lo, então sobe na lista de suspeitos. Pessoalmente, penso que estará ansioso por ajudar.

Seth Lawrence pareceu sincero em suas ofertas de ajudar onde pudesse e assim proteger a sua irmã e a sua futura sobrinha ou sobrinho. Até agora, ele tinha aceito suas restrições no acampamento assim como também as excessivamente controladas reuniões que lhe estavam permitidas com sua irmã. Isto o irritava, Kane podia entendê-lo. Ter que questionar seus motivos tão intensamente não era algo que gostasse, mas entendia os motivos por trás disso.

Kane esfregou a nuca, desejando poder aliviar a tensão de seu corpo tão facilmente.

— Bem, um problema menos, quantos mais faltam? — perguntou impacientemente.

— Temos todo o resto coberto — lhe assegurou Jackal. — Um de nós trabalhará com uma unidade das Espécies um tempo, mas te falo uma coisa, estas Espécies são cabeças duras e ardilosas como um inferno. Não sei se teremos muito que lhes oferecer em informação ou experiência. Alguns desses meninos são seu pior pesadelo. E nem sequer mencionarei as mulheres. São o suficiente para fazer a um homem querer começar a executar membros do Conselho.

Kane sabia exatamente como se sentia. As fêmeas das Espécies eram freqüentemente as mais perigosas. Seus olhos estavam obscurecidos com pesadelos, seus sonhos enfeitiçados por elas. Algumas preferiam permanecer os dias sem dormir antes que enfrentar os demônios que as aguardavam.

— Precisamos um psicólogo aqui — grunhiu. — Calam se nega até agora, mas estou trabalhando nisso.

Ele entendia as objeções de Calam. Se por acaso o psicólogo fosse um simpatizante do Conselho podia fazer mais mal que bem. Mas alguns das Espécies estavam caminhando na fina linha entre a prudência e seus princípios morais.

— O menino de cidade e seus psicólogos — bufou Jackal. — Justamente o que precisamos, algum chupapaletas com calças estrambóticas a nosso redor dizendo a todos nós como precisamos nos colocar em comunicação com nossa criança interior — zombou. — Encontro esse pequeno bastardo interior e o mando a merda com o maior prazer.

— Está se divertindo, Jackal? — Ice ria dissimuladamente enquanto o ex-criança granjeiro de Kansas lhe lançava um olhar assassino.

Jackal lançou um desaforo.

— Ainda não. Quer se alistar como voluntário para meu saco de pancadas, Icy?

— Basta! — Kane não tinha tempo para estas rixas amistosas. — Parem com isso — lhes disse enquanto enrolava os papéis com as imagens e as entregava a

Jackal.—Mantenha em contato regular e em dia com seu progresso amanhã. Falarei com Lawrence pela manhã.

Os outros homens saíram em fila do quarto, finalmente deixando o Kane em bendita paz. A primeira coisa que fez foi despir-se. Se não conseguisse liberar seu membro das malditas calças jeans sabia que ficaria louco.

Nu, seu pênis inchado e pesado, ele desabou em uma cadeira e olhou ao redor com frustração. Ele poderia estar afundando sua torturada ereção dentro do quente abraço do canal da Sherra agora mesmo se não fosse tão malditamente teimoso. Apoiou sua cabeça no encosto da cadeira, seus dedos massageando seu sexo enquanto imaginava seu apertado líquido calor fluindo por seu eixo até suas bolas, fazendo retesar todo seu corpo pela necessidade de ejacular dentro dela. Infelizmente, isso nunca era suficiente. Não fisicamente. Fisicamente, ele entendia a fome. O hormônio estava fortalecendo em sua corrente sanguínea de uma maneira que o velho doutor o olhava estranhamente outra vez, e era a causa da excitação sexual incessante. O desejo insaciável que enchia sua alma era outra questão, entretanto. Ele franziu o cenho, arranhando distraidamente seu peito cheio de cicatrizes ao pensar. Havia algo que faltava, algo que não importava quão freqüentemente ele tomasse Sherra, não podia encher esse lugar que continuamente se tornava mais vazio. Seu coração. Ele soltou seu fôlego pesadamente enquanto outra vez admitia a verdade. Ele não tinha o coração dela. Ele tinha seu corpo, o compromisso de sua fidelidade, mas não era voluntária. E isso o matava. Ela era sua só pela química entre eles. Não havia nada de toques ternos ou íntimos toques de corpos como ele tinha visto com os outros Felinos e suas companheiras. Sherra evitava isso tanto como lhe era possível. Quando estavam juntos era sexo o que ela queria e nada mais. E Kane necessitava mais.

Ele moveu suas mãos nos braços da cadeira, apertando seus dedos sobre eles enquanto rangia seus dentes com raiva. Quantas vezes ele tinha querido tocá-la, ansiado sentir a suavidade de sua carne contra a ponta de seus dedos, ou o calor de seu corpo contra o seu? Mais vezes das que ele se preocupou em contar, e todas as vezes ela se assustou ou se afastado cautelosamente dele. Cada vez ele tinha sido rechaçado.

— Kane? — a voz da Sherra fora da porta do dormitório lhe fez franzir o cenho.

Você sabe onde me encontrar se precisar de mim. Ele tinha feito a oferta, então por que lhe irritava que ela tivesse vindo?

— Está aberto — ele não se vestiu, mudou de posição na cadeira. Baixou sua cabeça, observando enquanto o painel se abria e ela entrava cautelosamente.

Capítulo 21

Maldição, ela parecia um anjo. Todo esse cabelo loiro, grosso e lustroso, emoldurava sua face e caía sobre suas costas em uma meada de pura seda branca. O caftan verde esmeralda flutuava sobre seu corpo, sussurrando sobre seus seios, seus quadris e suas coxas e caindo a seus graciosos pés. Os olhos dela se ampliaram ante sua excitação, sua nudez. Tragando tensamente, ela fechou a porta e deslizou o

ferrolho. Kane semicerrou seus olhos sobre ela então. Ela parecia... incomodada. Suas mãos ainda agarravam a maçaneta da porta; seus olhos estavam escuros tanto de excitação como de estranho medo.

— Isto é um pau duro e não um monstro — grunhiu, assinalando sua ereção. — Está olhando como se esperasse que mordesse.

— Parece bastante zangado — um sorriso pequeno e nervoso tocou seus lábios antes de desvanecer-se e ela o olhou sombriamente. — Você parece o suficientemente zangado.

Ele respirou bruscamente pela frustração.

— Estou muito cansado, Sherra, e excitado além disso. Se é por isso que está aqui então vamos adiante.

Ele se elevou em toda sua estatura, ansioso por enchê-la, acalmar ao menos em parte sua dor.

Ela mordeu seu lábio, seu olhar flutuando para a cama.

— Isso não era tudo o que queria — murmurou, seus olhares encontrando-se, quebrando o coração dele com a vulnerabilidade que vislumbrou ali.

Ele esfregou fatigadamente a parte de atrás de seu pescoço.

— Que mais poderia querer?—finalmente perguntou. — Serei honesto, neném, meu controle e minha paciência estão desgastados esta noite, e este não é um bom momento para uma briga.

— Mas está bem para transar? — não houve calor em sua voz, só essa destruidora serenidade que lhe causava dor a sua alma.

Deus, ele queria tocá-la. Queria simplesmente passar as pontas de seus dedos sobre sua face, acariciar seu queixo. Estava pior que os meninos-gatos que corriam por ali brincando.

— Sim —ele passou sua mão sobre seu próprio cabelo. — Estou bem para transar.

Era melhor transar, seu pau duro estava gritando.

Ela inclinou sua cabeça de maneira vacilante.

— Sherra, por que infernos está aqui? — finalmente grunhiu. — Obviamente não tem nenhuma pressa por fazer algo sujo aqui comigo, assim por que não me diz o que quer?

Ela mordeu os lábios e ele quis gemer.

— Quero saber por que está tão zangado — disse finalmente. — Por que saiu do meu quarto e por que está agindo de forma mais idiota que o normal. Quero que me fale, Kane.

Ele bufou.

— Estive te falando por mais de um ano, Sherra, e você não se incomodou em escutar. por que agora?

Ela desviou o olhar antes de colocar atrás de sua orelha uma mecha solta de seu cabelo.

— Você nunca se afastou de mim antes, Kane— disse confundida, como se o ato dele tivesse derrubado seu pequeno mundo. Kane deu um arremedo de sorriso, enquanto seus lábios se curvavam sarcasticamente. Ele tinha andado atrás dela como um cão doente de amor atrás de uma cadela no cio, e a razão pela qual ela estava se

dando conta, era porque ele tinha se afastado repentinamente. Isso o desgostava muito.

— Disse a você que estaria aqui se precisasse de mim — ele finalmente deu um encolher de ombros enquanto se movia para a cama, estendendo-se sugestivamente sobre ela, sua mão agarrando a base de seu sexo enquanto a olhava. — Isto é tudo o que necessita de mim, é isso, neném? Venha. É todo seu, quando quiser — ele odiou a fúria palpitante em seu peito, a necessidade de sacudi-la, de lhe fazer ver de uma vez por todas tudo o que ela afastava para longe.

Ela olhou para ele com indecisão. — Tratei de falar isso. — De te fazer entender, Kane. Não quis te machucar, foi por isso que te adverti que o que necessita de mim não estava ali.

Apertou seus dentes ante a impotente dor em sua voz.

— Desejo você. Preciso de você. Te aceito como meu companheiro. Que mais posso eu dar que você não tenha já?

Seu amor. Ele suspirou apenas. — Eu não estou te pedindo nada mais, Sherra — disse finalmente resignado. — Nada mais.

Ela se moveu lentamente se separando da porta. — Você quer algo que não te estou dando — ela murmurou. — quero lhe dar isso Kane. Juro que quero. Lhe quero feliz, quero que você conheça a paz tão desesperadamente como eu a necessito para mim mesma. Me diga o que quer. Não me faça continuar adivinhando.

Ela estava apertando suas mãos, seus dedos retorcendo-se juntos enquanto cravava os olhos nele, esses olhos obscurecidos, cheios de dor. Que Deus lhe ajudasse, ela tinha sofrido tanto na vida. Era justo que sofresse inclusive um segundo mais do que já tinha sofrido? Que ela tivesse que ser ferida por seu fracasso para protegê-la?

— Sherra... — ele murmurou seu nome com desoladora tristeza. — Venha aqui, carinho. Você não tem que adivinhar. Não há nada que dizer. Penso que Taber é contagioso. Todas essas loucas mudanças de humor — ele quase se engasgou com as palavras.

Ela negou com a cabeça desesperadamente.

— Não minta pra mim agora — estava sentada à beira da cama, cravando os olhos nele, seu olhar fixo implorando. — Não tente me acalmar.

Ele chegou a tocar sua bochecha e sentiu seu coração fazer-se pedaços quando ela retrocedeu. Em lugar disso, imediatamente ele moveu seu ombro, escondendo o sentimento. Ela ainda o olhou fixamente como se nunca tivesse retrocedido.

Ele tentou sorrir.

— Preciso de você. — finalmente murmurou. Não havia necessidade de fazer maior sua dor neste momento. Lhe dava o que tinha, e isso era mais que o que ele esperava, não é assim?

Por causa dele ela perdera sua criança, tinha sido drogada e cruelmente violada e forçada a sobreviver no medo por quase uma década. Porque tinha falhado.

Ela não queria sua ternura, ele soube. Os toques ternos que lhe teria dado, as palavras suaves. Queria ser fodida. Queria o calor aliviador, queria ser tomada até que seu orgasmo abrisse a pressão através de seu corpo, aliviando sua dor. Ele poderia lhe dar isto, e se isso falhava em acalmar seus próprios apetites, então essa falta era sua, não dela.

Ele a atraiu para si, seus lábios cobrindo os dela enquanto um grito sufocado escapava de seus lábios. Seu cabelo cobrindo a ambos enquanto ele se maravilhava com o tato dela. Era suave, delicada, sua carne quente e tão tentadora como o pecado.

Kane a acariciou. Suas mãos, deslizando sob a seda do caftán para seus quadris. Ali, o subiu, levantando-o ao longo de suas pernas enquanto elas se enredavam com as dele, desesperada por tocar sua carne nua contra ele.

Seus lábios lutaram pela supremacia de seu beijo, pela primeira vez não se importando com o hormônio.

Sua língua mergulhou além de seus lábios, misturando com a sua, grunhindo como advertência quando ela tratou de tomar o controle do beijo. Suas mãos se moveram até o decote do caftán, agarrando o material e rasgando-o como um selvagem, enquanto a depositava de costas sobre a cama.

Ele se esforçou por controlar-se. Queria que durasse. Queria-a tão ardente, tão fora de sua mente que lhe permitisse o prazer que amá-la. Permitisse tocá-la, acariciá-la como ele desejava.

Ela ficou com o olhar fixo nele, suas faces ruborizadas, seus verdes olhos brilhando intensamente agora com excitação em vez de dor enquanto ele se colocava sobre ela, enquanto contemplava a pele que tinha destampado.

Um rubor ligeiro cobriu os suaves montículos de seu inchados seios. Ele percorreu com a parte de atrás dos dedos de uma de suas mãos a curva mais próxima e quase tremeu ante o calor que irradiava fora dela enquanto seus mamilos se endureciam ainda mais.

As pontas rosas, suaves e escuras estavam alargadas, rígidas com sua excitação e um presente tentador que se cravava em seu já voraz apetite. Seu sexo estremeceu com a exigência de que a tomasse agora, mas seu coração gritou para que ele a tocasse primeiro. Só desejava que o físico fora o que lhe conduzia. Desejava tocar mais que seu suaves seios ou seus lábios sedosos; precisava tocar sua alma.

— É tão bela — murmurou enquanto baixava sua cabeça, colocando sua face sobre a curva de seu peito até que seus lábios encontraram o sensível mamilo. Seu de prazer o sacudiu.

— Está tentando me provocar — ela se arqueou contra ele, sua respiração áspera e profunda quando ele passou sua mão ao longo de seu tremente estômago para suas coxas separadas.

— Só tentando? — murmurou enquanto seus lábios passavam em cima do delicado cetim de seu peito. — Pensei que poderia reconhecer um claro propósito quando o via, carinho.

Sua risada suave foi mais um sinal de sua excitação quando sua língua lambeu seu mamilo. Sua mão deslizou no interior de sua coxa, aproximando-se, mas não tocando o montículo da superfície entre suas coxas.

— Quero saborear cada polegada sua — seus lábios beijaram seu peito, acima de sua clavícula — É tão doce, tão delicada e tão ardente que quase me queima vivo.

— O que pensa que me faz ? — sua voz, rouca do prazer fez com que estremecesse.

— Nos coloquemos mais quentes — grunhiu ele um instante antes que seus lábios cobrissem os dela outra vez.

Gemidos e pequenos gritos quentes escaparam de sua garganta quando Kane empreendeu a batalha de sua vida. Seus lábios acariciaram seu queixo, seu rosto, acariciando a pele fina quando seus dedos passaram entre suas coxas. Ela estava molhada e ardente para ele, as pregas sensíveis de sua carne entreabrindo-se facilmente quando seus dedos se deslizaram sobre eles. Seus quadris se elevaram, pressionando com seus dedos o clitóris um segundo antes que os deslizasse mais abaixo, provando a entrada adoçada com mel de sua vagina antes de retroceder e rodear seu clitóris outra vez. As mãos da Sherra agarraram seus ombros; seu pescoço se arqueou, o suor jorrou por seu corpo quando se roçou contra ele. Ele fechou seus olhos gostando de sentir seu seios sobre o seu quando roçou contra ele, suas mãos movendo-se sobre seus ombros, seu corpo ondulando debaixo dele.

Ele lutou para manter seus movimentos lentos e fáceis, para acalmá-la. Ela era tão obstinada, tão malditamente resolvida e que escondia inclusive a menor das suas necessidades de si mesmo. Quando a tocou, compreendeu que era sob seu corpo o único lugar que Sherra não podia conter sua resposta total a ele. Seus lábios rastrearam cada polegada suave de sua face, seu pescoço, seus seios, olhando como sua pele se ruborizava, a respiração se fazia desigual antes de mover-se embaixo dele. Kane estendeu lentamente as coxas dela, olhando maravilhado o pálido rosa e creme de sua carne ali. As Espécies não tinham pêlo em seus órgãos genitais, e ele nunca tinha visto nada mais excitante que os lábios sedosos de sua vagina abrindo-se para ele, o rubor mais escuro de carne interna, uma fruta de paixão a que ele tinha sido viciado desde o primeiro sabor. Espreguiçou-se entre suas coxas espalhadas, ficando com o olhar fixo em enquanto lhe lançava um sorriso malvado.

— Meu sanduíche de meia-noite, gatinha quente e úmida.

Ela se ruborizou mais profundamente. Kane teria rido de puro deleite se não estivesse tão excitado e não tivesse que lutar por cada segundo de controle. Seus dedos deslizaram sobre a capa grossa de sucos que se reuniam ali. Como o xarope quente, pegou-se a seus dedos e sensibilizou as pontas.

— Não vou ser capaz de suportar isto — lhe advertiu ela fracamente quando suas mãos caíram na cama, empunhando a manta baixo ela.

— Então ficaremos loucos juntos — grunhiu, estendendo a mão para agarrar seu punho e soltar seus dedos.

Olhando bem de perto, ele moveu sua mão para o peito dela, vendo a surpresa que encheu seu olhar.

— Toca seu seios — pediu ele roncamente. — Quero observar seus dedos brincando com seus mamilos. Quero ouvir seu prazer, sua excitação, Sherra. Me dê ao menos isso.

Suas mãos afagaram os globos suaves de seu seios, seus dedos movendo-se para seus mamilos duros enquanto seu pênis se sacudia pela erótica vista.

Olhando-a, com seu olhar indo de seu auto — exploração a seus olhos obscurecidos, ele baixou sua cabeça.

Ela se sacudiu, um gemido escapou de seus lábios quando sua língua atingiu o reluzente creme que jazia em sua inchada vagina. Ele cantarolou sua apreciação, suas mãos mantendo suas coxas abertas, seus polegares abrindo ainda mais seus lábios gordinhos quando se assentou para um banquete dos sentidos.

Ele lambeu e bebeu, rodeou seus pequeno clitóris e o chupou fortemente quando seus gemidos cresceram em volume. Seus quadris se retorceram, se contorceram sob o prazer, e logo ele se apertava em sua própria necessidade quando a ouviu gritando seu nome, mendigando sua liberação.

Ele se baixou ainda mais, sua língua se afundou no veludo de sua vagina quando seus gritos se incrementaram. Seus joelhos estavam dobrados agora, suas coxas mais abertas, suas mãos em sua cabeça quando ela se sustentou, seus quadris ondulando, pressionando sua vagina contra sua boca devoradora enquanto lutava por seu orgasmo.

— Ainda não — grunhiu quando a sentiu estremecer-se, sentindo-a a ponto da liberação.

Ele ficou de joelhos enquanto ela gritava seu protesto, agarrou seus punhos e atirou dela até que ficou sentada.

— Merda! — as costas dele se arqueou quando os lábios dela atacaram seu ventre plano, sua língua acariciando, lambendo, quando suas mãos agarraram os músculos tensos de suas nádegas.

Como o gato faminto que sabia que ela podia ser, devorou-o. Ele ficou olhando-a fixamente, olhando como suas mãos se envolviam ao redor de sua ereção, seus lábios abrindo-se, sua boca prendendo a cabeça sensível de seu pênis.

— Sherra — sua mão se enredou em seu cabelo quando meneou sua cabeça desesperadamente, lutando por controlar-se.

— Me dê — ela voltou a lamber a crista de sua ereção enquanto falava. — Enche a minha boca, Kane. Me deixe te saborear.

Sua voz estava grossa, aturdida, quando quase o tragou no golpe seguinte. Kane sentiu sua vara no túnel de sua boca, a cabeça que tocava sua garganta por menos de um segundo e que roubou todas suas intenções de deter-se.

— Então toma-o, neném — suas mãos se apertaram em seu cabelo. — Toma-o todo de mim.

Não foi como em nenhum dos outros momentos que tinham estado juntos. Foi mais quente, mais doce, mais intenso quando a observou chupar seu pênis com ávido abandono.

Os olhos dela estavam fechados, suas pálpebras pesadas, mas olhou fixamente, seus lábios incluindo a largura de seu pênis quando empurrou dentro dela com golpes firmes, pouco profundos e permitiu que ela escolhesse a profundidade com a que tomava. Foi o paraíso. Suas bolas se apertaram quando suas mãos bombearam a coluna de carne, tirando a semente de seu pênis apesar de seus melhores intentos por deter sua liberação. — Neném, vou gosar — ele não podia conter-se, não podia negar o êxtase nem sequer por um momento mais. Ela murmurou sua aceitação, aumentando sua sucção enquanto ele sentia um formigamento na base de sua coluna vertebral um segundo antes que atravessasse suas costas como um raio de energia elétrica. Ele ficou rígido, abriu os lábios enquanto sua cabeça se arqueava para trás e

deu a ela cada gota de sêmen fervendo em suas bolas. Saiu a jorros de seu pênis por volta de sua garganta que tragava rapidamente enquanto gemia como um homem possuído e se dedicava ao ato primitivo de acasalamento no que agora estavam envoltos. Quando ela chupou a última gota de sêmen da carne palpitante, ele se retirou, olhando-a fixamente um segundo antes de pressioná-la contra a cama e mover-se rapidamente entre suas coxas. Suas pernas rodearam seus quadris quando pressionou a cabeça alagada de seu pênis na entrada de sua vagina. Ela estava quente; seu calor líquido gotejou, fazendo-o estremecer-se pela necessidade de inundar em seu ninho. Ele se afrouxou dentro dela em lugar disso.

Sherra lutou contra a tempestade dentro dela. Seu corpo inteiro pedindo seu toque, gritando para deixar cair por terra as barreiras preventivas que tinha estado usando durante tanto tempo.

Enquanto o olhava fixamente, sentindo a cunha grossa de seu pênis espreitando-a, viu como elevava sua mão, seus dedos movendo-se para seu rosto. Ela quis se separar, negar o gesto como fazia sempre. Se lhe permitisse quebrar essa barreira final, então não teria defesas, nenhuma forma de sobreviver se ele a deixasse outra vez. Mas já não podia brigar mais.

Ele a tinha empurrado até ultrapassar um limite que não sabia que possuía. Ela se tinha aterrorizado quando ele se afastou, ele tinha arranhado as cicatrizes ásperas que cobriam sua alma com sua tristeza quando ela entrou em seu quarto. Tinha resistido um inferno por ela, o mesmo ela tinha feito por ele. Como podia continuar negando não só suas necessidades, mas também também as dele?

— Daria minha vida por você — murmurou ele enquanto passava seu polegar por seu rosto, antes de mover-se até deter-se na linha de seu queixo

Sherra gemeu. A emoção que pulsava em sua voz era impossível de negar.

— Não — murmurou, sua mão cobrindo a dele quando seus quadris se arquearam, os músculos de sua vagina se contraíam ao redor de sua ereção. — Não faça isso, Kane. Não me deixe outra vez. Não o poderia suportar... — sua respiração quase parou quando as lágrimas encheram seus olhos. — Te amo. Te amo muito para viver sem você outra vez.

Ele se deteve. Seus olhos azuis se escureceram com assombro, logo com uma fome avassaladora e se aproximou dela, uma mão agarrando seus quadris, a outra seu cabelo.

— Não posso te deixar — ele grunhiu. — Não te deixarei.

A risada curta dela foi um som entre o prazer e a agonia.

— Fui sempre tua, Kane. Sempre...

Seu controle se desintegrou. Nesse segundo, o homem desapareceu; a brincadeira, a tentação, acabaram-se

Os fortes e duros golpes fizeram que os olhos dela se abrissem completamente enquanto o prazer se soltava em seu interior de uma maneira que nunca tinha conhecido antes. Ele era um demônio, um animal sexual tentando possuir cada parte dela. Ele não podia ir o suficientemente profundo, o suficientemente duro. Ambas as mãos ainda sustentavam seus quadris enquanto seus lábios se enterravam em seu pescoço, sua respiração pesada a intensidade de sua excitação condicionando os dois agora. Juntos.

— Mais duro! — gritou ela, embora tivesse medo de que mais duro a fizesse pedaços.

Não podia ter bastante dele, não podia aliviar a terrível erupção que aumentava em seu ventre rapidamente enquanto ele acariciava a sua vagina, estirando-a, enchendo-a até que ela se perguntou se sobreviveria. Com os quadris Kane empurrou seu pênis na sua vagina, penetrando-a violentamente quando ela pediu a gritos que queria mais. Estavam lutando por respirar, suas unhas arranharam suas costas, seus dentes mordiam profundamente a marca de seu peito quando lhe apertou os ombros e ambos explodiram. Sherra jurou que sentiu que suas almas se uniam quando seu sexo bateu contra a entrada de seu útero e os jorros profundos, fortes de seu sêmen começaram a jorrar dentro dela. Seu ventre se contraiu, convulsionado, bebendo sofregamente a semente vivificadora que se derramou nela, enquanto Sherra fechava suas pernas e seus braços ao redor de seu corpo e se rendia à morte orgásmica que se derramou sobre eles.

Capítulo 23

Ele dormia. Sherra jazia sobre o peito do Kane, exausta, sem desejos de mover-se, incapaz de dormir. Podia sentir o rastro das cicatrizes sobre seu peito, ouvir seu coração palpitando sob sua orelha e lutava contra as lembranças que começavam agitar dentro de seu peito. Mantenha-o longe, ordenou a si mesma ferozmente. Acabou-se. Isso terminou. Não tem sentido trazer o passado de volta. Ela o tinha enterrado nos limites mais profundos de sua mente anos atrás para conseguir sobreviver. Agora não era o momento para trazê-lo de volta. Kane mudou de posição debaixo dela. Suas mãos acariciaram suas costas, sua cabeça virou e assim ele pôde enterrar seu rosto no cabelo dela.

— Mmm. Te amo. — resmungou ele enquanto seus braços se contraíam ao redor dele e o coração dela se apertava ainda mais.

Ele era tão feroz, tão duro e uma parte dele estava tão confiante de que seu amor poderia cicatrizar as feridas de sua alma, os demônios de sua mente. Possivelmente, com os meses, ele tinha conseguido em parte aliviar essa dor, mas havia muito mais que ainda vivia dentro dela lhe fazendo mal.

Kane, me ajude! Ela se sobressaltou com as lembranças de seus próprios gritos ecoando através de sua mente.

Seu estômago se encolheu com força, uma dor como de facas afiadas cruzou velozmente seu ventre em memória desse momento cegador no que ela se deu conta de que estava perdendo à criança que lhe tinha dado.

Ela quis levantar-se nesse momento. Quis sair apressadamente do quarto e esconder-se das lembranças que sempre teria. Precisava escapar, mas algo mais poderoso a sujeitava no lugar onde estava. Mantinha-se presa nos braços de Kane enquanto tudo dentro de sua mente tentava rechaçar as lembranças e as emoções que estar ali lhe causava. Não tinha que existir, Sherra. A voz do Dayan foi um eco demoníaco do passado. Era uma abominação. Não havia nada de humano nele...Ela se

sobressaltou ao recordar as palavras. O Doutor Martin lhe havia dito anos mais tarde, é obvio, que o desenvolvimento do feto tivesse sido perfeitamente normal. Mas então, nessa época, o horror a tinha consumido. Vi-lhe sair, Sherra. Escapando para salvar sua própria pele. Ele não queria retornar. Ela tinha gritado o nome do Kane enquanto Dayan se via forçado a sustentá-la enquanto os cientistas e os doutores tratavam de lhe salvar a vida. Mas ninguém havia salvando ao bebê que quase não tinha começado a existir. Não queria recordar. Fechou os olhos, tratando de deter as lágrimas enquanto as lembranças começavam a rasgá-la. Violentos, transbordantes com seus gritos, a risada demoníaca e as imagens que ela tinha escondido de si mesmo portanto tempo. Os guardas a tinham violentado um mês depois de seu aborto. As drogas que tinham metido à força em seu corpo, tinham feito menos fortes suas lembranças, mas nada poderia aliviar o conhecimento disso.

Ela podia ouvir sua risada em seus pesadelos.

Toma, cadela. Se pode transar com esse bastardo do Kane, pode transar conosco...

Não! Apesar de seu cansaço excessivo ela tratou de afastar-se de um salto do homem que a sustentava, para escapar dos vívidos pesadelos que jogavam dentro de sua cabeça.

— Sherra — Os braços dele se apertaram ao redor dela, seus lábios pressionando sobre sua frente. — Não pode continuar fugindo, carinho. Tem que parar. Agora.

— Me deixe ir — ela se deu conta de que as lágrimas molhavam seu rosto, gotejando para seus seios. Os soluços rasgavam seu peito quando se obrigou a pará-los.

— Não posso deixar você ir — o som de sua voz a fez olhar fixamente para ele enquanto se voltava para trás.

O assombro a manteve quieta por um longo momento antes que erguesse sua mão, e seus dedos tocassem a umidade nas faces dele.

— Não o ela faça choramingou, tremendo, enquanto suas próprias lágrimas caíam mais rápido. — Oh Deus, Kane, não me deixe fazer isto.

— Era meu bebê, também — sua voz era rouca, cheia de arrependimento, com dor. — Mas ainda mais que isso, Sherra, você é minha alma. Sacrificaria minha vida para salvar a sua. Sacrificaria neste momento se isso significasse que poderia voltar atrás e te aliviar esta dor — a umidade de seus olhos empapou sua pele bronzeada, marcando as linhas com dor e arrependimento. — Faria algo, tudo, Carinho, para te aliviar esta dor.

Ela se estremecia com seus soluços agora, lutando por detê-los, mantendo a dor dentro, enterrada, em um lugar onde nunca a pudesse machucar outra vez.

— Queria morrer — repentinamente gemeu sentindo ele sobressaltar-se, vendo a dor que havia em seu rosto e fazia que as lágrimas dele corressem mais rápido. — Roguei-lhes que me matassem — ele a fez rodar pela cama, seus braços enrolando-se apertadamente ao redor dela, abrigando-a, sustentando-a com amor enquanto sua alma se derramava e seus soluços ecoavam ao redor. — Roguei-lhes que me deixassem morrer porque não o poderia confrontar... não poderia sobreviver sem você... — lhe atingiu o peito, seus golpes eram frágeis e ineficazes enquanto os anos

de sonora agonia brotavam livres de seu interior. — Queria morrer sem você... E agora não sei como aceitar que está aqui... não sei como viver...

— Está bem, Carinho — ele a balançou, apaziguou-a. Contra seu peito cheio de cicatrizes lhe permitiu despojar-se das lágrimas que tinha contido durante tantos anos. — Um dia destes, Sherra, — lhe disse com voz rouca — ambos aprenderemos a viver outra vez, um dia destes...

O coração que tinha se quebrado em milhares de pedaços dentro do peito de Kane muitos anos atrás, despedaçou-se de novo. Os emplastos temporários que lhe tinha colocado para sobreviver se rasgaram, deixando sua alma sangrar enquanto sustentava a sua mulher em seus braços e compartilhavam suas lágrimas angustiadas. A criança que ele nunca tinha conhecido lhe tinha sido arrebatado, mas a mulher que ele tinha amado muito mais que a sua própria vida, tinha sido ferida de uma forma que nunca poderia cicatrizar, nunca cicatrizaria do todo.

— Sonhava contigo — finalmente murmurou ele, clareando a voz enquanto tentava falar através das emoções que lhe destroçavam. Depois que me contaram que você tinha morrido, sonhava contigo. Sonhos onde te resgatava, te abraçava. Sonhava com o que poderia ter sido, o que deveria ter sido. Quando despertava, a dor estava perto de me destruir. Mas não é um sonho agora, carinho. Estou aqui contigo, te sustentando. E que Deus me ajude, se tiver que deixar ir outra vez, isso me mataria.

A respiração dela saía entrecortada.

— Não queria te amar — murmurou ela. — Mas quando te vi de novo, soube que nunca tinha deixado de fazê-lo — ela negou com a cabeça, o cansaço enchendo sua voz. — Nunca deixei de fazê-lo, Kane. Não importa com quanta força o tentei.

— Não te deixarei ir, Sherra. Jamais — ele se apertou contra ela com mais força, lançando a manta sobre ela quando tremeu, protegendo-a com seu calor. — Só se aproxime de mim, pequena. Estou exatamente aqui. Sempre estarei aqui.

— Amo-te, gatinha — murmurou ele enquanto seus próprios olhos se fechavam e o sonho o levava longe. Um sonho terno, curador, livre de dor ou demônios, e por uma vez sem ter sequer a louca excitação que o tinha mantido em brasas durante tantos anos.

Capítulo 24

Sherra se sentiu envolvida na mais doce frouxidão que tinha experimentado. Inclusive depois daquela primeira noite com Kane ela não tinha conhecido esse sentido de saciedade, de satisfação completa. Seus braços, firmes e quentes, tinham-na envolto durante a larga noite; o som do batimento de seu coração ressonando em seu ouvido a tinha consolado, tinha-a apaziguado. Não tinha havido pesadelos, não tinha havido demônios elevando-se desde sua arrevesada memória e que tinham arrastado através de sua inconsciência inclusive na melhor das noites. Não tinha havido nada disso entre os braços do Kane.

— Acordada? — sua voz estava sonolenta, rouca e erótica. Isto enviou um pequeno tremor de desejo que ressoou em sua coluna vertebral e lançou calor entre suas coxas.

— Acordada — ela sorriu, sua língua lambeu preguiçosamente a marca avermelhada de seu peito.

Foi explosivo. Ela sentiu o estremecimento de resposta dele que retesou seus músculos, viu a forma de uma barraca de camping que formavam os lençóis quando seu sexo começou a endurecer-se.

Ela levantou o lençol, olhando às escondidas embaixo dele com falsa curiosidade e logo com admiração acalorada.

Realmente, alguma vez se tinha tomado tempo em olhar a sexo de Kane?

Ela lançou o lençol longe de seu corpo, moveu-se para baixo até que sua cabeça descansou sobre seu duro abdômen e observou como lentamente se enchia toda essa carne deliciosa. Sua boca salivava ante a visão daquele eixo escuro, pesadamente torneado e a larga cabeça que mostrava apenas a umidade de umas gotas de antecipação que gotejavam de seu pênis.

Ela passou sua mão pela parte interna de sua perna, logo passou de tocar ligeiramente sua coxa a sustentar o peso de seu escroto. Afagou a carne sedosa em sua palma, olhando fixamente como sua mão apertava a cabeça resluzente de seu sexo até que derramou, sem poder evitar, outra gota de seu fluido cremoso.

— Sherra, Carinho — houve um fio de risada em sua voz. — Não fica bem brincar com um homem despido...

— Brincar? — sua língua lambeu a incisão de seu umbigo quando uma pequena gotinha derramada caiu sobre seu duro estômago. — e quem disse que estou brincando?

Ela soltou seu fôlego suavemente sobre sua ponta sensível e observou como se sacudia outra vez, inchando-se ainda mais em resposta ao ar quente. Em resposta a ela. O assombro a encheu. A primeira vez que o tinha visto, muitos anos atrás, ele a tinha enchido de admiração e excitação. Todos outros machos tinham empalidecido em comparação com o Kane. De todos os modos, não havia nenhum outro homem com o que ela poderia considerar fazer isto.

— Sherra, gatinha — grunhiu. — Vai fazer algo com a ereção que despertaste à vida ou vais dedicar a admirá-la o dia inteiro?

— Isto é bem digno de admiração — sussurrou quando sentiu seu escroto retesar-se, olhou a pulsação de seu sangue na marca das veias que se estendiam ao redor da carne grossa. — É de fato uma vista capaz de dar água na boca de qualquer mulher adulta que pense em degustá-lo — ela confirmou com um sorriso quando seu duro pênis estremeceu com força como reflexo a suas palavras.

— Vai ficar somente o pensando? — perguntou-lhe, sua voz dura igual aos músculos duros de seu abdômen retesados sob sua cabeça.

— Bom, que o quer? — perguntou enquanto estalava a língua e salvava a pequena distância, então atingiu com sua língua a cabeça palpitante de sua ereção.

Kane ficou sem fôlego, suas mãos se fecharam sobre seu cabelo enquanto ele levantava seus quadris, pressionando seu sexo firmemente contra seus lábios. Sherra abriu completamente sua boca, sua língua lambendo ao redor da crista enquanto sua boca lhe sugava. Seu gemido foi um grunhido forte, rude de paixão e necessidade que sacudiu seu pulso fazendo-o subir vertiginosamente e fez a sua luxúria ondular de ardor.

Ela apertou suas coxas para aliviar a pressão, um gemido escapou de sua garganta quando saboreou mais da semente salgada que se derramou em sua boca.

— Vem aqui — a ordem de Kane foi delicada, as palavras saíram lentamente de seu peito enquanto sua mão baixava a seu quadril. — Se coloque sobre mim, Carinho, me permita provar o sabor de seu doce sexo.

Ondas ardentes de luxúria chamuscaram seu ventre quando ela ficou sobre seus joelhos, sua boca movendo-se para baixo para tomar mais de sua ereção enquanto ele a guiava até que suas coxas estivessem à altura de sua face. O primeiro toque de sua língua fez que se estremecesse de prazer. Um segundo mais tarde ela pressionou seu sexo contra ele, ansiosa de mais, desesperada-se por sentir o toque de sua língua inundando-se fundo dentro das profundidades famintas de seu sexo. Sua boca baixou sobre a carne que se elevava dura e impaciente do centro de suas coxas, tentando tragar tudo que podia de seu grosso eixo. Os movimentos contínuos, da língua dele e a sucção de seus lábios em seu sexo enquanto a conduzia à loucura era tudo o que ela necessitava para perder a pouca prudência que ainda possuía enquanto tratava de devorar seu pênis. Ela queria todo dele, seu sêmen enchendo sua boca, escorregando garganta abaixo enquanto ele chupava cada gota de creme líquida que escorria dela. Ela o queria agora. Precisava dele agora. Os sons de gemidos acalorados e bocas que chupavam famintas a envolviam. Seus dedos sustentavam e acariciavam suas bolas enquanto os lábios varonis rodeavam seus clitóris e dois dedos empurravam dentro de sua vagina exigindo uma resposta. Ela se sacudiu, tomando ainda mais duramente a penetração de seus dedos enquanto acolhia seu swxo mais profundamente, chupando-a ansiosamente de uma vez que a boca dele comia com ferocidade seu canal cremoso. Seu orgasmo crescia dentro dela. Ela o podia sentir apertando-se em seu ventre do mesmo modo que, quando ela baixou sua mão, sentiu o escroto do Kane retesando-se na base de sua ereção enquanto sua outra mão bombeava a dura longitude de seu eixo. Ela queria saboreá-lo. Queria sentir cada gota quente de sua semente disparando-se em sua garganta. Ela sentiu seus dedos empurrando mais duramente dentro dela, mais profundo, um segundo antes que ele se retirasse, desenhasse com seus sucos o caminho até a entrada de seu ânus para depois retornar e empurrá-los profundamente ao interior de seu sexo outra vez, conectando ambos os pontos com um firme e quente impulso de seu dedo sobre seu ânus. Sherra se retesou, com um grito escapando de sua garganta, vibrando ao redor de seu sexo quando ela explodiu. No momento de sua liberação, Kane gemeu com força e profundamente, seus dedos se aceleraram dentro dela, o açoite de sua língua em seu palpitante clitóris se acelerou igual ao impulso de seus quadris, enterrando seu pau mais profundamente em sua boca quando seu orgasmo começou a pulsar rapidamente em seu interior, um jorro duro escapou. Ele encheu sua boca, o sabor conduzindo-a mais alto quando sua boca sorveu cada gota enriquecedora, seus gemidos uma súplica para conseguir mais.

— Isso é o suficiente — ele a tirou de em cima dele, empurrando-a para a cama enquanto ela lutava contra ele, suas mãos o pressionaram para que voltasse a tombar-se no colchão.

— Não. Desfruta disto — ela se elevou sobre ele, passando sua coxa sobre seus quadris, esfregando a carne molhada de seu sua vagina sobre a cordilheira dura de sua

ereção antes de dar permissão a sua larga cabeça de oscilar contra a entrada sua apertada entrada.

— Forte, Kane — sussurrou, baixando seus lábios para os seus enquanto se preparava para a invasão. — Forte...

Suas costas se inclinaram, seu gemido de satisfação e prazer rasgou o silêncio da residência quando ele a possuiu, com um impulso feroz, determinante.

Não houve luta pelo controle, nenhuma tentativa por atrasar a necessidade compulsiva do orgasmo. Os sons de carne molhada friccionando-se conjuntamente, os grunhidos murmurados, famintos e gritos acalorados encheram o ar ao redor deles.

Sherra baixou sua cabeça até seu peito, sua língua lambeu a marca que lhe tinha feito segundos antes que voltasse a raspá-lo com suas letais presas e aplicasse uma sucção firme, erótica sobre sua carne excessivamente sensível.

Sua liberação provocou a sua. Duro, convulsivo, rasgou-se através deles, vinculando-os, atando-os, e de uma vez por todas perfurando as barreiras finais da alma da Sherra.

— Amo-te — gritou Kane enquanto se deixava cair debaixo dela, enchendo-a com sua semente, suas mãos agarrando forte seus quadris tal e como a havia levantado. — Que Deus me ajude, Sherra, te amo...

Sua cabeça levantada, uma saciedade lânguida propagando-se através de seu corpo, deixando-a adormecida, frágil, e ainda cheia de uma força que ela não tinha sabido que possuía.

Ela estendeu sua mão, as pontas de seus dedos acariciaram seu rosto e para sua surpresa o toque de seus dedos encheu de lágrimas os olhos dele. E Sherra soube, nesse momento, que se viesse a perdê-lo, não poderia sobreviver à dor.

Capítulo 25

— Eu gostaria que levasse seus coisas para meu quarto — Kane fez o anúncio surpresa enquanto se preparavam para o dia.

Vestida com suas costumeiros calças negros e ajustados, usando a blusa que fazia o conjunto, seu cabelo penteado em uma trança, Sherra se estava colocando a jaqueta quando lhe falou. Fez uma pausa para arrumar o tecido sobre os ombros e comprovar cuidadosamente a arma embainhada em sua coxa.

— Ouviu o que te disse, Sherra? — ela podia sentir a determinação emanando dele e tratou de esconder seu sorriso.

— Ouvi, sim — ela respondeu, a voz quase não saindo — Posso me encarregar disso esta tarde depois de me encontrar com o Doc.

O silêncio caiu detrás dela, um denso silêncio de antecipação que batia como um coração silencioso. Um coração que poderia ser sentido mas não escutado mais que com os sentidos internos.

— Não deixarei ir embora. Nunca na vida — disse a ela, movendo-se até ficar detrás, seus braços lhe rodeando a cintura, fazendo que sua cabeça caísse para trás, para seus ombros.

— Não te pedi que o faça — respondeu ela — Sou teimosa, Kane, não estúpida.

Não era algo fácil de dizer para ela, esquecer a dor e dos medos que a perseguiram até obcecá-la. Mas ela era consciente de que não tinha tido uma vida até que Kane reapareceu em sua vida. Só tinha sobrevivendo, nada mais. Ela precisava viver, não meramente existir, precisava amar.

— Muito teimosa — a corrigiu, lhe beijando o pescoço suavemente.

Sherra sorriu, uma suave curva em seus lábios como se por fim ela admitisse a declaração.

— Não será fácil — finalmente murmurou ela .— Não serei fácil. Ainda há cicatrizes, Kane — lhe advertiu.

Seus braços se apertaram ao redor dela

— Curaremos juntos, Sherra. Faremos o que for necessário.

Ela assentiu , lentamente, antes de endireitar-se outra vez.

— Hora de ir trabalhar, semental — ela disse suavemente, sua voz cheia de diversão. — Pode brincar mais tarde.

— Isso me parece bem — ele riu gostosamente enquanto a soltava. — Esta manhã devo ir para a casa de hóspedes com Calam e Taber. Lawrence tem proposto uma idéia que poderia sortir efeito para alcançar as casas que necessitamos mais rapidamente, discutirmos nossas idéias — ele disse, mais feliz. — Lawrence Industries tem uma pequena linha de construção sob a direção de um de seus melhores amigos, em quem ele confia completamente. Ele está disposto a prover os materiais a um custo menor e assim como também a assistência técnica para formar mão de obra e treinar a nossos homens para construir eles mesmos—contou ele.— Temos terra de sobra aqui para nos fazer auto-suficientes até certo ponto, e ainda sinto que isso é a melhor maneira de agir.

Sherra suspirou resignada. Infelizmente, estava de acordo com ele, mas necessitavam dos edifícios com urgência, não podiam permitir meses de demora. Possivelmente esta seria a solução para o problema.

— Logo me conta como foi — ela finalmente inclinou a cabeça mostrando sua aprovação .— Hoje tenho que fazer outro controle do inventário. Não sabemos o que aconteceu mas a conta dos fuzis que Merc insistiu em que comprássemos não está certa. Acredito que deve ser nosso engano ou do fornecedor. Odeio quando há problemas com as armas, Kane. Coloca-me paranóica.

— Sem brincadeiras. Me faça saber se encontrar algo errado. Os únicos estranhos que tivemos por aqui foram os empregados dos Lawrence e nossa gente de segurança esteve sempre de olho neles, mas mesmo assim fica difícil não detectar um roubo em um lugar tão afastado da casa de hóspedes, mas precisamos solucioná-lo. — Fez uma careta por causa da jaqueta muito pequena sobre a escura camisa de algodão.—Alcançarei-te mais tarde para ver se nos podemos encontrar para um pouco de... uhh, de almoço — ele levantou suas sobrancelhas ironicamente.—Até mais tarde, gatinha — a beijou levemente antes de deixar o quarto e dirigir-se ao vestibulo.

Sherra ficou parada imóvel, consciente do tolo sorriso que tinha na face enquanto Kane saía. Depois da noite passada, não tinha tido outra opção senão que confiar nele, lhe dar tudo o que florescia dentro dela. Não era simplesmente desejo

por seu pênis, era uma necessidade de que a acariciasse, de seu sorriso, de sua risada. Uma oportunidade para curar-se.

— Maldito homem. Não o posso entender, e Merinus não me deixará matá-lo — disse divertida enquanto sacudia a cabeça antes de dirigir-se à porta. Podia render-se de uma vez e amá-lo, disse finalmente ao chegar a sua própria porta. E, por que esperar para começar a viver a vida que lhe oferecia?

— Sherra? — a vozinha e o golpe suave em sua porta fizeram que Sherra se retesasse ao reconhecer a voz de Cassie.

A porta se abriu lentamente e a garotinha apareceu. Enquanto entrava em dormitório pôde ver sua face triste e o longo cabelo castanho caindo em longos cachos grossos sobre suas costas.

— Quem cuida de você hoje, Cassie? — Sherra lhe perguntou curiosa.

— Não sei, Sherra — a garotinha estava mais que confundida — Despertei e não havia ninguém. Sempre há alguém ali quando me acodo.

Sherra cravou os olhos na garotinha. Cassie ainda estava de camisola e agarrava firmemente seu ursinho de pelúcia como se isso pudesse lhe dar segurança.

— Estou assustada, Sherra — murmurou ela. — Minha fada me disse que viesse aqui. Ela parece um pouco preocupada — a garotinha se moveu mais para perto como se necessitasse consolo ou amparo.

Sherra pegou seu comunicador sobre a penteadeira e o colocou na cabeça enquanto trocava a frequência de canal que usavam na casa. Aí se inteirou que Taber, Calam, Kane e Dawn estavam com os Lawrence, mas que não tinham deixado à garotinha sem um guarda.

— Quem está encarregado da casa? — perguntou no comunicador.

Ninguém lhe respondeu.

Tampouco escutou nada quando se trocou à frequência principal, só ruído estático.

— Cassie, viu alguém quando veio para cá? — Perguntou Sherra suavemente, movendo-se para a janela e olhando às escondidas para fora.

— Na — Cassie mantinha seu ursinho de pelúcia cada vez mais apertado. — Não vi ninguém, Sherra.

— Sabe como se esconder, Cassie? — Voltou a perguntar Sherra, sentindo uma familiar sensação de perigo subindo pela coluna vertebral.

Os olhos do Cassie aumentaram pelo medo repentino. Seu lábio inferior tremeu.

— Quero a minha mamãe — murmurou repentinamente, o som de sua respiração indicava que a garotinha conhecia muito bem os perigos que poderiam existir fora do quarto. — Mamãe nunca me deixa só.

Merda. Ninguém se movia fora. Aonde diabos estavam os guardas?

— Está bem — Sherra se voltou para a garotinha. — Poderá ficar em silêncio? Aconteça o que acontecer?

Cassie assentiu ferozmente.

— Quero que fique bem atrás de mim, Cassie. E não diga nenhuma palavra. Não faça nenhum ruído a menos que eu te diga que o faça. Vamos ao quarto de Merinus. Entendeste?

Cassie assentiu sacudindo sua cabeça rapidamente.

Movendo-se para a porta, Sherra tirou a pistola e espiou para fora cuidadosamente. Todas as portas estavam fechadas; o guarda que normalmente estava em serviço ao final do vestíbulo não estava. Maldição. Maldição.

Ela olhou para trás, à criança. Ela estava pálida, tremendo e deslocando-se muito perto, seguindo cada movimento do corpo da Sherra.

—Bem, devagar, devagar—Sherra murmurou enquanto abria a porta.

Ela entrou em salão, viu que estava vazio, rapidamente levou Cassie ao dormitório e se moveu agilmente pela segunda asa dos dormitórios do piso superior, onde estava localizada a residência de Calam e de Merinus. Fazendo uma pausa à volta no vestíbulo, esmagou ao Cassie contra a parede e também controlou a zona. Ninguém. Merda. Aonde diabos estavam todos?

Deslocando-se cuidadosamente para o vestíbulo, seus sentidos afiados como uma navalha se enfocaram para o quarto do Merinus. Estava a só três portas do quarto quando um novo aroma entrou violentamente em sua cabeça. Estranho. Diferente. .

Deteve-se. Havia duas portas entre ela e o dormitório de Merinus e uma delas poderia ser aberta apenas o suficiente e a pessoa escondida em um dos quartos as ver passar por ali.

Sherra se moveu para a porta ao lado dela. Girando o trinco, abriu-a e empurrou ao Cassie ao interior e logo foi atrás dela. Então fechou a porta tão silenciosamente como pôde, indicou-lhe à criança que guardasse silêncio enquanto se parava junto à larga janela ao outro lado da residência.

Olhando para fora, deu um suspiro de alívio quando divisou a dois guardas caminhando pelo perímetro da casa. Abrindo de par em par as cortinas ela lentamente levantou a janela, rezando para não estar lhe dando a conhecer sua posição ao inimigo tão perto dela, a só duas portas de distância. Ela estava a ponto de lhes chamar a atenção quando lhes viu cair. Primeiro um, logo o outro. Seus olhos se aumentaram. Não pôde escutar nenhum som, em um segundo tinham caído, mortos ou desmaiados, não podia estar segura. Merda. Merda. Olhando ao redor ela arrastou freneticamente Cassie para o armário ao outro lado do quarto.

— Fica aqui—colocou à criança chorosa quase à força pequeno espaço. — Falo sério, Cassie. Ninguém mais, só eu saberei onde está escondida. Não te mova daqui. Ouve-me?

Ela deixou durante alguns segundos seus lábios na orelha do Cassie, seu coração quebrando-se enquanto a garotinha se estremecia e tremia apesar de aceitar o que Sherra lhe dizia.

—Fica aqui — ela a ordenou outra vez antes de se voltar e fechar a porta lentamente.

Quem quer que fosse a pessoa que esperava no quarto acima do vestíbulo, tinha conseguido anular a comunicador e aos empregados, estava esperando silenciosamente. Mas... o que esperava?

Ela voltou para a porta e a abriu lentamente, olhou com atenção para o vestíbulo mas ao não ver nada, suspeitou imediatamente. Deu um passo para fora do quarto, encostando-se contra a parede, sustentando a arma firmemente. Um segundo

mais tarde o cabo da porta do Merinus girava. Apontando-a com sua arma, Sherra observou friamente como se abriu e como a outra mulher parou no vão, olhando-a surpreendida ao vê-la lhe apontar a pistola. Tão rápido como se abriu, a porta voltou a fechar-se e se escutou o ruído da fechadura ao travar-se. Garota preparada. Sherra sorriu com fria determinação. Ao menos a outra mulher estava a salvo. Isso era tudo o que importava. Agora quase podia sentir as ondas de fúria emanando do outro quarto. Quem quer que estava escondido ali dentro tinha visto como Merinus se escondido de volta em seu quarto. Um segundo mais tarde três detonações soaram do quarto do Merinus. Os disparos eram um claro sinal para qualquer das Espécies que estivesse o bastante perto para ouvi-los. O bastardo poderia ter tirado os guardas da casa e aos do perímetro mas não havia maneira de que se desfeito de todos eles. Ela ouviu uma maldição, suave, cheia de ameaça e dirigiu sua pistola para a altura aproximada em que se disparava, feriria gravemente em vez de matar. Havia só duas maneiras de escapar desse quarto: a janela ou a porta. Mas ela não esperava pelo que apareceu pela porta do quarto.

Roni apareceu primeiro, seguida de perto pelo enfermeiro/chofer que tinha vindo com os Lawrence vários dias antes. Havia um sorriso vitorioso na face do homem enquanto apontava sua pistola à têtpora do Roni e a mantinha cuidadosamente diante dele.

— Muito interessante — grunhiu ao vê-la — Mas não do todo boa.

Ele se enfrentou a Sherra, olhando-a com malicioso desprezo.

— Onde está a criança? Ela não estava de sua residência ou com seu guarda.

Sherra manteve sua expressão fria e sua arma preparada.

— Se soubesse, não lhe diria isso.

Seus redondos olhos brilharam intensamente com fúria.

— Solta a pistola ou a matarei.

Sherra negou com a cabeça enquanto curvava seus lábios em um sorriso zombador.

— De maneira nenhuma. E se a matas, morre no segundo seguinte.

Ele não estava nervoso. Era frio e calculista. Sustentava Roni pelos cabelos, sua pistola firmemente sobre sua têtpora. Os olhos da Sherra encontraram aos de Roni. Ela poderia ver a resignação nos olhos da outra mulher. De certa forma ele tinha tirado seus homens. Sherra não sabia como, mas o tinha feito.

— Bem, podemos considerar isto como um empate, — sorriu lentamente, como uma serpente disposto atacar. — Pensa que essa advertência vai lhe ajudar a ganhar tempo? Assegurei-me de que seus moços estivessem fora a serviço durante várias horas. É o melhor—ele grunhiu sarcasticamente. — Foram fáceis de vencer, Sherra.

Sherra apenas se encolheu de ombros

— Parece que se esqueceu de mim, entretanto. Não sou tão fácil.

Seu olhar se encontrou com a de Roni. A outra mulher subiu seus olhos para indicar a mão que a sujeitava do cabelo e logo rapidamente para o chão. Meu deus, acaso poderia ela soltar-se? Ela voltou a olhar acima novamente, esta vez freneticamente. Acima e logo abaixo. Ia atirar se ao chão? Sherra apontou sua arma para a cabeça do Roni. Se a outra mulher não se movesse o suficientemente rápido... ela tragou. Repentinamente, Roni se atirou ao chão. A pistola do homem disparou ao

mesmo tempo em que a da Sherra. A bala entrou no assassino, imediatamente ela correu para ele, separando-se de uma patada a pistola antes de ajoelhar-se ao lado do Roni.

— Bastardo! — Roni foi até ele também, o lábio franzido, a fúria lhe iluminando os olhos enquanto chutava ao assassino caído.

A porta de Merinus se abriu repentinamente ao mesmo tempo em que se ouviam passos subindo as escadas e vozes masculinas que começavam a gritar com fúria. Era tudo um caos. Kane, Calam, Taber, mais que uma dúzia de guardas Felinos e Seth Lawrence entraram precipitadamente no vestibulo.

— Está feliz agora, senhor Lawrence? — Sherra lhe disse na face ao tempo que Taber corria a procurar a sua esposa. — Valeu a pena?

Ele ficou com os olhos fixos no motorista atirado no chão, seu olhar taciturno, cheio de sofrimento antes de olhar a sua irmã. O arrependimento brilhou em seus olhos.

— Não, senhorita Callahan, não valeu — mas não se separou a vista de sua irmã.

— Sherra, não o matou — Kane disse surpreso enquanto deixava o corpo caído. — Não foi uma ferida mortal.

— Não, não lhe matei, ainda não — ela respondeu ao voltar-se para ele. — Primeiro quero saber quem lhe constatou. Logo o matarei — ela ficou com o olhar fixo no Kane, seus olhos delatavam sua fúria brutal. — Esta vez, a Lei das Espécies será aplicada.

Ela trocou de direção e partiu de volta ao quarto onde Cassie aguardava sua volta. Abrindo a porta do armário, ela se ajoelhou diante da criança chorosa, seu coração triste. Cassie não emitia nem um som, mas seus pequenos ombros se estremeciam violentamente enquanto mantinha abraçado a seu ursinho de pelúcia.

— Vamos, Cassie. Já passou — Sherra murmurou enquanto a abraçava.

— Quero a minha mamãe — os soluços eram dilaceradores. — Quero a minha mamãe agora. Agora. Se não me levarem para minha mamãe, vou morder a todos. Morderei... Morderei... — ela enterrou sua cabeça no ombro de Sherra, seus braços apertando-se em um abraço enquanto seu seu choro era ouvido por toda a residência.

Sherra se voltou para o Kane, as lágrimas enchendo seus olhos enquanto ele a contemplava dolorido.

— Vem para cá, Cassie — Calam se deslocou até onde estava Sherra, sua esposa sempre junto a ele enquanto tomava à garotinha dos braços de sua irmã.

Ela foi sem problemas e embora suas lágrimas não parassem, tampouco seus pedidos para que sua mamãe voltasse. Kane tomou a Sherra em seus braços e ela, só então se deu conta de que estava tremendo, estremecia-se violentamente reagindo ao que tinha passado, fúria e medo sacudindo-se através dela. Sherra envolveu seus braços ao redor de seus ombros e enterrando sua face contra seu pescoço deixou fluir livremente suas lágrimas. Chorou pelo passado, pelas traições, pelas perdas, pelo criança que nunca tinham conhecido. A amargura fluiu profundamente em seus soluços entrecortados ao abraçá-lo a ele. A seu suporte, a seu coração.

Os terríveis Tylers chegaram à propriedade em umas horas. Seis irmãos, junto com seu pai, John Tyler e seu tio, o Senador Samuel Tyler. Era uma loucura e Sherra entendia completamente por que Merinus era sempre tão relutante aos ter todos eles na fazenda ao mesmo tempo. Eram teimosos e fechados. Cada um tinha sua própria idéia de como deveriam fazer as coisas e cada discussão se convertia em uma guerra de palavras. Entretanto, todos eles amavam Merinus e estavam decididos a ficar ali durante o tempo que precisasse para assegurarem-se de que estivesse protegida.

—Isto é bom, Sherra —Tanner, que estava parado no amplo refeitório, bem ao lado dela, o comentário enquanto ambos olhavam, espantados, como a fúria ia crescendo com cada discussão. —Terminarão matando-se uns aos outros.

Sherra bufou distraidamente.

—I sso nos poderia solucionar o problema.

Tanner riu. Sua risada contagiante fez rir.

— Olhe bem como revoam ao redor de Merinus e Roni —ele assinalou com a cabeça ao grupo de homens que incluía a Calam e ao Taber.

Merinus estava como se algo lhe doesse terrivelmente enquanto tentava ficar de pé. Imediatamente, ao menos uma meia dúzia dos homens que a rodeavam se equilibraram para ajudá-la. Aproveitando que estavam ocupados, Roni tentou escapar, mas nem isso foi possível. No momento as duas mulheres estavam presas no meio de um protetor inferno de testosterona. Por sorte, Kane tinha escutado quando Sherra tinha mostrado seus dentes e tinha grunhido que ela mataria ao primeiro homem que tratasse de protegê-la.

— Essas pobres mulheres — ela exclamou apenas.

Aí foi quando Tanner voltou seu olhar para ela. Seu raro cabelo negro com raios douradas caiu sobre sua fronte; os fios de ouro que cruzavam sua juba faziam jogo com a cor âmbar de seus olhos. Eram de um estranho e fantástica âmbar, quase resplandeciam em sua misteriosa face bronzeada.

Enquanto tinham estado escondidos, ele tinha usado lentes de contato de outra cor e tinha tingido seu cabelo, assim Sherra estava acostumada a uma versão menos colorida de seu irmão. Agora ele não fazia nada para ocultar o que era e tentava compensar os anos em que se viu forçado a disfarçar sua natureza verdadeira.

— Quando vais dizer lhe ao Kane que está grávida? —ele a surpreendeu com a pergunta, dita em voz tão baixa que só ela pôde ouvi-lo, mas a risada na voz lhe fez querer atingi-lo.

Sherra ficou rígida. Ela tinha sido informada há apenas uma hora, durante o exame que Kane tinha pedido que lhe fizesse. Por sorte seu companheiro tinha estado ocupado patrulhando o território e não tinha estado com ela durante a visita.

O doutor Martin estava tão confundido pela gravidez como ela mesma. Segundo ele, o hormônio destilado por seu corpo tinha começado de algum jeito a reparar o ferimento em suas trombas do Falópio e tinha curado da operação que ele tinha praticado anos atrás, para prepará-la para a fertilização de seu útero.

Ele se arranhou a cabeça e resmungou algumas frases vagas que não tinham muito sentido mais que para reafirmar que as Espécies ainda eram um enigma e que ele necessitava mais ajuda.

— Sem resposta? — Tanner sorriu, quando ela ficou silenciosa.

— Cale-se, Tanner — ela grunhiu. — me dê uma oportunidade para me acostumar eu mesma.

Não podia acreditar o que estava acontecendo. Era mais do que tinha pedido em suas orações. Sobressaltou-se enquanto via as duas mulheres sentadas no refeitório, lutando por respirar, enquanto os homens a seu redor discutiam sobre como as proteger e ignoravam completamente os intentos delas escapar. Rogava que isso não fosse o que destinava a ela nos meses vindouros de sua gravidez. Aquilo a poria louca.

— Diga a eles — ele inclinou a cabeça para o quarto, com uma risada abafada.

Ela começava a lamentar a volta de Tanner. Seu helicóptero tinha aterrissado antes que o dos Tyler, lhe levando a ele, ao Merc e ao Simon Quatres. Rapidamente tinham carregado a Cassie na máquina para levá-la ao lado de sua mãe ferida. Dash e Elizabeth tinham completado sua missão, triunfando sobre a ameaça mais perigosa para a vida do Cassie. A pequena família seria escondida uma vez que Elizabeth se recuperasse, ao menos isso lhe tinha informado Tanner. Cassie, e o bebê que Elizabeth estava gerando, seguiriam estando em perigo até que o mundo aceitasse às novas espécies. E não parecia que isso fosse algo que ia passar logo.

— Tanner, vai encontrar outra pessoa para torturar e atormentar — Lhe ordenou Sherra finalmente, enquanto seu olhar procurava Kane antes de olhar lentamente para cima.

Realmente, ela precisava compartilhar as notícias com ele, queria ver seu rosto quando lhe dissesse que ele ia ser pai. Precisava exorcizar aos fantasmas do passado.

No momento que Kane se voltava para seu próprio pai, um repentino chiado varreu completamente o ambiente. Os olhos de todos se voltaram para Merinus, surpreendidos de ver que ela cravava seu olhar furioso em todos eles.

— Basta, maldição! — gritou aos homens da residência enquanto Roni, de um salto, empurrava a mão do Taber para ir ao lado da outra mulher. — Estamos grávidas, não feridas e definitivamente não estamos incapacitadas. Terminem de uma vez com todo este lixo machista.

Um silêncio assombrado encheu o lugar enquanto ela reforçava suas palavras com uma dura bofetada na cabeça do Gray, seu irmão mais jovem, quando ele começou a discutir. E não era uma pequena palmada fraternal.

— Agora — Merinus arrumou os ombros de seu vestido enquanto os olhava estreitando os olhos. — Estou aborrecida com todos vocês. Quero um copo de leite, um pacote de Aerados e um pouco de paz. Podem brigar tudo o que queiram, mas Roni e eu já tivemos o bastante. Queremos nosso leite e nossas bolachas em meu quarto imediatamente.

As duas mulheres se moviam para a porta quando os gêmeos se levantaram de seus assentos com toda a intenção de lhes bloquear a saída.

— Voltem para seus lugares, imbecis — grunhiu Merinus. — antes que cumpra minha ameaça de disparar em todos.

Sentaram-se, embora sorrisos com indulgentes em sua faces.

— Melhor escapar, Sherra — resmungou Merinus enquanto Tanner dava um passo para deixá-la passar. — É a próxima.

Sherra grunhiu, sua mão acariciando a culatra de sua arma ainda sujeita em sua coxa.

— Só que eu não ameaçarei disparar — resmungou. — Dispararei.

Lançou a Kane um olhar de advertência. Em troca, recebeu um sorriso malvado, quase atrevido. Um sorriso que fez que seu pulso se agitasse vigorosamente e que lhe umedecesse a vagina de antecipação. Merinus e Roni passaram rapidamente a seu lado e se encaminharam para o elevador situado no extremo mais afastado da entrada. Evidentemente, nesse momento Merinus estava muito segura do que fazia. Enquanto se voltava para o Kane, Sherra se perguntou como encararia a situação se ele tentasse protegê-la. Para sua surpresa, o pensamento do Kane revoando sobre ela e sua criança não lhe incomodou muito. Entretanto, esses seus irmãos teriam que ir-se.

— Proponho que acabem esta discussão por agora — anunciou Kane quando Sherra indicou, outra vez, seu desejo de retornar a seu quarto. — Caleb — ele se virou atrás de um dos gêmeos — você e Seth reúnam a todo mundo e comecem os planos para o começo das casas. Tio Sam, deverá fazer algo com a Aliança das Espécies no D.C. Quero um satélite de inteligência de primeira geração instalado nessas cavernas. Papai, mais tarde reúna com Merinus para ver o relatório que ela está preparando, queremos uma cobertura global sobre este tema. Sua voz se endureceu com as últimas palavras, seu olhar se voltou gelada enquanto a fúria ameaçava subindo à superfície. O assassino tinha chegado muito perto da irmã a que todos eles apreciavam. Não deixariam que isso voltasse a ocorrer. Quando Kane caminhou a grandes passos para ela, Sherra sentiu que a presença de lhe infundia uma prazerosa segurança e calor a todo seu ser. Lhe pertencia. Finalmente. Completamente. Sua mão se moveu sobre seu abdômen, seus dedos estendendo-se enquanto a verdade a alcançava. O filho de ambos descansava ali. Seu bebê. A alegria que floresceu no coração se esparramou por todo seu corpo enquanto seus lábios se curvavam em um sorriso incontido.

Kane se deteve perto dela, contemplando a alegria, a felicidade completa e absoluta refletida em sua face e que parecia acender todo o quarto a seu redor. Sherra brilhava, emitia calor e uma luz radiante que o surpreendeu. Parecia como se seus olhos estivessem mais verdes, sua pele suave mais sedosa e, entretanto, ao mesmo tempo parecia mais misteriosa e, contraditoriamente, mais perto dele, de suas carícias, que nunca antes na vida. Fixou seu olhar sobre ela. O que estava diferente? Logo seus olhos se detiveram no abdômen dela, os dedos estendidos como se queriam proteger algo. Ele sentiu que lhe desbocava o coração batendo a toda velocidade e que lhe secava a boca. O calor tinha começado a afrouxar, justo agora ele se dava conta disso. Tinha havido alguns momentos nos quais ele não tinha desejado desesperadamente estar dentro dela. Não eram muitos esses momentos, tinha que admitir. E embora o desejo estivesse ainda ali, era muito mais natural, mais suave. Deu outro passo para ela, apenas conciente de que os outros seguiam detrás dele, o silêncio rodeando-os. Tudo o que ele podia ouvir eram os batimentos de seu próprio

coração; tudo o que podia ver era o conhecimento resplandecendo nos olhos da Sherra. E isso o colocou de joelhos. Literalmente.

— Kane — a exclamação emocionada dela não o deteve, tirou-a dos quadris e lhe enterrou sua face sobre estômago.

Estava afligido. A emoção lhe atingia por dentro, lhe rasgando o peito, enchendo seu coração. Ela levava seu bebê. Ele podia jurar que era capaz de senti-lo sob sua face, a vida, uma renovação de todos os sonhos que ambos já tinham considerado perdidos.

— Amo-te — Envolveu seus braços ao redor dela enquanto lhe dava um terno beijo sobre seu abdômen. — Que Deus me ajude Sherra, amo-te.

— Kane, estão lhe olhando — ela murmurou, mas não havia vergonha em sua voz, só risada, só amor.

— Deixe-os olhar — ele se moveu apenas para observar enquanto estendia seus dedos sobre o estômago plano.

Tremiam-lhe os dedos e, por todos os infernos, também seu corpo inteiro enquanto a olhava e via em seu olhar emocionado a segurança de que uma criança crescia em seu corpo.

— Como aconteceu? — ele sacudiu a cabeça ao perguntar. Já se tinha resignado a nunca ter curada a ferida aberta e que essa parte do passado ia ser dura para os dois.

Ela estendeu a mão, as pontas de seus dedos lhe tocavam a face.

— Doc não está seguro — ela pigarreou, enquanto percorria com o olhar o quarto cheio de homens atrás deles. — Kane, se eles começarem revoar sobre mim, vou ter que disparar.

— Ignora-os — ele sacudiu a cabeça enquanto se incorporava. — Está segura?

Ele não podia deixar de tocá-la. A mão dela descansava sobre seu ombro agora enquanto lhe acariciava a suave pele do braço, maravilhado com o milagre que ela representava em sua vida.

— Bom, o doutor diz que é assim — ela encolheu os ombros com um pequeno sorriso. — O que pensa você?

Kane percorreu com o olhar ao grupo detrás deles. Seus malditos irmãos riam dissimuladamente, mas estava bem, poderiam zombar de tudo o que quisessem agora que ele tinha o mundo entre seus braços.

Ele se voltou para ela com um sorriso aberto e murmurou:

— Penso que precisamos sair e comprová-lo nós mesmos, para estar seguros, quero dizer.

A risada dela foi um bálsamo para sua alma, um som de alegria, de sonhos e de todas as teimosas esperanças que ele tinha conduzido consigo durante anos.

— Definitivamente — lhe respondeu ela, voltando-se para ir para as escadas.

Kane não lhe deu tempo nem para dar um passo. Em lugar disso, levantou-a entre seus braços.

— Maldição, Kane, dispararei em você também — ameaçou com ferocidade enquanto ele subia em marcha pelas escadas. — Me desça antes que me deixe cair.

— Nem pense disse olhando-a, adorando o pequeno cenho franzido na face dela enquanto a levava a dormitório. — Nunca te deixarei cair, Carinho, e nunca te deixarei ir. Nunca mais, Sherra.

Ela tocou sua face e o calor explodiu em dentro dele. Um carinho, dado livremente, a carícia de uma companheira, assim o tinha chamado ele quando tinha visto ocorrer entre Calam e Merinus.

— Nunca mais, Kane — concordou antes de deixar que sua cabeça descansasse contra o ombro dele e que seus braços se enroscassem ao redor de seus ombros enquanto o abraçava forte — Nunca mais.



Epílogo

ELLORA'S CAVE PRESENTS

Kane, cansado, massageou seu pescoço, a dor pelo golpe recebido no dia anterior ainda era intenso. Entretanto, o golpe recebido em seu orgulho tinha sido pior. Quando ele tinha entrado andando na casa de hóspedes, não estava preparado. O que não era nenhuma desculpa.

Os guardas tinham estado fora da casa de hóspedes, relaxaram-se e estavam tranquilos. O chofer tinha sido cordial com ele ao lhe abrir a porta. Não tinha havido nenhuma advertência do que lhe esperava dentro. Um segundo mais tarde, uma dor queimando o tinha deixado inconsciente. Tão inconsciente como o estavam Calam, Taber e Dawn. O assassino não tinha desperdiçado tempo. Os guardas da casa tinham sido sistematicamente neutralizados e amarrados de pés e mãos. Ele tinha encontrado primeiro Roni, levando-a com ele. Cassie tinha saído de seu quarto para então, frustrando seus intentos de aproximar-se dela. Enquanto conseguia chegar ao quarto do Merinus, um ruído através do salão o tinha feito esconder-se a toda pressa no dormitório extra. Provavelmente tinha sido o pequeno golpe do Cassie na porta da Sherra. O assassino tinha sido contratado pelo Aaron Lawrence para ajudar a seqüestrar a sua filha. Mas mais tarde, o maldito tinha se aproximado de integrantes da Associação de Puristas para matá-la em lugar de tão somente seqüestrá-la. Finalmente, ele tinha usado ao velho Lawrence para acessar ao recinto e levar a cabo o plano que a Associação tinha desenhado. Esta sociedade se mantinha, graças ao apoio secreto que lhe brindavam os membros que sobravam do Conselho de Genética. E quase tinha tido êxito.

— Isto deve parar de uma vez — Calam se levantou e ficou junto à janela de seu escritório, seus ombros erguidos, sua larga juba atada em sua nuca com uma tira de couro. Sua aparência era tão selvagem como sua natureza. — Um dia destes, terão êxito.

Kane passou as mãos sobre seu cabelo curto, enquanto cravava os olhos em sua irmã imóvel. Merinus tinha falado pouco desde que tinha entrado na reunião. Entretanto, ela tinha estado chorando. Seus olhos estavam vermelhos e inchados pelas lágrimas. Dawn ainda estava na enfermaria no andar de baixo. Ela se tinha levado a pior das feridas. Tinha sido primeira a que o assassino tinha atacado. Depois de tirar os outros dois guardas, o assassino os tinha torturado, tanto a ela como ao Seth Lawrence, enquanto a atingia repetidamente e a ameaçava violando se não lhe dissesse a localização exata dos quartos.

— Promulgaremos a Lei das Espécies — Sherra falou bruscamente. — Temos razão para fazê-lo.

— Se vocês promoverem a Lei vão perder a maior parte do apoio da opinião pública — o conselheiro de governo, o Senador Samuel Tyler, o tio do Kane, olhou-os a toda com compaixão. — Também perderão o apoio dentro do governo. As coisas poderiam ir abaixo muito rapidamente, Sherra.

— E não é isso o que está acontecendo agora? — ela se voltou furiosamente contra o distinto político. — Foi a sua sobrinha que esse homem quase matou Tyler. Aprovava você a Lei se ele tivesse tido êxito?

— Eu o teria matado — lhe respondeu, tão zangado quanto ela estava, seus olhos marrons obscurecendo-se ainda mais ao confrontá-la. — Não estou dizendo o que têm que fazer, Sherra, só digo que não importa quem seja a vítima, isto é o que vai acontecer. Um ato de agressão das Espécies só jogará combustível adicional aos Puristas. A sua vez, a propaganda poderia destruir qualquer oportunidade de aceitação que pudessem ter.

— Bom, demônios, então lhes permitam nos caçar a nós e a nossas crianças um por um — respondeu. — Faz uma semana, você e seu agente deixaram livre esse bastardo, que disparou o míssil na nossa casa. O filho de puta já está livre e há outros para tomar seu lugar. Onde se detém isto, Senador?

— Já é o suficiente, Sherra — Kane ficou de pé cansadamente, sem querer presenciar o perigo que significava converter todo em uma batalha entre as Espécies e o Governo. — Esta não é a maneira de fazê-lo.

Ele envolveu os dedos ao redor da nuca da Sherra, massageando os músculos tensos, enquanto ela se apoiava nele comodamente. Sua expressão era de preocupação enquanto com a outra mão cobria o abdômen. Seu bebe descansava ali. Outra criança em perigo.

— Contra-atacaremos — a voz de Calam os aquietou a todos eles.

— Calam, pensa bem nisto... — Sam Tyler lhe falou sem temor.

— Cale-se, Sam — John Tyler, o patriarca da família lhe ordenou serenamente. — Sei qual é a sua posição. Se não quer ouvir o que há pra ser dito, então volte para Washington. Maldito seja se acredita que vou te respaldar desta vez.

Kane se voltou para seu pai. Os irmãos Tyler rodeavam Merinus. Todos eles. O quarto onde se acontecia a reunião estava repleto. Kane sabia o que estava a ponto de acontecer. Ele sabia por que era uma sugestão que ele tinha feito a si mesmo fazia mais de um mês atrás.

Calam retornou ao centro do quarto. — Contra-atacaremos aos Puristas e aos membros Conselho que estão tratando de nos atacar.

— Contra-ataque? — Sam estava a ponto de sofrer outra de suas sacudidas políticas, Kane o podia ver. Por sorte, ele poderia ser um bastardo às vezes mas no que à família se referia era um muito leal.

— Merc formará duas equipes — explicou Calam friamente. — Querem enviar assassinos? Deixem-nos ver o que lhe ocorre quando se enfrentarem com gente adestrada para destruir, diariamente, a homens como esses. Eles mesmos nos estavam adestrando para rastrear, caçar e matar. Tanner e Merinus, junto com o John e o jornal, manterão a propaganda favorável constante. Mas nossa gente vai promulgar a Lei das Espécies agora. Silenciosamente. Eventualmente, captarão a mensagem. Não haverá nenhuma chamada mais para Washington depois de um ataque. Não haverá mais súplicas de justiça. Cuidaremos do que é nosso.

Sam contemplou aos homens e as mulheres que o confrontavam. Kane podia ver a resignação junto à aceitação em seu olhar.

— Me diga de que vocês precisam — disse então — Assegurarei de que o obtenham.

— Deixo isto com você. É muito tarde para ocultá-lo — Replicou Calam, sua voz desapaixonada — Se o assassino é liberado por seu pseudo-sistema de justiça,

então dentro de um mês, encontrará-se com um fim muito desafortunado. Desde este dia em diante, nos asseguraremos de que certos assuntos da Espécie permaneçam assim. Assuntos da Espécie.

— Que não lhe prendam — Sam fez o pedido sem muito tato. — Deus ajude a todos, Calam, se lhe prenderem.

— Deus ajude a todos, Senador, se isto não se detiver. Não verei morrer a ninguém mais de minha gente enquanto imploro justiça como um mendigo. Nego-me a permitir que esta situação continue. Daqui em diante vamos devolver os golpes.

Tanner entrou na enfermaria, seu olhar dirigido para a cama estreita, onde podia ver a pequena forma de sua companheira de Manada e ao homem silenciosamente sentando ao lado dela.

— Não se despertou ainda? — ele se sentou na cadeira ao outro lado da cama.

Seth Lawrence exalou profundamente.

— Durante alguns minutos. E não disse nada.

Tanner assentiu com a cabeça.

— Violaram-na nesses laboratórios — disse cravando os olhos na mulher inconsciente. — Sem drogas, sem nada. Ela era o menor animal da ninhada e eles desfrutaram machucando-a.

Ele viu como a fúria enchia os olhos do Lawrence.

— Tenho lido todos os informes das audiências do Senado — sua voz soava suave, mas cheia de fúria. — Não necessito que me conte isso outra vez.

Tanner se inclinou para frente, apoiando seus braços na cama enquanto acariciava um fio de cabelo dourado da bochecha do Dawn. Ele se dava conta dos olhos do Seth estreitando-se, da maneira em que seu corpo se endureceu ao ver a simples familiaridade do Tanner com a mulher.

— Gosta dela. — Disse Tanner suavemente. — Dawn não gosta de muito homens, como poderá imaginar.

Seth levantou outra vez o olhar da face do Dawn, a escuridão de sua expressão, ameaçador.

— O que quer, Tanner? — perguntou, sua paciência obviamente ao limite.

Tanner sorriu abertamente ao escutá-lo. Ele colocava a prova a paciência de todo o mundo. De todos, menos a do Dawn.

— Não a deixe ir — disse por fim, suavemente. — Quando ela despertar, todas as feridas que tinham cicatrizado da morte de Dayan estarão abertas. Ela se retrairá uma vez mais e tratará de esquecer-se de que ali há uma vida para ser vivida de uma formosa maneira, não brigando sempre. Não a deixe fazê-lo.

Os olhos do Seth se estreitaram. Tanner podia ver porque Dawn o atraía. Era bastante parecido com Calam, quieto e seguro, mas o suficientemente forte para brigar quando fosse necessário. Se havia algum homem que pudesse se ocupar do passado que ela tinha sofrido, então esse seria Seth.

— Não era essa minha intenção — disse friamente. — O que te faz pensar que isso era o que eu ia fazer?

Tanner negou com a cabeça. — Ela é diferente. A muitos homens não gosta disso. Dawn pode matar a um homem muito mais rápido do que ela consideraria beijar

a um. Nunca foi tocada por um amante e talvez se algum tratasse de fazê-lo isso a aterrorizaria. Não tem uma briga fácil entre as mãos.

—Não brigarei com ela—Seth negou com a cabeça,—mas tampouco irei. O resto será a decisão de Dawn, Tanner. Nem tua nem minha.

Tanner voltou a olhar fixamente à face silenciosa de sua irmã.

—Esperemos que aguento com a opção que escolheu, meu amigo—Tanner disse enquanto ficava de pé.—Irei logo; não estarei aqui para cuidá-la. E quero que saiba, se a machucar, eu te matarei.

O olhar do Seth se tornou zombadora

—Por que não a comerciais para você, Tanner?—perguntou-lhe sarcasticamente.

Tanner sorriu e negou com a cabeça. Ele teve um pressentimento de que era uma coisa boa que não considerasse o Dawn do ponto de vista sexual, não estava seguro de querer brigar por ela com um competidor tão sórdido como podia perceber que era Seth Lawrence.

— Ela não era para que eu a reclamasse — disse finalmente. — Se fosse sido, então o teria feito agora e esta conversa não teria lugar. Mas nunca duvide do meu afeto por ela, Seth. Sempre a quererei. E assim como o bastardo que a tocou ontem é um homem morto, assim acontecerá com você se a machucar. Recorda-o bem.

Ele saiu do quarto antes que o outro homem pudesse responder. Fora da residência, Cabal estava apoiado preguiçosamente contra a parede, o vigiando curiosamente.

— As ameaças não são efetivas com todo mundo, Tanner — lhe disse serenamente enquanto empurrava para trás seu cabelo moreno com uma dourada raia negra se separando o de sua face.

Eram duas partes de um, ele e Cabal. Não exatamente irmãos, a não ser imagens da mesma criatura e freqüentemente com personalidades opostas. Onde Tanner ria, amava e desfrutava de cada dia como lhe apresentava, Cabal questionava, explorava e quase não considerava a possibilidade do amor.

— Não era uma ameaça, era uma promessa — grunhiu Tanner. Todo inteligente?

— Todo empacotado e carregado — Cabal inclinou a cabeça enquanto se separava da parede. — Está seguro disto?

Tanner sorriu, descobrindo seus dentes em um sorriso selvagem.

— Oh, sim. Estou condenadamente seguro. Vamos ver o que Tallant, o membro do Conselho, pensa quando perceber que é sua filha que está sendo abusada. A Lei da Casta, Cabal, tem muitas pontas soltas.

FIM